EDIÇÃO ESPECIAL DE ANIVERSÁRIO: MAIS DE 100 PÁGINAS!

Nº 12
Junho 1988
Cr$ 20,00

BIZZ

PROMOÇÃO:
4.000
LPs!

POSTER
PAULO
RICARDO

A DINASTIA LENNON

JESUS & MARY CHAIN •
LOBÃO • BARÃO VERMELHO •
SEX PISTOLS • MADONNA 86

TE CUIDA
MADONNA
PATSY
VEM AÍ

LEGIÃO URBANA

"DOIS"

EMI

EM DISCOS E FITAS

JULHO 86

BIZZ

Foto Cláudia Damian

Ele não quer mais nenhuma chance. Mas a gente dá. Lobão fala na pág. 51

É assim se passou um ano: o rock deixou de ser um vírus estranho ao organismo brasileiro e se transformou num fato da vida. BIZZ acompanhou esta evolução passo a passo, riff a riff. Para celebrar estes primeiros doze meses de checagem constante do pulso jovem — sempre atentando para os principais sinais de vida inteligente na música, no cinema e no vídeo — resolvemos apontar nossas baterias para o futuro. Formulamos uma pergunta capciosa — quem e o que vai ser quente? Quem e o que, daqui a muito pouco, estará ocupando rádios, estádios, TVs e capas de revista? — a um time atento: **José Augusto Lemos, Hermano Jr.** (antropólogo e irmão de um Paralama que usava óculos) e **Ana Maria Bahiana.**

Bem, ilustradas as respectivas bolinhas de cristal, as respostas dadas por nosso pelotão de visionários diferiram bastante entre si. Mas foram tão cativantes e instrutivas que viraram nossa matéria de capa, ilustrada pela fulgurante atriz/cantora inglesa **Patsy Kensit,** estrela do filme *Absolute Beginners* que tem tudo para desbancar **Madonna** na galáxia pop.

Lobão tem enchido páginas de jornais com diatribes corrosivas, atingindo, sem distinção, veteranos e contemporâneos. Enviamos **Sônia Maia** para investigar esta verborrágica criatura lupina. Ela voltou com uma entrevistona bastante iluminadora.

Esta edição também traz uma radiografia completa — assim esperamos — do legado musical deixado por **John Lennon,** a partir das carreiras de **Julian Lennon** e **Yoko Ono.** A questão é: haverá uma Dinastia Lennon?

No front nacional **Tom Leão** achou **Celso Blues Boy** bebendo cerveja salpicada de sal e tirou dele algumas pérolas do que se poderia chamar "filosofia marginal". Enquanto isto o **Barão Vermelho** considera as possibilidades abertas após a saída de **Cazuza.**

E já que a ocasião é para festa, aumente o som. Afinal BIZZ é ou não a revista que toca? *Cheers!*

José Emilio Rondeau

ESTE MÊS

26 **O ESTOURO DE AMANHÃ**
Quatro sabichões se metem em futurologia pop

38 **MADONNA**
Um novo lay-out para a garota materialista » *José Emilio Rondeau*

42 **JESUS & MARY CHAIN**
O quarteto escocês entrevistado na Califórnia » *Pepe Escobar*

44 **CELSO BLUES BOY**
Ele não nasceu no delta do Mississipi » *Tom Leão*

46 **A DINASTIA LENNON**
Julian, Yoko e o espólio de um ex-beatle

62 **BARÃO VERMELHO**
Rhythm'n blues carioca em fase pós-Cazuza

64 **BIQUINI CAVADÃO**
Enfiados no mundo da lua » *Sônia Maia*

80 **ESTILO ROCK**
Roqueiros que fizeram a moda

TODO MÊS

6 **SHOWBIZZ**
Notas, notícias e boatos

14 **PARADAS**
Estados Unidos, Grã-Bretanha
e Parada do Leitor

16 **LANÇAMENTOS**
Discos quentinhos da boca do forno

24 **VÍDEO BIZZ**
Uma garimpada no acervo dos videoclubes

51 **ENTREVISTA**
João Luis Woerdenbag, o "Lobão"

60 **HEAVY METAL**
Um noticiário especial para
o mundo da pauleira

66 **AO VIVO**
Wayne Shorter & Milton, Dizzy Gillespie, James Brown, Violent Femmes e Paralamas do Sucesso

72 **VISUAL CINEMA**
Highlander, O Ano do Dragão e Comando Delta

78 **VISUAL CLIP**
"Sledgehammer" de Peter Gabriel

88 **PORÃO**
Test Department, Finis Africae e De Falla

92 **LETRAS**
"Absolute Beginners" de *David Bowie*

94 **MEU INSTRUMENTO**
Naná Vasconcelos

96 **AIR MAIL**
Pepe Escobar passeia pelo globo terrestre

100 **CARTAS E SERVIÇOS**

102 **DISCOTECA BÁSICA**
As obras-primas. *Never Mind the Bollocks* dos *Sex Pistols*

104 **CLAUDETTE POODLE E SUA POLAROID**
A colunista que veio para envenenar

Foto de capa cortesia WEA. Foto do poster Cleber V. Garcia

TERRA

NÃO JOGUE ESTE TALENTO FORA NA HORA DE OUVIR.

Antes da música chegar até você, ela passa por muitos caminhos : desde a criação, a produção, a gravação. E o ponto mais crítico, é a reprodução. É nessa hora que a Cygnus entra com a sua tecnologia, rompendo essa barreira do som, e levando até sua casa o som profissional de verdade. É uma tecnologia à frente do tempo e dos limites do som comum, aplicada em powers, amplificadores, mixers, caixas acústicas, etc. Cygnus: tudo o que você precisa para ouvir, em close, todas as nuances do som.

CYGNUS

ESTÁ ROMPIDA A BARREIRA DO SOM

ESTA É A MINHA VIDA

Foto Adrian Boot, LFI

Bob Geldof vai lançar seu primeiro solo

Quem está lançando um livro de memórias é o ilustre candidato ao Nobel, **Bob Geldof**. Com o título de *Is That It?* ("É Isso Aí?"), a obra deve agora dar um pouco de lucro para o desgrenhado irlandês, que se diz sentir culpado por não doar o tutu resultante para seus amigos etíopes. Mas se desculpa alegando estar endividado até o pescoço.

Outro projeto de Santo Bob é seu primeiro disco solo, prometido para breve e que não implica no fim de seu grupo, os **Boomtown Rats**. É que, para acertar o contrato, a gravadora exigiu um solito antes de qualquer lançamento da banda.

E esse Nobel, sai ou não sai?

BRUCE POR INTEIRO

Foto Neal Preston, LFI

O chefão Springsteen, sentado no topo do mundo, pelos menos para os seus fãs

Virginia, a irmã mais velha de **Bruce Springsteen**, acaba de ter seu terceiro filho. E Pam, a irmã mais nova, vai aparecer numa ponta do filme *Modern Girl*.

Estas notícias não saem em revistas e jornais, mas fazem parte do pão de cada dia dos insaciáveis fãs americanos de Bruce. E eles têm agora um meio de saber tudo sobre ele, fazendo inclusive suas próprias perguntas. É a *Bruce Party Line* — uma linha telefônica que atende 24 horas por dia. Em Los Angeles, (213) 205-7980. Em Nova York, (212) 989-2233. Quem criou a Party Line foi **Bert Epstein**, que tem um consolo para os fãs brasileiros do Boss: um jornalzinho editado por ele, inteirinho sobre Springsteen. Chama-se *Fever* e sua assinatura anual custa doze dólares. Escreva para *The Fever, Bruce Springsteen Newsletter*, P.O. Box 62261, Los Angeles, CA 90067.

A GENTE SOMOS JAZZ

Dobradinha brasileira nas paradas americanas, e não é na famigerada parada latina (o quintal favorito de Julio Iglesias).

Na parada de LPs de jazz da *Billboard* de 24 de maio, figuram os senhores Milton Nascimento (com *Encontros e Despedidas* em 26.º) e Ivan Lins (com *Juntos* entrando direto em 35.º).

TOCOU, PAGOU

O **Queen** foi multado em duas mil libras — cerca de 400 mil cruzados — por ter se apresentado em Sun City mais de um ano atrás. Os executores da multa são os músicos sindicalizados na Inglaterra.

OUÇA ESSA

"Achei lindo o ombro do Paulo Ricardo."

Caetano Veloso

OZZY PARA O OSCAR

Era só o que faltava. Ou melhor, era só quem faltava na festa que as estrelas, estrelinhas e estrelonas pop andam fazendo no meio cinematográfico.

Pois o impagável **Ozzy Osbourne** está estreando como ator no longa-metragem *Trick or Treat*, com lançamento previsto para 31 de outubro nos States. Ele faz o papel de um desses pregadores que infestam a TV americana.

Declaração do velho homem da pauleira: "Se eu não ganhar um Oscar, vou para uma clínica psiquiátrica". Para muita gente, ele já devia estar lá.

Foto Frank Griffin, LFI

Ozzy Osbourne agora vai fazer cinema

MILTON FOR EXPORT

Começou em junho a excursão norte-americana de **Milton Nascimento**. Acompanhado pelo baixista **Nico Assunção**, o guitarrista **Ricardo Silveira**, o baterista **Robertinho Silva** (nenhum parentesco) e o tecladista **Luizinho Azevedo**, ele percorrerá Austin, Los Angeles, São Francisco, Denver, Chicago, Detroit, Nova York e Boston. Depois, manda-se para Montreal, no Canadá e, em seguida, parte para a Europa. BIZZ já tem seu agente infiltrado na excursão, o iluminador **Cézio Lima**, que fará relatórios constantes sobre a *tour* para futuras edições. Em algumas paradas da turnê, Milton receberá visitas no palco de **Pat Metheny, Miles Davis** e **Wayne Shorter**. Haja canja!

JESUS E O PODRE VÊM AÍ

Era uma vez um presidente de gravadora brasileiro que recebeu um telefonema transatlântico. Na linha um empresário oferecia uma turnê conjunta que traria ao Brasil, pela primeira vez, o **Public Image Ltd.** de Johnny "ex-Podre" Lydon mais **The Jesus and Mary Chain**. O presidente de gravadora, dono do passe do PiL por essas plagas, não pestanejou e disse sim. Resultado: não é nada improvável que em setembro os cariocas façam uma peregrinação ao Maracanãzinho envergado suas camisas pretas. Só resta torcer para que a turnê não gore. Quem quiser, pode começar a corrente do Tem Que Dark Certo.

Foto LFI

O PiL na época Flowers of Romance ('81)

CHERNOBYL AID

Foto Shone, Sipa Press

Alla Pougatchova, superstar soviética

Inspirados nos Live Aid da vida, os russos organizaram — no dia 30 de maio — um superconcerto para ajudar as vítimas da recente catástrofe atômica de Chernobyl.

Apesar do rock ser visto pelas autoridades soviéticas como um fenômeno típico do capitalismo decadente, o show foi um sucesso (o maior da história do país) e arrecadou o equivalente a 150 mil dólares. Estrelas como a popularíssima (ia, of course) **Alla Pougatchova** atraíram um público de 25 mil pessoas.

Sting pode ficar tranquilo: os russos também amam seus filhos!

MOVIMENTAÇÃO DE ESTÚDIO

Mês de férias nos estúdios. A RCA entra com **Alcione, Lulu Santos, Martinho da Vila, Carlinhos Vergueiro** e **João Nogueira**. A Polygram coloca **Erasmo Carlos, Wagner Tiso, Divo da Mangueira, Luis Caldas** e **Marina** para esquentarem as turbinas. A CBS entra apenas com **Léo Jaime**, e a WEA colocou, no final de junho, **Leoni** e sua nova banda **Heróis da Resistência**. O **Camisa de Vênus** entra em estúdio este mês.

O quente fica por conta do setor independente. A Baratos Afins entra com **Akira S. & as Garotas que Erraram** em estúdio. A Rocker prepara uma coletânea com cinco bandas do ABC paulista. Mas a grande novidade mesmo vem daquela já famosa loja de discos paulista Wop-Bop. Eles colocaram o **Violeta de Outono** em estúdio para lançar mil LPs do grupo. Estes discos não serão vendidos, mas sim distribuídos gratuitamente através de várias promoções.

THOMPSON TWINS COM UM GÊMEO A MENOS

Foto LFI

Os Twins ainda com Leeway (à esquerda)

No começo eles eram oito. Depois, com o número reduzido para três, chegaram ao estrelato mundial em 84, com o LP *Quickstep and Sidekick*.

Agora, os Thompson Twins ("Gêmeos Thompson", a tradução inglesa para os Dupont e Dupont, aqueles detetives amigos do Tintin) são apenas **Tom Bailey** e **Alannah Currie**. Aquele das trancinhas, **Joe Leeway**, se mandou sem maiores explicações. O mais provável motivo: frustração com a decadência do grupo, que teve de cancelar sua última excursão devido à baixíssima procura de ingressos.

UMA PAUSA PARA NOSSOS COMERCIAIS

Foto Paul Cox, LFI

Sigue Sigue Sputnik na revista BIZZ

Era só o que faltava. O demencial grupo inglês **Sigue Sigue Sputnik** resolveu inovar a utilização do espaço vazio existente entre as faixas de um LP. Em vez do silêncio habitual dos intervalos, o Sigue Sigue recheou seu novo álbum, *Flaunt It*, de comerciais! São anúncios de revistas jovens (olha!, departamento comercial de BIZZ), jogos eletrônicos e até mesmo modelos de telefone. A gravadora do grupo — EMI — gostou da idéia, mas surgiu uma dúvida: a quem pertence a grana faturada com os comerciais? Os advogados de ambas as partes já entraram em ação. Enquanto aguardamos um acordo... um minutinho para nossos comerciais, por favor!

UMA COMÉDIA MUSICAL PARA BOWIE E JAGGER

Foto John Hoffmann, Sipa

Dupla rentável em clip beneficente

Essa é quente e foi noticiada pela revista americana *Billboard*. Devido ao sucesso do clip que fizeram para o Live Aid, "Dancing in the Street", **Mick Jagger** e **David Bowie** podem estrelar juntos um longa-metragem. Segundo as fontes ocultas consultadas pela revista, seria "algum tipo de comédia musical".

Já um porta-voz de Bowie não confirmou nem desmentiu, embora dissesse que já há algum tempo os dois medalhões vêm discutindo uma colaboração cinematográfica.

HEAVY É A MÃE!

Foto Carlos Fonseca, Abril

Os Ratos de porão (da esquerda): Veco, João e Juca — falta o baixista Boguinha

Segue aqui o manifesto dos **Ratos de Porão** enviado à nossa redação:

"Nunca entenderemos alguns punks que, com sua alienação e fanatismo, não sabem o que pensam nem por que agem de forma tão estúpida".

"Não estamos nos referindo a ninguém em especial. A carapuça servirá em quem há de servir."

"O grande problema é que estão nos chamando de traidores do movimento e dizendo que viramos heavies, sem saber o que pensamos ou, ao menos, ouvirem nosso som."

"*Primeiro*. Nós odiamos a ideologia heavy, repleta de babaquices satânicas e que, sendo muito mística, mostra que eles não têm coragem de ver a realidade do jeito que é."

"*Segundo*. Estamos fazendo uma derivação do hardcore chamada *trash*, um som mais rápido, sujo e agressivo, não tendo nada a ver com heavy metal."

"*Terceiro*. Visual não é sinal de ideologia. Os Ramones são cabeludos e adorados até hoje. Bandas *oi!* como Cockney Rejects, Infa-Riot e Last Resort têm como banda predileta o Motorhead. Afinal, tudo é rock."

"Para finalizar, somos punks de cabeça e coração, muito mais que certos tipos que se fantasiam à noite para impressionar as menininhas. Não temos compromissos com ninguém, tocamos para qualquer tipo de público que se considere neurótico, psicopata e com o saco cheio da vida. Qualquer dúvida, comprem o disco e ouçam."

STONES EM PAZ?

Foto Sara Pravia

Willie Nelson, batuta do country

Se depender do velho homem da música caipira, **Willie Nelson**, sim. É que Nelson está organizando o **Farm Aid II** — que será realizado no Memorial Stadium da Universidade do Texas — e convidou, como atração principal, todos os **Stones** para um show único. E esperar para ver se ele conseguirá promover as pazes entre **Jagger** e **Richards**. Entre os outros artistas escalados estão **Elvis Costello, The Blasters, Brian Setzer, Los Lobos, Arlo Guthrie** e os **Beach Boys**.

PALESTRAS POP

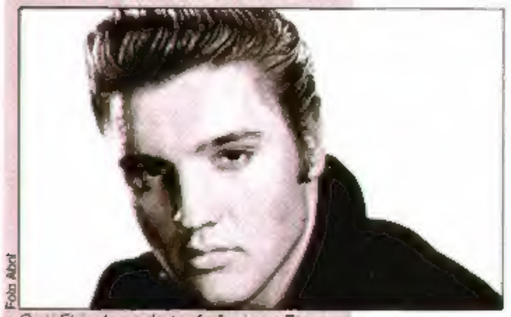


Foto Abril

O rei Elvis, tema de conferência no Rio

De 22 de julho a 19 de agosto, todas as terças e quartas, às 19h30, o Centro Cultural Cândido Mendes, no Rio de Janeiro, estará aberto para um curso comandado por dois ilustres colaboradores de BIZZ, **Ana Maria Bahiana** e **Hermano Jr.** Eles tentarão responder à pergunta: "Por que a cultura pop se alimenta tanto de mortos e loucos?" Para isto, sacarão de fitas e clips que relembrarão Elvis, Hendrix, Robert Johnson, Ian Curtis, Bob Marley, Keith Moon e muitos outros. O curso é aberto ao público e custa Cz$ 400,00. Informações pelo telefone (021) 267-7098.

ROD REGENERADO. SERÁ POSSÍVEL?

Foto Gianni Sgro

Capelo de vassoura piaçaba, voz de lixa grossa: o inimitável Rod Stewart

Rod Stewart chama seu novo álbum, sem título, de "o menos comercial de toda a minha carreira". Ele garantiu à revista *Rolling Stone* que não há no disco uma só faixa de dança, "apenas guitarras e as canções são bem básicas, diretas". Entre as faixas estão "Love Touch" — tema do filme *Legal Eagles* — e uma versão de um clássico dos **Beatles**, "In My Life". E para a turnê que Rod iniciará entre julho e agosto ele promete uma reunião da formação original dos **Faces** — banda que ele abandonou em nome de uma carreira solo —, com o guitarrista **Ron Wood**, o baterista **Kenny Jones**, o tecladista **Ian McLagan** e o baixista **John Taylor** (do **Duran Duran**) substituindo **Ronnie Lane**, o titular original da pasta. Lane, vítima de esclerose múltipla, está impossibilitado de exercer qualquer atividade.

Os elementos da sedução:

1 – COTYGIRL LIP SEVENTEEN – Delirante, um duo de batom em latinhas ultraventiladas – 6 combinações de cores – 6 desenhos diferentes.
2 – COTYGIRL PERFECT EYELINER – Delineador líquido com pincel aplicador em 4 cores.
3 – COTYGIRL PERFECT LIPSHINE – Único – Batom-brilho líquido com aplicador, em 3 cores perolados.
4 – LIP PENCIL – Batom em lápis em 4 cores. 5 – EYE PENCIL – Sombra em lápis em 5 cores. 6 – COTY PENCIL – Lápis kajal em 5 cores.
7 – COTYGIRL LIPSTICK – Batom em 12 cores. 8 – APONTADOR DE LÁPIS COSMÉTICO COTYGIRL. 9 – PINCEL PARA LÁBIOS COTYGIRL.

TÉLÉPHONE DESLIGADO

Foto Gamema Sigia

Téléphone ao vivo em Atenas, em 7/85

Após uma carreira de dez anos, desintegrou-se o grupo francês **Téléphone**. Tratava-se da versão parisiense da fúria punk acionada na Inglaterra pelo Clash e pelo Sex Pistols. O derradeiro compacto da banda, "Le Jour S'Est Levé", atingiu a marca de 800 mil cópias vendidas e provou, por uma última vez, o status legendário do grupo em sua terra natal. A dissolução foi decidida num avião que levava o grupo para uma turnê japonesa. A bordo, o empresário do Téléphone, **François Ravard**, começou a socar o próprio rosto quando seus contratados disseram que pretendiam dar por encerrada sua carreira. Vendo o sangue escorrer pelo rosto de François, um outro passageiro o ministro da Cultura, **Jack Lang**, só teve um curto comentário: "Quel horreur!"

CHICO EM MONTREUX

Foto Jorge Rosenberg Abril

Irmão Sr. Francisco Buarque de Holanda

Chico Buarque foi a principal atração da já tradicional escalação brasileira do Festival de Montreux, iniciado no dia 3 de julho, com um misto cool/quente que incluiu **Ney Matogrosso, Elba Ramalho** e **Eddie Palmieri**. Outras estrelas foram **Eric Clapton, Simply Red, John Mayall** (de volta com seus Bluesbreakers, banda que lançou ao mundo o próprio Clapton), mais **Stanley Jordan, Pat Metheny** (eta moço fominha!), **Astor Piazzola** e **Miles Davis**.

ROCK CONCENTRADO

Foto Luis Gomes Abril

Vander, o Replicante vocalista

A exemplo do que aconteceu quando a EMI inglesa criou um selo específico para seu catálogo de rock na virada dos anos 60 para 70 — Harvest —, aqui no Brasil a RCA está prestes a concentrar todo seu elenco roqueiro e afins numa nova marca, ainda não batizada. Nesta leva entram de De Falla a Obina Shok, de Replicantes a Herva Doce.

OS PROJETOS SOLO DOS RAMONES

Foto Furthermore LP

Os fabulosos "irmãos" Ramone Johnny, Joey, Dee Dee e Marky, em breve, a solo

Mal foi lançado seu décimo álbum — o feroz *Animal Boy* — os **Ramones** já estão falando em projetos solo. O baixista **Dee Dee Ramone** andou tomando lições de guitarra e, como resultado, as novas músicas que compôs "têm um som muito parecido com o dos Rolling Stones". Os Stones? "Descobri que é mais fácil soar como Keith Richards do que como Jimi Hendrix, he, he", argumentou Dee Dee. Por que um álbum solo? "Dá mais grana", sentenciou. O vocalista da banda, **Joey Ramone**, também prepara um disco individual. "Tem uma porção de coisas que eu gostaria de cantar", disse Joey, "mas teria que convencer toda a banda. Então, pensei — f...-se, faço sozinho."

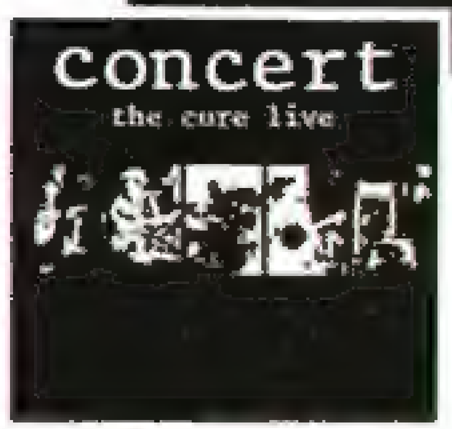
MASP BARRA ABELHA

Foto Rogério Reis Abril

Abelhas e aboboras, ainda com Leonilson

Leninha Brandão, empresária, tinha datas no teatro do Masp reservadas para um dos artistas que ela agenciava, **Lobão**. Contudo, mudou de idéia e preferiu dar aqueles dias de junho para outro artista seu, o carioca **Kid Abelha**. O Masp concordou com a troca mas, dias depois, voltou atrás, argumentando que o Kid não estava "dentro da nossa filosofia". Essa não deu para entender. Quem inaugurou o novo espaço do Masp foi um grupo de rock, o **Ira!** E agora eles vêm dizer que rock não pode?

THE CURE



STANDING ON A BEACH • THE SINGLES
O mais novo do The Cure já está nas lojas!

LEVEL 42

World Machine tem
Something About You,
o *hit* do LEVEL 42 que está pintando nas parad
E mais *Physical Presence, Leaving Me Now, I Slee
My Heart, It's Not The Same For Us, Good Man
Storm, Coup D'Etat* e *Living Still.*

INXS

(I N E X C E S S)

Em excesso!

Nós da Polygram, depois de termos estado desde o primeiro número nas suas páginas, estamos felizes e muito à vontade pra pedir um

BIS, BIZZ!

Afinal, quem passa um ano transando o sucesso dos outros, merece o sucesso em dose dupla.

Parabéns, Bizz!

PolyGram

ieaneration
apresenta

PARADA BIZZ

CONVENÇÕES

( ) indica a posição na parada anterior
(N) indica novidades na parada
(R) indica retorno à parada

LEITOR! SUA PARTICIPAÇÃO É IMPORTANTE NA PARADA BIZZ!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 2372, dizendo quais foram os últimos discos que você comprou. Acrescente seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consultá-lo.

LPs (EUA)

1. (4) *5150* — **Van Halen** (Warner Bros.)
2. (1) *Whitney Houston* — **Whitney Houston** (Arista)
3. (N) *Parade* — **Prince & the Revolution** (Paisley Park/WEA)
4. (10) *Pretty in Pink* — **Trilha sonora do filme** (A&M)
5. (N) *Like a Rock* — **Bob Seger & The Silver Bullet Band** (Capitol)
6. (N) *Dirty Work* — **Rolling Stones** (Columbia)
7. (N) *Raised on Radio* — **Journey** (Columbia)
8. (N) *Control* — **Janet Jackson** (A&M)
9. (2) *Heart* — **Heart** (Capitol)
10. (N) *Riptide* — **Robert Palmer** (Island)

Compactos (EUA)

1. (N) "Greatest Love of All" — **Whitney Houston** (Arista)
2. (6) "West End Girls" — **Pet Shop Boys** (EMI)
3. (N) "Why Can't this Love be Love" — **Van Halen** (Warner Bros.)
4. (4) "Addicted to Love" — **Robert Palmer** (Island)
5. (N) "Live to Tell" — **Madonna** (Warner Bros.)
6. (N) "What Have You Done" — **Janet Jackson** (A&M)
7. (N) "If You Leave" — **OMD** (A&M)
8. (N) "On My Own" — **Patti Labelle/Michael McDonald** (MCA)
9. (N) "Take me Home" — **Phil Collins** (Atlantic)
10. (1) "Kiss" — **Prince & The Revolution** (Paisley Park/WEA)

LPs (GB)

1. (N) *Street Life* — **Brian Ferry & Roxy Music** (EG/Polydor)
2. (2) *Brothers in Arms* — **Dire Straits** (Vertigo)
3. (3) *Whitney Houston* — **Whitney Houston** (Arista)
4. (1) *Hits 4* — **Vários** (CBS/WEA)
5. (N) *Love Zone* — **Billy Ocean** (Jive)
6. (N) *The Greatest Hits* — **Shalamar** (Stylus)
7. (N) *Home and Abroad* — **Style Council** (Polydor)
8. (N) *The Collection* — **Earth, Wind & Fire** (K-Tel)
9. (N) *The Man and His Music* — **Sam Cooke** (RCA)
10. (N) *Tinderbox* — **Siouxsie and the Banshees** (Polydor)

Compactos (GB)

1. (N) "Lessons in Love" — **Level 42** (Polydor)
2. (4) "Rock Me Amadeus" — **Falco** (A&M)
3. (N) "On My Own" — **Patti Labelle/Michael McDonald** (MCA)
4. (N) "The Chicken Song" — **Spitting Image** (Virgin)
5. (N) "Live to Tell" — **Madonna** (Sire)
6. (N) "What Have You Done" — **Janet Jackson** (A&M)
7. (2) "A Different Corner" — **George Michael** (Epic)
8. (N) "Sledgehammer" — **Peter Gabriel** (Virgin)
9. (N) "Just Say No" — **Elenco de Grange Hill** (BBC)
10. (N) "Spirit in the Sky" — **Dr. and the Medics** (IRS/MCA)

LPs Independentes (GB)

1. (N) *Victorialand* — **Cocteau Twins** (4AD)
2. (3) *Back in the DHSS* — **Half Man Half Biscuit** (Probe Plus)
3. (N) *The Unacceptable Face of Freedom* — **Test Dept** (MOP)
4. (1) *A Date With Elvis* — **The Cramps** (Big Beat)
5. (2) *Black Celebration* — **Depeche Mode** (Mute)
6. (6) *Man in a Suitcase* — **Ted Chippington** (Vindaloo)
7. (N) *World by Storm* — **The Three Johns** (Abstract)
8. (N) *Manic Pop Thrill* — **That Petrol Emotion** (Demon)
9. (5) *Wire Play Pop* — **Wire** (Pink)
10. (7) *Greed* — **Swans** (K422)

Compactos Independentes (GB)

1. (3) "Fuzzbox EP" — **We've Got a Fuzzbox** (Vindaloo)
2. (4) "Godstar" — **Psychic TV** (Temple)
3. (2) "Trumpton Riots" — **Half Man Half Biscuit** (Probe Plus)
4. (N) "What's Inside a Girl?" — **The Cramps** (Big Beat)
5. (N) "A Question of Lust" — **Depeche Mode** (Mute)
6. (1) "Shellshock" — **New Order** (Factory)
7. (N) "It's a Good Thing" — **That Petrol Emotion** (Demon)
8. (N) "Good Thing" — **The Woodentops** (Rough Trade)
9. (N) "Serpent's Kiss" — **The Mission** (Chapter 22)
10. (5) "Safety Net" — **Shop Assistants** (53rd & 3rd)

Fontes: Cash Box e Billboard (EUA), New Musical Express e Melody Maker (GB), publicadas entre 03.05.86 e 31.05.86

ieaneration veste a gente do jeito que a gente é.

RT 110S

STEREO MESMO

STEREO MESMO

Mas, num portátil? Isso é garantido pelo exclusivo Space-Wide, que amplia e valoriza ainda mais o som do seu RT 110S.
Você tem o balanço ideal através de dois woofers e dois tweeters sincronizados.
Para a melhor definição dos graves e agudos, a função Loudness é acionada automaticamente, quando o volume está baixo.
Ao mesmo tempo, você conta com um rádio de quatro faixas de onda (FM, SW1, SW2 e MW) e com uma gravação perfeita, graças aos dois microfones embutidos e à simplicidade de operação proporcionada pela tecla One Touch Record – *OTR*.
Quando a fita termina, o Auto-Stop desliga automaticamente.
Enfim, este é o portátil que prova que é stereo. Stereo Mesmo!

RT 6100 Mono

SEMP TOSHIBA

EM CONTATO COM O AMANHÃ.

LANÇAMENTOS

PSYCHOCANDY — The Jesus and Mary Chain (WEA)

Não é propriamente uma revolução e sim um exercício de radicalismo, que segue uma lógica safada de venenosa. A seguinte: até hoje, a melhor música pop tem uma entre duas possíveis caras — o pop ingênuo, melodioso e assobiável dos anos 60 pré-Beatles (os Beach Boys e os grupos vocais produzidos por Phil Spector); ou então o barulho afiado do rock pós-Velvet Underground (Pistols, Ramones, Birthday Party). O Jesus & Mary Chain, num caso de inédita esquizofrenia, opta simultaneamente pelas duas linhas e o resultado dá num bombom recheado de cereja e ácido sulfúrico.

É uma revolução. Assassina a canção e altera o relacionamento entre consumidor e objeto de consumo (essa foi demais!). O que eu quero dizer é que o LP não é mesmo para se ouvir de uma esticada só, deitadão no sofá. Recomenda-se uma faixa apenas de cada vez e daí sair para a rua. É uma premonição: a arte quer morrer, está pedindo um golpe de misericórdia, uma eutanásia. Única explicação para a perversão de enterrar sob uma placa de microfonia as mais belas melodias. Mais perverso é seu efeito retroativo: ressuscitar a adrenalina tão barateada nas linhas de montagem punk/metal.

Da incendiária série de compactos que catapultou o J&MC para as primeiras páginas dos jornais e capas de revistas, só ficou faltando "Upside Down". O resto recheia o LP com a deliciosa sensação de estar massacrando a jugular do Império da Mediocridade com uma serra elétrica. "Never Understand" e "You Trip me Up" talvez sejam os dois clássicos eternos do lote, mas sua mamãe e/ou os vizinhos jamais saberão as diferenças entre uma e outra.

Que caia a Bastilha. *Psychocandy* é a melhor guilhotina.

José Augusto Lemos

ÚLTIMA NOITE — Centúrias (Baratos Afins)

E os centurianos conseguiram, merecidamente, conquistar mais terreno na difícil caminhada no rock dito nacional. Tudo bem, só que eu continuo achando que a pauleira nacional merece uma séria reformulação inspiratória nas letras. O heavy tem a voz colocada na mesma altura dos instrumentos, o que torna as letras às vezes incompreensíveis ou sem encaixe. Neste caso, o vocalista tem boa garganta para o estilo e o som obtido aqui é dos melhores por nossos lados, no que se refere a heavy. "Não Pense, Não Fale" é a melhor das seis faixas. *L.R.*

ALÓ MALANDRAGEM, MALOCA O FLAGRANTE! — Bezerra da Silva (RCA)

Com um título destes, o novo álbum do pagodeiro Bezerra já merecia atenção. Mas esta pequena gema de música autêntica do morro tem encantos outros e maiores.

Trata-se do correspondente brasileiro às corruptelas de sons negros provenientes do blues e também do reggae — ritmos hipnóticos cadenciando melodias cíclicas, repetidas. E as letras das músicas de Bezerra reúnem o maior número de polaróides urbanas já encontradas num único disco nos últimos anos, mantendo sempre o espírito gozativo do malandro de morro, utilizando jargão próprio, embora facilmente decodificável. *J.E.R.*

THE KNIFE FEELS LIKE JUSTICE — Brian Setzer (EMI-Odeon)

Eis aí o tão aguardado LP solo do ex-líder/cantor/guitarrista dos Stray Cats (a banda que reabilitou o rockabilly). Após o decepcionante LP da banda dos outros ex-integrantes, Phantom, Rocker & Slick, veio a confirmação de que Setzer sempre foi a força motriz dos Stray Cats.

The Knife... é um disco de rock americano. As composições são convencionais e os arranjos no esquema guitarra, baixo, bateria e voz. Só que o pique é contagiante e, em três faixas ("Haunted River", "Three Guys" e "Barbwire Fence") Setzer mostra que é um dos maiores guitarristas de rock da atualidade, com alguns dos atributos de Hendrix (feeling, raça e musicalidade). *A.B.J.*

RENDEZ-VOUS — Jean-Michel Jarre (Polygram)

O rei do progressivóide e da auto-promoção viu sua última jogada explodir junto com o malfadado vôo espacial da Challenger. O astronauta Ron MacNair deveria executar, do espaço, um solo de sax para este LP... Tudo bem, um outro saxofonista foi convidado, e a percussão eletrônica da música em questão bate como um coração... Piegas pra xuxu. Brega eletrônica, composta para a cafonália *high tech* que foi o aniversário de Houston, EUA, com fogos de artifício, laser, vídeo e o escambau. Como dava para desconfiar, o surpreendente disco anterior de Jarre, *Zoolook*, não passou de um acidente feliz. Este é um lixo. *A.A.*

Fotos Estúdio Abril

OBRAS DE LISZT/OBRAS DE GERSHWIN (2 LPs) **— Katia e Marielle Labèque** (Polygram)

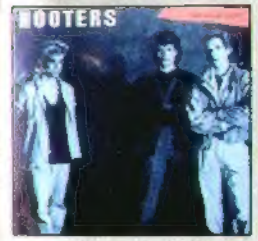
Elas são bonitas, inteligentes e tocam bem. E tem mais: vêm em duplicata. Com seu charme e talento, as gêmeas francesas Katia e Marielle Labèque — que estiveram recentemente no Brasil — têm sido responsáveis pelo ressurgimento do interesse por um tipo de repertório ao qual, antes, não se dava muita atenção: o das peças escritas para duo de piano. Um gênero que elas exploram sem preconceitos, como o demonstram estes dois discos: com o mesmo entusiasmo elas abordam um romântico como Franz Liszt, mostrando o que tem de moderno; ou a música popular construída em moldes eruditos, como a de Gershwin, revelando o que há nela de enraizado em séculos de tradição. *L.M.C.*

THE DREAM ACADEMY (WEA)

Talvez seja mais fácil compreender (ou explicar) o Dream Academy através de seus videoclips: são fragmentos de imagens fugazes, difusas, mas que duram o bastante para acionar algum processo de familiaridade, de reconhecimento; por mais que aquelas imagens (ou sons) estejam sendo vistas (ouvidos) pela primeira vez, parecem familiares. E isto é confortável.

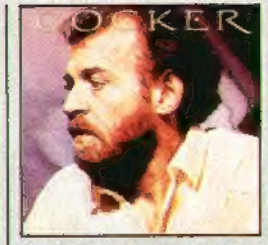
Vale avisar, contudo, que este trio inglês não opera de acordo com premeditações. Tampouco é um mero chinelinho velho. Mas que fustigam tiquinhos de nostalgia por harmonias beatle, psicodelismo e flower power, ah, isso eles fazem.

Para quem nunca foi apresentado a essa sonoridade anos 60, é um bom passaporte para o passado. O próprio hit "Life in a Northern Town" faz menções literais a Kennedy e aos Beatles. Quem já conhece vai gostar de reencontrar este "velho amigo". *J.E.R.*



NERVOUS NIGHT — The Hooters (CBS)

Esta é a banda que acompanhou Cyndi Lauper quando ela gravou seu primeiro álbum. Na sua própria estréia, agora, os Hooters, da Filadélfia, reafirmam sua habilidade para construir bons ganchos e para erguer interessantes construções pop. Nada de especial — é uma banda sem identidade definida, da mesma forma que tantas outras, como a popularíssima Mr. Mister — mas, afinal, é tão pequeno o número de sons especiais que populam as FMs! A ênfase é em canções simples, rapidamente memorizáveis, como os hits "Day By Day" e "And We Danced". *J.E.R.*



COCKER — Joe Cocker (EMI-Odeon)

Quem sabe esse esforço todo, como aguentar coisas como participar até de uma festa de Oscar com uma musiquinha chinfrim, possa colocar Joe de volta ao lugar que merece. Isso apesar dos arranjos, bem comerciais. Afinal, Tina Turner também conseguiu dar a volta. Depois de dois anos de batalha, o meu maior herói de Woodstock lança um LP onde "Don't You Love Me Anymore", por exemplo, pode reabilitar sua carreira e "Shelter Me" pode tocar bem no rádio. E temos até "Inner City Blues" num estilo bem *cool*. Cercado de gente, como o arranjador Bob Ezrin, o saxofonista Mel Collins e o bom guitarrista Cliff Goodwins, gravou temas de Randy Newman e Marvin Gaye. *L.R.*

MARGINAL BLUES — Celso Blues Boy (Polygram)

Eis um disco que realmente cumpre sua promessa — *Marginal Blues*, o segundo álbum de Celso Blues Boy, é o que se pode esperar de um artista com tal nome: muito rock'n'roll e rhythm and blues *made in* Brasil. Em caso de dúvida, capa e encarte reforçam a imagem.

Mesmo com um tratamento de estúdio que limpa a "voz" da guitarra precisa de B.B., os fãs do instrumento e do gênero gostarão. Das nove faixas só uma não é de sua autoria (*é mezzo*): a versão para "I Can't Stand It", de Eric Clapton, aqui batizada "Quem Entende". Celso, aliás, mandou carta e fita deste disco para Deus (Clapton).

Entre os convidados especiais há nomes tão heterogêneos quanto Cazuza, Roberto Menescal, Dalto e a dupla Sá & Guarabira. Mississipi não fica em Niterói, mas dá blues, sim senhor. *T.L.*

CONCERTO "À MEMÓRIA DE UM ANJO" E TRÊS PEÇAS OP. 6 — Alban Berg (Polygram)

Ao dedicar, em 1935, seu concerto para violino à memória de Manon, a filha de Alma Mahler e do arquiteto Walter Gropius, que morrera de poliomielite aos 18 anos, Alban Berg não sabia que estava compondo seu próprio réquiem. O Concerto "À Memória de um Anjo" — certamente o mais belo concerto para violino escrito neste século — foi a última peça completada por Berg (sua segunda ópera, *Lulu*, ficou inacabada quando ele morreu). O russo Gidon Kremer encontra, neste disco regido por Sir Colin Davis, o equilíbrio exato entre emoção e inteligência. No lado B, voltamos ao extremo oposto do arco criativo de Berg: as *Três Peças op. 6*, de 1914, são sua primeira composição importante para orquestra e ocupam lugar muito nobre no conjunto de sua obra: o do ponto de ruptura entre o estilo relativamente tradicional de suas primeiras peças e a revolução dodecafônica que resultaria em obras-primas como o *Wozzeck* ou o Concerto para Violino *L.M.C.*

GLASSWORKS — THE PHOTOGRAPHER — Philip Glass (CBS)

Embora cultuado como um dos principais compositores contemporâneos, o norte-americano Philip Glass permanecera inédito no Brasil até agora, apesar de ter produzido uma vasta discografia que inclui três óperas, duas trilhas sonoras e, mais recentemente, um álbum em que ele explora, pela primeira vez, o formato de canção. Costurando toda a obra de Glass, sua característica principal: a repetição. Nas suas composições, os temas nascem, se desenvolvem, amadurecem, culminam, morrem e, por vezes, ressuscitam completamente transmutados, mas, ainda assim, reconhecíveis. Por esta fidelidade aos temas repetidos, Glass foi acusado de fazer música para máquinas, não para músicos humanos. Houve mesmo o caso de um maestro que, após estudar uma das partituras de Glass, recusou-se a reger, alegando que, no fundo, a intenção de Glass era quebrar os pulsos dos músicos da orquestra. A CBS apresenta Glass ao Brasil através do best-seller *Glassworks* (750 mil cópias vendidas no mundo inteiro), de onde Philip extraiu os temas de abertura e encerramento da trilha do filme *Koyaanisqatsi*. Já *The Photographer* é mais recente, de 1983. É um dos raros discos em que Glass usa palavras. Mesmo assim, com função de instrumento rítmico, percussivo. *José Emílio Rondeau*

LANÇAMENTOS

BIOGRAPH — Bob Dylan (CBS)

Em pouco mais de duas décadas de carreira, Bob Dylan construiu uma discografia de 28 álbuns. Esta generosa quantidade, no entanto, dificilmente satisfez os mais aficionados, que se acostumaram a recorrer à não menos caudalosa "obra paralela" de Dylan — os discos piratas que começaram a pipocar logo nos anos 60 e até hoje são disputados com avidez. Trata-se, afinal, de um dos poetas mais atilados entre os que fizeram a crônica do decênio que englobou os Beatles, a revolução cubana, a morte de John Kennedy, o Vietnã, Woodstock, paz, amor e napalm. Entra em cena, agora, o pacotão *Biograph*, uma caixa com cinco álbuns editados através de um acordo exclusivo entre a CBS brasileira e a cadeia paulista de lojas Museu do Disco. São 52 canções. Entre elas, 16 gravações inéditas, muitas das quais extraídas do catálogo desconhecido que vinha alimentando a discografia pirata de Dylan. Como, por exemplo, os trechos dos shows que Bob, acompanhado pela The Band, fez no Royal Albert Hall, na Inglaterra, em 1966. Esta foi a turnê em que Dylan, pela primeira vez, usou guitarras ao invés de violões. Para os fãs, *Biograph* é um companheiro praticamente enciclopédico — cada faixa é ilustrada por um texto do jornalista Cameron Crowe. Para os neófitos, é um excelente curso-relâmpago sobre o autor. *José Emilio Rondeau*

DUSEK NA SUA — Eduardo Dusek (Polygram)

Depois de suas investidas na "MPB conceitual", antecipando o surto roqueiro — com a colaboração dos Miquinhos Amestrados — e esmiuçando o dilema maior da cultura nacional, o chique *versus* brega, Dusek volta-se mais tranqüilo para suas raízes: o teatro de revista. Ele e seu parceiro Luiz Carlos Góes apropriam-se das mais diversas formas musicais, do funk à guarânia, do bolero ao rock, do samba à ópera, para colorir suas parábolas ou simples histórias gozadas.

Cada música é um quadro, um *sketch*: o do extraterrestre linchado, o da índia traficante, o do vegetariano compulsório, o samba-enredo dos trombadinhas, o caso da paranormal, e assim por diante. Não deixa de ser engraçado. Também não acrescenta nada em termos, uh..., artísticos (se me permitem a pretensão). Mero entretenimento. *A.A.*

EASY PIECES — Lloyd Cole and The Commotions (Polygram)

Superar o irretocável álbum de estréia — o magnífico *Rattlesnakes*, aclamado pela crítica no mundo inteiro — não foi uma tarefa fácil para o quinteto escocês Lloyd Cole and The Commotions. Até hoje ainda ecoam criações inesquecíveis daquele primeiro disco, como as sinuosas "Forest Fire", "Perfect Skin" e "Charlotte Street".

Para manter felizes os seus fãs, o grupo traz em seu segundo álbum, *Easy Pieces*, canções que seriam extensões de músicas passadas. Assim ocorre, por exemplo, com o hit "Brand New Friend" e com "Lost Weekend". Um pequeno defeito, porém, é a longa duração de algumas das faixas. No primeiro disco, elas surgiam na medida exata.

Outra coisa: será que alguém já reparou a grande semelhança vocal entre Lloyd Cole e Lou Reed? Confiram, mas não comparem. Seria uma grande covardia (para Cole). *T.L.*

SHEIK YERBOUTI — Frank Zappa (EMI-Odeon)

Frank Zappa sempre lançou bons discos gravados ao vivo. *Sheik Yerbouti* (sua resposta tardia à onda discothèque e ao hit "Shake your Booty" de K.C. and the Sunshine Band) é um LP duplo lançado originalmente em 79, contendo gravações feitas durante suas excursões daquele ano pelos EUA e Europa.

Nestas excursões, Zappa contava com músicos excelentes, como o guitarrista Adrian Belew (velho conhecido dos fãs do King Crimson e dos Talking Heads), o baterista Terry Bozzio, o baixista Patrick O'Hearn (ambos atualmente no Missing Persons), o percussionista Ed Mann e os tecladistas Tommy Mars e Peter Wolf. É o único disco de Zappa com seu pupilo Belew (que ele viu tocando com David Bowie), e é um registro fiel dos seus produzidíssimos shows ao vivo, apesar dos vários overdubs de guitarra (gravações feitas em estúdio).

O disco tem alguns dos melhores solos de Zappa ("Yo Mamma"), além de algumas de suas melhores composições, como "Dancin' Fool" e "Broken Hearts are for Assholes". Todas as músicas são inéditas. *A.B.J.*

STRAWBERRY SWITCHBLADE (WEA)

"Canivete de morango" poderia ser uma boa imagem para se descrever a esquizofrenia do Jesus & Mary Chain, mas não passa da alcunha para a dupla de conterrâneos dos irmãos Reid.

Consta que as garotas Jill Bryson e Rose McDowall aprenderam tocando pérolas de doçura ácida como "Femme Fatale" e "Sunday Morning" do Velvet. São credenciais impecáveis que, na prática, rendem baladas singelas, despretensiosas e, em última instância, preciosas. Um sorvete numa tarde escaldante.

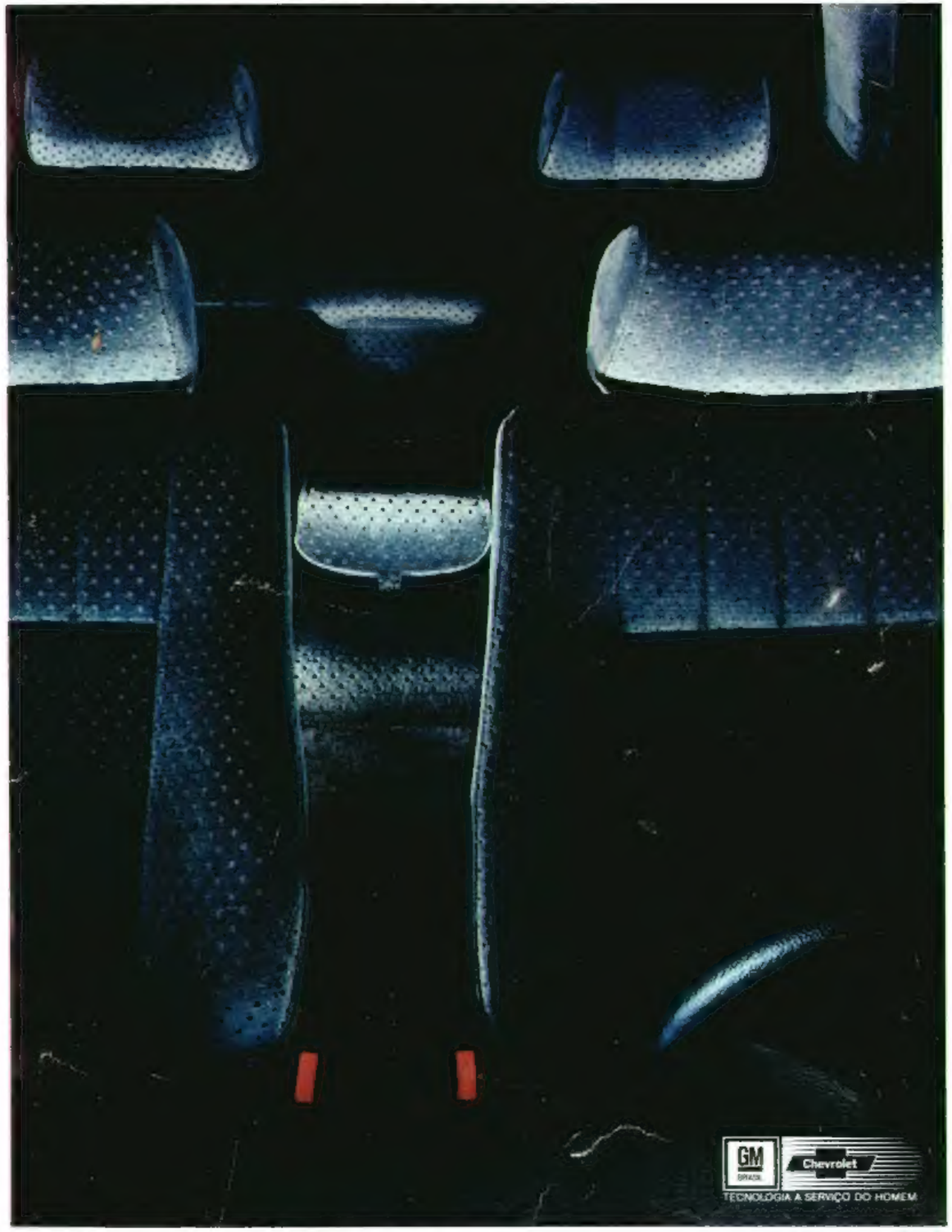
Suave é a noite quando bem-acompanhada e embalada pelas harmonias vocais de Jill e Rose. Uma faixa em especial, "Who Knows What Love is", pode apaixonar um Rambo. *J.A.L.*

A MINHA CARA — Celso Fonseca (WEA)

O consumidor e a mídia no Brasil ainda não se conscientizaram de que é preciso existir todo tipo de música no mercado para que haja liberdade de escolha e expressão. Já imaginaram se tudo se reduzisse só a rock, só a reggae, só a "coisas sérias" ou seja lá o que for? Que saco, não?

Ignorando todas as tendências do momento, o cantor e guitarrista Celso Fonseca lança seu primeiro trabalho em disco, o mini-LP *A Minha Cara*, inaugurando o *cast* nacional do selo Elektra/Musician. Apresentando um trabalho nada "difícil" em termos de mercado, romântico e muito musical, Celso é auxiliado por extenso time de feras até de fama internacional. Para os interessados em boa música sem falsas pretensões. *Tom Leão*

A MELHOR SALA DE MÚSICA DO PAÍS.



Monza Classic. Uma obra-prima da tecnologia Chevrolet.

LANÇAMENTOS

BRASIL UNIVERSO — Hermeto Pascoal e Grupo (Som da Gente)

"Eu trabalho e busco o inexistente. Minha satisfação é tão grande quando consigo inventar um novo som, um timbre artesanado, trabalhado. É um som novinho soando... isso me deixa feliz, e faço música pra ser, e fazer você, feliz." Este é ele, sem mentira, o Hermeto inconformista com os limites naturais de um instrumento e que um dia talvez até consiga fazer soar o absurdo maior, uma nova nota na escala musical. Aqui, em *Brasil Universo*, você estará diante desta busca incessante a cada segundo de música. Música brilhante, inventiva e provocante. Um disco de uma riqueza constante e borbulhante. Imperdível, e com direito a momentos de altos delírios. *Carlos Arruda*

STANDARDS, VOL. 1 — Keith Jarrett (Polygram)

Este deve ser um dos discos mais comerciais da ECM, uma gravadora bem anticomercial e, graças ao "Vol. 1" do título, dá para perceber que virão mais na série, já que *standard* é coisa que não falta.

Jarrett (piano), Gary Peacock (baixo acústico) e Jack de Johnette (bateria) tocam enormes e cansativas versões de cinco clássicos do jazz, entre eles "Meaning of the Blues" e "God Bless the Child". Para dar *feeling* à coisa toda, Jarrett resolveu cantar, causando um efeito semelhante aos grunhidos animais do *Slave Mass* do Hermeto. *A.B.J.*

PICTURE BOOK — Simply Red (WEA)

Têm ingleses que são assim: mesmo enquanto passeiam por gramados seculares nos mais clássicos recônditos da Grã-Bretanha, cismam que são negões de Chicago, do Harlem ou do delta do Mississipi, ainda que debaixo daquela brancura toda. Varia a preferência geográfica, mas a paixão pela música negra norte-americana (quanto mais tradicional, melhor) é sempre a mesma. A linhagem de cantores europeus que se imaginam medalhões black — do quilate, digamos, de um Sam Cooke, ou um Bobby Womack — vem aumentando. E o mais recente exemplo é Mick Hucknall, vocalista do sexteto Simply Red. Ele oculta suas sardas e sua ruivice detrás de uma voz ultra-sungada, potente e maliciosa. E a banda, propriamente dita, rebola no melhor estilo dos grupos que gravavam no selo Stax-Volt, um dos templos da música negra dos anos 60. Faixas como "Come to My Aid", "Sad Old Red" e "Money's Too Tight" refletem uma meticulosa mescla de soul delicado, funk pesado — de fazer Prince corar de inveja! — e rhythm and blues. *J.E.R.*

ATLANTIS — Wayne Shorter (CBS)

Raras são as vezes em que você pode ouvir Wayne Shorter longe de seu habitat natural, o Weather Report, e ao mesmo tempo longe do Milton Nascimento, seu ídolo há mais de dez anos. E aqui está a grande chance para os amantes do jazz que não gostam do lado vanguarda-parafernália do Weather Report mas podem amar o músico que toca seu sax como se estivesse soprando pra fora sua própria alma. *Atlantis* é o primeiro álbum solo de Wayne em dez anos, um trabalho grave que totalmente acústico com a marca inconfundível deste gênio e o pique constante do time de feras que o acompanha. Só mesmo ouvindo pra conferir e se deliciar. *C.A.*

PERHAPS — Associates (WEA)

A banda tem história: os escoceses Billy MacKenzie e Alan Rankine associaram-se em meados dos anos 70. Trabalhando com convidados na *cozinha*, foram os precursores dos duos tecnopop — tipo Soft Cell, Yazoo —, com um multi-instrumentista (Alan) e um vocalista/letrista (Billy). Combinavam a afetação do *glam rock* de Bowie/Bolan com *dance music* e chegaram ao auge em 82: o LP *Sulk* foi considerado o melhor do ano pela imprensa inglesa. Billy, com seu vocal choroso e elástico, temperava o romantismo das letras com cinismo e imagens delirantes. Alan providenciava cascatas de teclados com um forte pendor *kitsch*. Revoltantemente bom.

A banda acabou tempos depois. Em 84, o posador Billy decidiu que os Associates eram ele. Errou e acertou. *Perhaps* coleciona faixas produzidas por Martin Ware, Martin Rushent e o onipresente Dave Allen, com músicos convidados. "Perhaps" e "The Best of You" estão à altura dos velhos tempos: os remixes de Allen encontram no *orquestral-espasmódico* o contraponto correto às abobrinhas de Billy. "Don't Give Me It", "Schampout" e "Helicopter" não comprometem. O resto é meio chato, mas vale a pena conferir. *A.A.*

SEVENTH STAR — Black Sabbath Featuring Tony Iommi (Polygram)

O Deep Sabbath, ou seja, o Black Purple, ou ainda o Black Sabbath, resiste. Tony é o único remanescente original, assim como seu estilão na guitarra é das poucas coisas que ainda merece respeito no disco. O outro destaque fica com o vocalista Glenn Hughes (outro ex-Purple que passa pela banda), que andava desaparecido. E Geoff Nichols ficou nos teclados. Os outros só mantêm a decoração. No entanto, a saga deve continuar embora a gente continue a imaginar porque e até quando quemar o nome de Sabbath. Porque Tony não desencana dessa bobagem e não arranja um título e um pique novo? Para falar a verdade, só gostei do "Heart Like a Wheel", um *bluesão* com belo solo de Tony. *L.R.*

PHILIPS

a sua marca

RÁDIOS-GRAVADORES PHILIPS ESTÉREO ESPACIAL. LIGOU, VIAJOU.

...MPB, Neo... Jazz, Class...os... oferece... faixas para... os lugares onde... o som e a música... escolhe... o que ouvir... a bordo do rádio... gravador portátil AR 420... AR 530 Philips... que também a... viagem. AM, FM estéreo... teclas de cromo, metal... barra...

São os... os rádios... adores que, além do... reo em FM e fita... recem mais um serviço... primeira classe: o estéreo... al. É um estéreo... eletros especiais, um... gostoso, envolvente... preenche todos os... os do ambiente e lhe dá... são...

...nce pode... transformar... ...ros gravadores Philips... ...técnicas centra s de... ...s eles tem saída para... ...as amplificadas e entrada... ...para discos ou fitas... ...do. Facílimo de ligar... ...e boa... ...para... ...preferir embalar... ...os... ...orê a... ...da... ...Philips... ...gravadores com... ...c... ...to (esse... ...AR 340 e o AR 440)... ...e... ...amber... ...ge... ...ou... ...ou... ...ou

LANÇAMENTOS

RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO & RASTEIRO

Outro dia a Claudette Poodle lembrou que cacos de LPs poderiam substituir os tradicionais cacos de telha de vidro cimentados em topos de muros. Taí uma boa pedida: transformar alguns discos em cacos, já que este mês as gravadoras enviaram um monte de matéria bruta. O primeiro da fila é o LP **PRECIOUS MOMENTS** (RCA) de **Jermaine Jackson**, que tem a o seu famoso irmão Michael no que pode. Só que suas músicas são horríveis. ⊗ **Renato Terra** tentou sugerir um crime passional com a capa do seu LP **BABY, BABY** (RCA). Duvido que isso cole. Uma capa assumidamente brega — como o som — venderia mais. ⊗ Pelos poucos lançamentos de heavy metal que pude acompanhar, deu para perceber que as gravadoras nacionais só lançam o lixo do gênero, como é o caso do LP **THAT'S THE STUFF** (RCA) do grupo americano **Autograph**. ⊗ Break, música africana e baladas eletrônicas açucaradas estão na **TRILHA SONORA DO FILME A JÓIA DO NILO** (RCA). Uma jogada comercial a mais, na linha do "veja o filme, compre o disco". ⊗ Mais um disco do **Jethro Tull** na praça. Agora é uma coletânea de versões originais dos maiores sucessos do grupo, chamada **ORIGINAL MASTERS** (RCA). Quem ainda ouve isso? ⊗ **JAZZ SAMBA** (Polygram) é o LP de **Stan Getz** e **Charlie Byrd** que acaba de ser relançado. É um clássico da bossa nova americana, com várias músicas brasileiras. Very cool, very chato. ⊗ **Mercedes Sosa** nos lembra em **VENGO A OFRECER MI CORAZON** (Polygram) que "quien se equivoca y no aprende, vuelve a estar equivocado". Tem uma bela voz de contralto. E daí? ⊗ Os dois únicos LPs que não serão divididos em pedaços são o **A LUZ DO SOLO** (Polygram), com **Geraldo Azevedo** tocando ao vivo no Golden Room do Copacabana Palace, e o **GOSTOSO DEMAIS** (RCA), com o forró de primeiríssima de **Dominguinhos** (que aliás, canta muito bem) e a participação especial de Gusdalupe e Gonzagão. Aguardem mais sugestões para a decoração de sua casa no próximo *Rápido & Rasteiro*.

Alfredo Borba Junior

BOLSA DE DISCOS

Carlos Arruda					•	
José Augusto Lemos						
Alex Antunes						
José Emílio Rondeau					•	
Alfredo Borba Jr.					•	
Tom Leão						
Leopoldo Rey		•			•	•

Sublime
Bom
Interessante
Razoável
Lixo

CANADIAN style

O nome é Walabee.
Um sapato para todos os terrenos.
Original do norte do Canadá, este modelo tanto masculino como feminino, é disponível em couro e camurçado, e é uma venda exclusiva da Side Walk.

Mocassino costurado a mão.

Marca da garantia e esnobismo Side Walk.

Sola em borracha, anti-derrapante.

A costura a mão e a plataforma de couro, garantem a durabilidade e a impermeabilidade.

Sobre a sola de borracha, uma entresola de couro garante a robustez e comodidade que são a alma deste sapato.

Side Walk
CITY OR COUNTRY WALKS.

SHOPPING CENTER IGUATEMI 2º PISO, SÃO PAULO, SP • RUA MELO ALVES COM ALAMEDA LORENA • SHOPPING CENTER IBIRAPUERA PISO IBIRAPUERA • RUA ANIBAL DE MENDONÇA, ESQUINA COM VISCONDE DE IRAJÁ, RIO DE JANEIRO, RJ • SHOPPING CENTER IGUATEMI, SALVADOR, BAHIA.

LANÇAMENTOS

O PODEROSO CHEFÃO (The Godfather, 1971/1974)

Foto: Estúdio Abril

Direção: Francis Ford Coppola. Com Marlon Brando, Al Pacino, Robert de Niro. CIC

Memorável performance de Brando num filme que, nos cinemas, foi exibido em duas partes. Elas correspondem às gerações da família Corleone — e como a saga de um clã, exceto pelo fato de seus membros serem mafiosos assassinos. O roteiro de Mario Puzzo explora o peculiar código moral da Máfia retomado, magistralmente, por John Huston em *A Honra do Poderoso Prizzi*. *Godfather I* abocanhou três Oscars e *Godfather II* mais cinco.

ENCOURAÇADO POTEMKIN (Bronenosets Potyomkin, 1925)

Foto: Abril

Direção: Sergei Eisenstein. Com Alexandro Antonov, Grigori Alexandrov, Boris Barsch. Versão sem som. Cinco Vidas

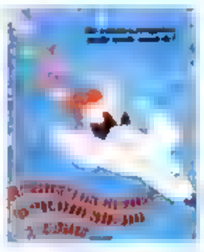
Clássico do cinema soviético, invariavelmente incluído nas listas de melhores filmes de todos os tempos. É uma reconstituição emocionante da revolta dos marinheiros do Potemkin. Ela foi o estopim da insurreição russa de 1905 que, por sua vez, antecipava a revolução de 1917. Mas o aspecto mais importante do filme é que ele põe em prática as dinâmicas teorias de montagem de Eisenstein, sem as quais não haveria uma boa parte dos clips de hoje em dia.

JORNADA NAS ESTRELAS III — A PROCURA DE SPOCK (Star Trek III, 1984)

Direção: Leonard Nimoy. Com William Shatner e De Forest Kelley. CIC

Terceira e última aventura, pelo menos por enquanto, para a tripulação da nave Enterprise eternizada no seriado de televisão. Desta vez eles voltam ao planeta artificial Genesis em pleno século 23, onde tudo é caos e, como de hábito, cabe ao capitão Spock (Mr. Genesis) estar envolvido em fantásticos acontecimentos e, claro, resolvê-los magistralmente. Efeitos meio toscos, mas simpáticos.

APERTEM OS CINTOS! O PILOTO SUMIU..., 2ª PARTE (Flying High II, 1982)



Direção: Kim Friedman. Com Richard Hatch, Tony Edwards e Lee Bryant. CIC

Sequência da hilariante comédia aeronáutica com um diretor atrapalhado e com muita atrapalhação. Desta vez o cenário é a Challenger, nave espacial em que, por qualquer semelhança com a Challenger, vai para a Lua com uma tripulação de piratas e passageiros para menos incluindo um terrorista em serviço. Não tem a categoria da primeira parte, mas dá para rir bastante.

MUSICAL

DEIXE O ROCK ROLAR (Let There Be Rock, 1980)

Foto: Abril

Com AC/DC. Direção de Eric Dionysius e Ian Mather

Uma boa produção francesa, mostrando a banda australiana ao vivo e por trás das coxias, com muitos depoimentos. A formação é a original, além de Angus e Malcolm Young, Phil Rudd e Cliff Williams, o ator do seriado Bon Scott, a quem o filme é dedicado. Além da chance de rever os velhos e bons bebuns cometendo todas as disparatadas performances do agitado Angus Correndo para todos os lados, muitos shows e, inclusive, um trepidante e bem mais caprichado do que o que eles fez no Rock in Rio, o show mais quente já ocorrido em Paris em muito tempo traz quase todo o repertório clássico da banda.

PRIME CUTS — JAZZ & BEYOND 1985

Foto: Abril

Com Miles Davis, Herbie Hancock, Ahmad Jamal, Andrew White, Commander Hiroshima, Charlie Haden, Duke Project e Weather Report

O jazz-rock ganha um video-clip, essa e uma boa razão de seus entusiastas. Duas passadas pelo Miles deslumbrante em Decoy e o arrasador ataque final de Herbie Hancock, de Herbie Hancock. As imagens estão a altura.

TEARS FOR FEARS — IN MY MIND'S EYE (1985)

Foto: Abril

Uma performance ao vivo no TFF em sua turnê de 85. Eles se saem de simpatizar de uma grande banda em sua volta dos vários personagens. Interessa, mas não chega a ser. A ver de Orlando e Sr. Bossa em pano, mas o show quase todo só se entende resolvendo o abismo entre o sem-palavras que é pintado pelos clips e estes vistos completos, através de gravações sobre um vídeo-pia para Miles, uma edição tresloucada para Herbie. O Weather Report também se sai em um clip absolutamente despretensioso para Swamp Cabbage. O resto, apesar da boa produção de belas imagens ecléticas musicalmente, individuais. Charlie e Duke Project menos estão engavetados no clipe Heroes.

Direção: Mike Mansfield

Uma performance ao vivo no TFF em sua turnê de 85. Eles se saem de simpatizar de uma grande banda em sua volta dos vários personagens. Interessa, mas não chega a ser. A ver de Orlando e Sr. Bossa em pano, mas o show quase todo só se entende resolvendo o abismo entre o sem-palavras que é pintado pelos clips e estes vistos completos, através de gravações sobre um vídeo-pia para Miles, uma edição tresloucada para Herbie. O Weather Report também se sai em um clip absolutamente despretensioso para Swamp Cabbage. O resto, apesar da boa produção de belas imagens ecléticas musicalmente, individuais. Charlie e Duke Project menos estão engavetados no clipe Heroes.

WESTERN

DUELO DE GIGANTES (The Missouri Breaks, 1976)

Foto: Abril

Direção: Arthur Penn. Com Marlon Brando, Jack Nicholson, Randy Quaid, Frederic Forrest, Harry Dean Stanton

Penn, diretor de *Bonnie e Clyde*, *Uma Pequena Grande Vida*, *Homem Chamado Cavalo* e *Pequeno Grande Homem*, se dá mal ao entrar de gaiato em uma produção alheia. Brando e Nicholson, de recente *Tempos Modernos* e *Duelo em Queda*, respectivamente, não se dão bem no combate de bandeiras, mas de leve, mas também a Nicholson e Brando que vão interpretar.

Brando influiu muito no roteiro, conseguindo tudo o que queria. Penn, que sempre foi meio displicente, não se entrosou com o ator. Nicholson, por sua vez, não se entrosou com o ator. Nicholson, por sua vez, não se entrosou com o ator. Nicholson, por sua vez

Uma sessão de futurologia a oito mãos para você

QUEM VAI SER QUENTE?

PATSY KENSIT À FRENTE DO EIGHTH WONDER

Foto Helena Pictures Ltd

Essa louraça de dezessete aninhos contracena com David Bowie em *Absolute Beginners* e canta com o grupo Eighth Wonder. Aos três anos, porém, ela já aparecia fazendo uma ponta em *O Grande Gatsby*, estrelado por Mia Farrow e Robert Redford. Deve ir longe, bem longe. Seja nas telas ou no palco, tem tudo para ser a próxima Madonna. Ou até a primeira e única Patsy Kensit, como Patsy deve preferir. Quem mais deve se juntar a ela no Olimpo pop? *José Emílio Rondeau, Hermano Jr.*, *José Augusto Lemos* e *Ana Maria Bahiana* (enfocando o vídeo) respondem

Você está de pé na areia e o mar é uma planície. Em uma fração de segundo você conhece todas as leis da aceleração, prevê com precisão onde a onda nascerá, crescerá e arrebenta. De repente, num curto espaço de tempo o mar se transforma e você tem um maremoto. A geografia a que você antes se acostumara para formar preconceitos — ondas gigantes sambando rochas desconhecidas, espartas espessas borbulhando como um caldo quente, correntezas potentes se alternando de sul para norte de este para oeste, num estranho balé de texturas. Você pergunta: o que houve com aquela praia que eu conhecia?

Esta praia alegórica é o universo pop dos dias de hoje. Mutações artísticas que antigamente levavam décênios para acontecer hoje ocorrem em poucos meses. Os canais por onde se despeja a produção pop do mundo estão se multiplicando na mesma proporção em que são ocupados a exaustão. Se antes a topografia musical era conhecida agora pipocam aqui e acolá manifestações inesperadas.

Mas se esta velocidade dos acontecimentos é estonteante por outro lado é necessário saber que a cultura pop se nutre justamente desta variedade. É por essa capacidade de mudar rápido que a cultura pop sobrevive abraçando sempre o tensão, o chique e o chacra, o bobo e o intelig[illegible] e verdadeiro.

A verdade é que no meio da maçaroca podem ser apontados alguns possíveis caminhos para a música pop aqui e fora do Brasil. A principal tendência nos quatro cantos do globo, e a imensa inteligência na mistura de

[illegible] para uma subsequente [illegible] deste empuxo por exemplo [illegible] inglês Madness [illegible] nho Ruben Blades [illegible] Madness [illegible] neta [illegible] para fazer um pop [illegible] O Obina Show [illegible] modernos representantes no Mac Mahon [illegible] esquece de abrasileirar este [illegible] nistro Ruben Blades arrebata [illegible] pop salsa de protesto que cai como uma luva sobre o ressentimento do envolvimento político de astros de rock. Em outras incursões populares na América Ruben [illegible] Live Aid e do Sun City.

Alimentar o apetite fundamentalista e patriótico torna [illegible] bre por Bruce Springsteen. John Cougar Mellencamp [illegible] e [illegible] para a dualidade humano/animal. Nada [illegible] apetite [illegible] enorme [illegible] norte-americanos.

[illegible] do coração de miss pop, para cada [illegible] de [illegible] internacional [illegible] Mr. Mister [illegible] caminho para se [illegible] nha hard rock [illegible] Whitesnake [illegible] WEA [illegible] [illegible] [illegible]

Foto Youn Lenguerre, Stills

MR. MISTER: A BABA SEM ROSTO CHEGANDO AO TOPO

Foto Nick Ormandi, LFI

Foto Roberto Sanovicks

Foto Geraldo Luiz Gomes

Foto Rui Mendes

RATOS DE PORÃO: HARDCORE A VALER

Foto Abhamoh, Sipa Press

Foto Hui Mendes

A brilhante seleção dinamarquesa não me deixa mentir: chegou a vez da Escandinávia arrombar o mundo dos espetáculos. Ou seja, vai dar Noruega na cabeça — representada pelo trio A-Ha. Mais bonitinhos e muito mais ordinários que o Duran Duran, parecem feitos de encomenda para a Era de Ouro do Pop Eunuco. "Qual o futuro do rock?", é o tipo de pergunta que será desprezada como matéria-prima para a masturbação crítica: seu lugar serão os laboratórios de engenharia genética.

Mas peraí, carecas com cara escarrada de papai classe média também fazem as caixas registradoras perder o fôlego. Édipo também é cultura pop (a única explicação possível para o fato de se venderem posters de Phil Collins e Mark Knopfler). Isso sem contar o caso de estrelas sem rosto, ou cara escarrada de zero à esquerda, como Mr. Mister e os Pet Shop Boys. O "futuro" é planejado em gabinetes com ar-condicionado e bem contabilizadas as verbas de promoção e divulgação. Malcolm MacLaren fez o jogo dos tubarões, contra os próprios, e os Sex Pistols tiveram a acolhida que — de direito — deveriam ter recebido o Velvet Underground e os Stooges ainda nos anos 60. Este ano — *dezenove*, portanto, depois de seu lançamento — o primeiro disco do Velvet alcançou a marca de um milhão de cópias que equivale, lá fora, ao disco de ouro. Deve chegar ao de platina até a virada do culo. Até fãs do A-Ha um dia deixam a puberdade.

O rock tem um passado. Discos do Velvet, Stooges, Rex, Roxy Music, Marvin Gaye, James Brown são ternos, quem viver verá. O resto deve fazer como os jogadores de futebol e as modelos: tentar garantir a aposentadoria enquanto podem. Minha avó é a primeira a dizer e "o futuro é tão incerto..."

Em um ensaio iluminado — *The Method Rhythm*, do *Damaged Gods* (Deuses Danificados) — a iluminada filósofa e crítica de costumes Julie Burchill vai de James Dean a George Michael para mostrar que a rebelião descente há muito virou marca de sabonete. Sobrevive so, o jogo de luzes coloridas e o pavilhão da "última novidade". A própria experimentação está esgotada; ainda carrega essa intenção só pode sentir vontade passar uma navalha no tímpano do consumista. Vide & Mary Chain, Test Department e Einsterzunde batem. Equivalentes, em última instância, aos quatro e trinta e três segundos de John Cage.

Um risso tudo é a morte do sectarismo, relegado a e heavies recém-chegados ao picadeiro. A mesma pode (deve) se deliciar tanto com Sade & champanhe como com Cramps & rabo-de-galo. A "new wave" glorificava o estilo. Estavam mesmo era na cola de Bryan Ferry e David Bowie. Agora, dá-lhe rouge, laquê e batom até em grupos texanos. Talvez o estilo seja enterrado em nome da idéia, uma oposição sistematizada pelo velho Schoenberg. Mas deve dar mesmo é A-Ha na cabeça. Eu aposto e depois saio para vomitar.

conterrâneo Legião Urbana.

Muito do que rola hoje em dia, porém, acaba sendo um reaproveitamento de elementos antigos — daí toda a nova preocupação com psicodelismo, som Motown e cool jazz — e o resultado são artistas retrô *aggiornato* como o Dream Academy. Afinal, quase tudo que era possível no pop já aconteceu. Mas como a história sempre se repete

LISA LISA AND THE CULT JAM: NOVATA PROMISSORA

Foto LFI

Foto Adrian Boot LFI

FELA KUTI, CRIADOR DA AFRO-BEAT, EMFIM LIVRE

Era fácil brincar de futurologia quando se acreditava na vanguarda. Esta crença tinha como fundamento uma concepçao simplista de história: a evolução linear da humanidade e das artes. So era necessário encontrar uma minoria iluminada ("na frente de seu tempo") para determinar onde a maioria embrutecida ("a retaguarda") estaria daqui a aguns anos

O pop contemporâneo é o reverso desta tolice. Os modismos se sucedem com enorme velocidade. Estilos diferentes convivem dentro de um mesmo território. As fronteiras entre as varias tribos têm uma incrivel mobilidade, possibilitando todo tipo de combinaçoes e alianças. Michael Jackson toca com Eddie Van Halen, Nile Rodgers com Laurie Anderson, Run-DMC com Yellowman. A promiscuidade é evidente mas não deve ser encarada como a vitória de um pluralismo babaca. Nem tudo se equivale. Não é possivel gostar de qualquer porcaria só para revelar nosso "espírito democrático". Deixemos de lado a tirania da novidade. Que tal, agora, apostar na novidade?

As tentativas de fazer de Londres o centro mundial do rock sao reacionárias. A tão propagandeada "vanguarda inglesa" é um engodo, o último suspiro de um movimento que já foi rico em idéias. O que mais me interessava no punk era o seu cinismo — os Sex Pistols foram um grupo tão artificial quanto o Menudo. Quem desconhece a importância da trilha intelectual formada por Malcolm McLaren, Vivienne Westwood e Jamie Reid para a concepção visual/musical-politica da banda é, no mínimo, desinformado. O punk nao foi, nem de longe, um movimento espontâneo de jovens trabalhadores britânicos. Suas caretas rebeldes não deviam ser levadas a sério.

Mas os grupos pós-punk entenderam tudo errado. Eles *se* levam a sério. Consideram-se artistas sensiveis e revolucionarios. Transformaram a cena musical inglesa em uma insuportável paródia do rock progressivo. Prefiro o lado mais comercial do rock britânico. A música não importa; a arte, aqui, é a técnica mercadologica.

O rock americano ainda produz coisas de interesse. A inteligência refinada dos Talking Heads, o barulho ensandecido dos Butthole Surfers, o escracho total dos Red Hot Chili Peppers — estes se salvam da epidemia moralizante que contaminou outros grupos daquele país. Os músicos dos Replacements, por exemplo, parecem reverendos protestantes bebados (o sintetizador é o demônio) em busca do rock puro, da América Profunda. Nada pode ser mais patetico.

O funk continua violento e estimulante. Talvez por não ter outra pretensao senao a de fazer dançar o maior número de pessoas. Uma nova safra de hip-hoppers já tomou conta do mercado. Run-DMC, LL Cool J, Original Concept, Mantronix.

O reggae também vive bons momentos. Novas estrelas em cena: Smiley Culture, Frankie Paul, Eek-a-Mouse. Dominam o toast e o dub sofisticado. Mas existem outros importantes acontecimentos que estao transformando a musica do Caribe. A uniao do soul com o calipso produziu o soca, o novo ritmo de Trinidad e Tobago. Guardem estes nomes: Arrow e Lord Nelson; seus discos levantam a festa mais desanimada.

O zouk é outro inebriante ritmo caribenho, é a musica contemporânea da Martinica e de Guadalupe. Basta citar uma banda, Kassav'. Para mim, é a melhor do planeta! Seus catorze musicos acabam de lotar por quatro noites consecutivas o Zenith parisiense, depois de uma turnê triunfal pela Africa.

Também não sei o que falta para o pop africano conquistar outros continentes. Mory Kanté acaba de lançar um surpreendente album pela Barclay, *10 Cola Nuts*. É a síntese perfeita dos ritmos dos *griots* (tipicos da regiao do Senegal e Mali) com os instrumentos ocidentais. Youssou N'Dour, mestre de melodias complicadas, acaba de gravar uma versão do clássico do soul, "Rubberband Man". Fela Kuti, o rei do afro beat, acaba de sair da cadeia. O sucesso mundial é iminente.

Os superstars do pop internacional também prometem belos discos. Michael Jackson, Madonna e a novata Lisa Lisa devem mostrar, mais uma vez, que a música descaradamente comercial não deixa nada a dever ao experimentalismo mais ousado. Mas espero surpresas. Por isso me recuso a fazer qualquer previsão definitiva. Aliás, não penso muito no futuro. O pop que não nos diverte *agora*, imediatamente, é um contra-senso. Nao é pop, não é maldição, não é nada.

Foto Gamma Sette

Foto Gamma Sette

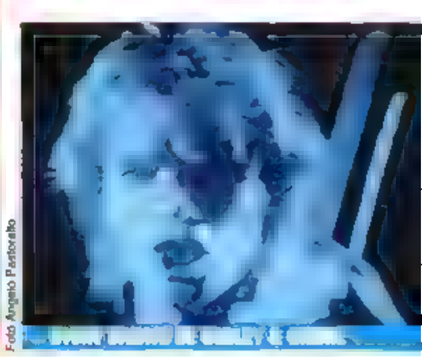


Foto Angelo Pastorello

Para saber o futuro do vídeo é preciso conhecer o seu passado. Abram seus cadernos de história da arte, por favor, aí pela altura do século 19, que é onde nasce a noção de modernidade.

O cérebro humano, tal como ele está desenvolvido, agora, um repertório rico, mas ainda limitado, de possibilidades e por isso, ele tende a repetir as mesmas soluções para os mesmos problemas. Desde o século 19 e até nossos dias, a literatura, as artes plásticas e a musica — os três canais de expressão mais eficientes do homem — passaram por ciclos semelhantes de escolhas estéticas.

No século 19, primeira metade, triunfa o romantismo, que expressão idealizada da realidade. Na segunda metade do século, o realismo, na literatura, e o impressionismo, na música e nas artes plásticas, tentam reproduzir o mundo tal como nossos olhos e razao o apreendem. Com a virada do século, o espírito voa: simbolismo e modernismo na literatura, fauvismo, cubismo, futurismo, surrealismo e abstracionismo nas artes plásticas anunciam a busca de novas fronteiras, o estilhaçamento da forma, o estudo das possibilidade expressivas até sua aniquilação/renascimento.

Que me perdoem os senhores mestres universitários, que são bem mais cultos que uma pobre critica de jornal, mas o videoclip, esta criatura dos tempos pós-modernos, segue, passo a passo, a mesma trajetória. Por quê? Porque o homem, já disse, tende a repetir em cada um de seus projetos de intervenção na natureza, os esquemas mentais que já experimentou antes.

O videoclip, em seu primeiríssimo momento, sua pré-história como *promo*, filmete promocional (fins dos 60/meados dos 70), está em pleno neoclássico, entrando no romântico — ele quer reproduzir, através de uma mentira da qual o espectador é cúmplice, uma situação próxima da realidade idealizada. É o clip que pretende ser um show ao vivo, ou que pretende ser uma gravação de disco. O fato de que o espectador sabe que não vê nem show nem grava-

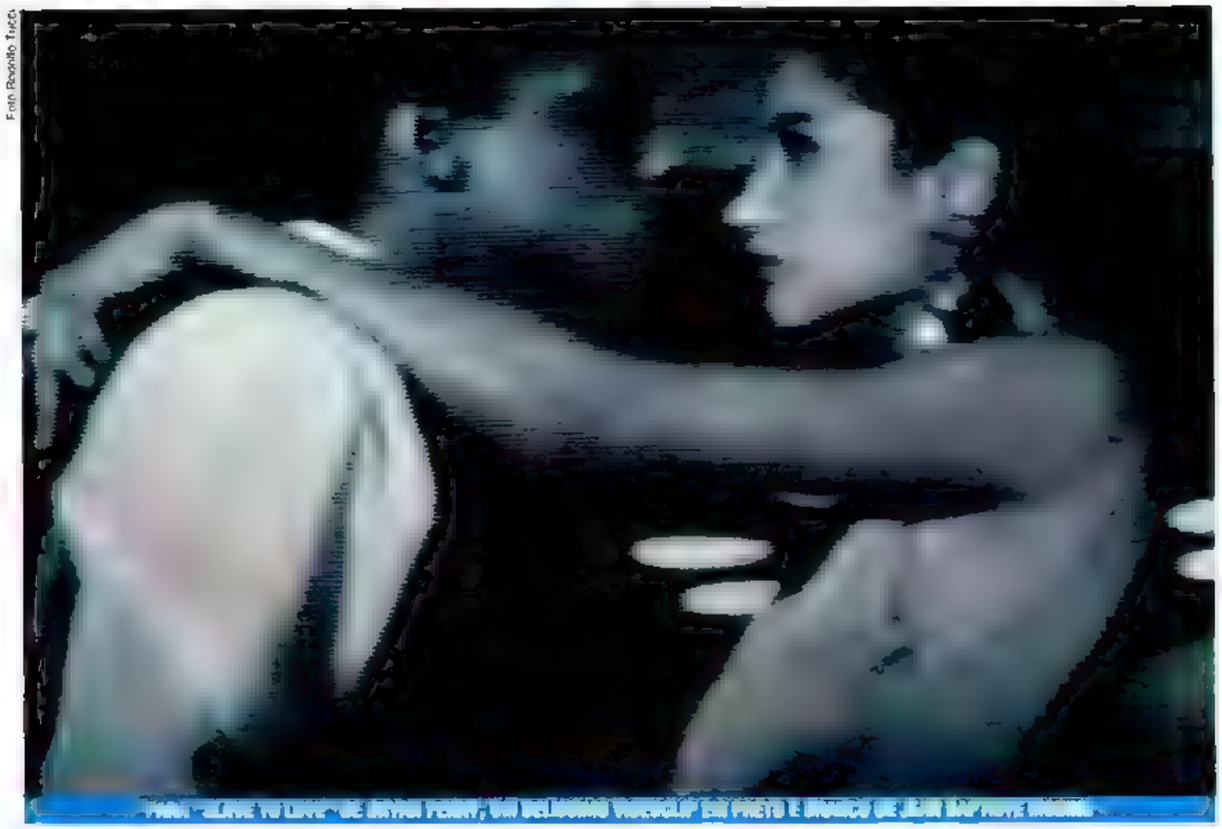


Foto Revista Tutto

ção tem o mesmo efeito da perspectiva da pintura: cumplicidade participante

Com o nascimento, por assim dizer, "oficial" do videoclip — programas específicos nas TVs, clubes noturnos com exibição de clips, MTV, tudo entre meados dos 70 primeiros 80 —, o *medium* entra, por um instante, no romantismo desvairado — a encenação estilizada, clip após clip, de um concerto que todos sabem que não existe. Na sequência, abraça o impressionismo — é a era do video conceitual, que toma emprestado ao cinema seu arsenal de truques para, em vez de reproduzir situações musicais, passar ao largo delas, ou melhor, criar um mundo novo de *impressões*, a partir da música

Julien Temple, com "Jazzing for Blue Jean" (David Bowie, 1984), e John Landis, com "Thriller" (Michael Jackson, 1984), levaram até a derradeira fronteira esta etapa. seria um clip ou um curta-metragem aquilo que se via? Daí para a frente era ou voltar atrás, ou tomar um rumo inteiramente diferente, ou diluir o clip dentro do universo do cinema

Na duvida, o video tomou os três caminhos, e é aí que estamos agora — entrando no modernismo, com seu manancial expressivo E daí é que podemos tentar olhar o futuro

"Absolute Beginners" de — ora quem! — Julien Temple é o exemplo perfeito e acabado do videoclip entrando cinema adentro, e vice-versa ao contrário. Deve vingar, essa tendência, e pode vir a ser a revitalizaçao, a própria ressurreição do filme musical. Os críticos, torcendo o nariz, têm chamado o filme de "uma sucessão de clips" Estão certos, mas do ponto de vista errado — é isso que o torna, exatamente, interessante

Voltar atrás também tem sido uma saída — o clip deixa de ser neoclássico e passa a ser hiper-realista, reproduzindo e exagerando a situação "ao vivo" até o extremo —, o extremo de, por exemplo, incluir uma nova versão da música, efetivamente ao vivo, como em "My Hometown", de Bruce Springsteen

O expressionismo é outro recurso — Jean Baptiste Mondino e seus clips preto e branco para Sting e Don Henley seguem a trilha da expressão como soberana suprema, acima das emoçoes, da razão, da obrigatoriedade de ter de contar uma história ou relacionar-se com a letra da canção

E existe, enfim, o caminho cubista que vai dar no abstracionismo Quando Godley & Creme fazem 5 200 edições num clip de três minutos ou, pelo contrario, travam uma câmera numa única situação: quando Jim Blashfield enche a tela com dezenas de microcomponentes, xerox, grafites, truques de todo tipo: quando Paula Greif estoura o filme até mostrar sua granulação e impedir que qualquer imagem clara se delineie na tela: quando cada efeito e cada defeito é perseguido e estudado até o esgotamento de suas possibilidades, então temos o clip entrando no modernismo a todo vapor

Se tudo continuar como na História, veremos cada linhagem dessas caminhar até não poder mais. E aí, entao, teremos o pós-moderno.

TEM GAROTO NOVO NO PEDAÇO.

Eles pesam 20, 50 e 200 gramas.

Como todos na família, têm recheios incríveis: castanhas-de-caju, passas, frutas cristalizadas e mil outras delicias.

E o mais gostoso nisso tudo é que você vai sempre encontrar um tempinho para eles. São ótimas companhias a qualquer hora do dia ou da noite

Linha de tabletes Garoto Uma nova geração de chocolates pintou no pedaço.

Chocolates Garoto

Tradição e qualidade de uma grande família

EM VEZ DE UMA FITA COMUM, FIQUE LOGO COM UMA HOT TAPE DA BASF.

A fita que esquenta qualquer som está de cara nova. Mas não foi só a cara que mudou.
A Hot Tape ficou ainda mais apimentada.

Agora, a Hot Tape que você compra aqui no Brasil é idêntica à Hot Tape que os europeus compram na Europa. Por dentro e por fora.

Compre logo a fita que esquenta qualquer som.
Aqui ou na Europa.

Fique com a Hot Tape da BASF. Agora, ainda com mais pimenta.

BASF

NÃO SE CONTENTE COM MENOS.

Agora, Hot Tape tem nova embalagem, idêntica à vendida na Europa.

Madonna

VERSÃO 86

O disco *True Blue* e o filme *Shangai Surprise* são novos. O visual também, mais sofisticado. A sensualidade, porém, é a mesma. *José Emilio Rondeau* conta como foi reencontrar o umbigo mais famoso do mundo

Madonna

Quando todo mundo já pensava que era possível sair de casa sem dar de cara com bancas apinhadas de capas de revistas enfeitadas por este famiharissimo conjunto de cabelos louros desgrenhados e labios carnudos, besuntados de batom carmim, lá vem de novo o umbigo mais famoso do mundo, Madonna, pronta para rearrebatar o titulo de figura pop mais popular do planeta Só que a versão 86 de Madonna é completamente nova. Os cachos revoltos foram substituidos por um modelito curto, mais sóbrio O guarda-roupa exagerado cedeu lugar a uma sofisticação mais madura, mas não menos sensual Continuou igual, porém, a determinação de fazer sucesso e a dedicação obsessiva ao trabalho

No momento em que esta revista vai às bancas, os dois novos projetos de Madonna estao começando a render polpudos frutos. O primeiro é o album *True Blue*, co-produzido por ela, junto com o ex-namorado e constante colaborador Steve Bray, mais o tecladista Patrick Leonard, diretor musical da turnê Victory, dos Jacksons, e da Virgin Tour, de Madonna O primeiro single — já um hit — é "Live to Tell", a balada-tema de *At Close Range*, o novo filme do marido de Madonna, o esquentadinho Sean Penn. O interessante, aqui, é que resolveu-se muito em lançar *True Blue* com uma balada lenta e doida, o oposto das faixas dançantes que fizeram a fama de Madonna Quem apostou contra acabou perdendo Com menos de 10 semanas de lançamento, "Live to Tell" encabeçava a lista de compactos mais vendidos nos Estados Unidos O restante do album, segundo quem ouviu, recupera muito do som de grupos femininos dos anos 60 Fred Schruers, critico da *Rolling Stone*, garante que algumas musicas do disco, como 'Jimmy Jimmy' são "tão açucaradas que fazem os dentes doer" Mas ainda sobrou espaço no álbum para mais temas sentimentais — "Papa Don t Preach" e ' Open Your Heart

O segundo tentaculo da Madonna 86 é o filme *Shangai Surprise* uma produção da HandMade Films capitaneada por ninguém menos que o ex beatle George Harrison Trata-se de uma releitura do classico *Shangai Express*, estrelado em 1932 por Marlene Dietrich No filme atual Madonna e Glória, uma garota do ultra-conservador Estado norte-americano de Massachusetts que abandona a possibilidade de um casamento solido em sua cidade natal pela vida de missionaria Em Xangai, ela encontra o Sr Wade (Penn), um espertalhao que vaga sem rumo por todo o Oriente Como é inevitavel nas sagas cinematograficas este casal pouco provável se atrai como imã e acaba apaixonado. Para dirigir esta trama sentimental, muito aparentada com as telenovelas brasileiras de época, foram encomendados os serviços de Jim Goddard, experimentado comandante de filmes especialmente criados para a televisão, encomendado a dupla Penn-Madonna pelo ator Martin Sheen

Emaranhando-se cada vez mais com o cinema Madonna está fazendo o caminho inverso de seu mais próximo paralelo Marilyn Monroe, que iniciou a carreira como atriz e aos poucos, meteu se a cantar Acontece que, ao contrario do que ocorreu com Marilyn, Madonna mantem controle absoluto sobre tudo o que faz Durante a gravação de *True Blue* por exemplo, Madonna calculava meticulosamente a receita de frequencias altas e baixas que entrariam em cada canção "Ela é uma das pessoas mais dedicadas, que já vi trabalhando ", disse Patrick Leonard, seu co-produtor. E ao escolher suas prioridades Madonna nao permite interferencias que possam atrapalhar projetos já em andamento. Quando estava se preparando para gravar este seu quarto á.

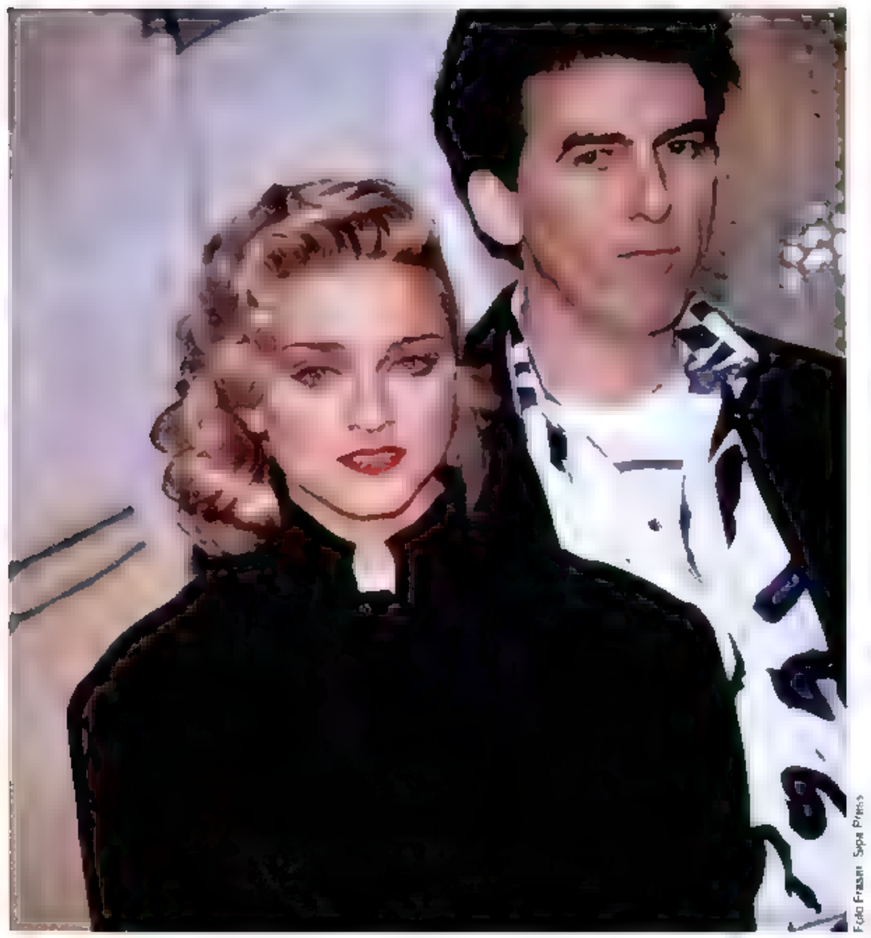


Foto Frazer Sipa Press

O vetusto cavalheiro da direita é o produtor do filme *Shangai Surprise*. Ele fazia parte de um quarteto inglês de rock muito famoso. O primeiro nome dele é George

Se dependesse de Sean Penn — o enfezado marido de Madonna — esta foto jamais teria sido feita. Toda vez que vê um fotógrafo, Sean parte para a ignorância e quebra a câmera

Foto Pascal LFI

, Madonna foi sondada para par- par de um novo filme, *Blind Date* qual contracenaria com um dos as- norte-americanos mais requisita- da estação, o mesmo Bruce Wil que os brasileiros conhecem da sé- de TV *A Gata e o Rato* Madonna, ntudo, recusou a proposta, porque filme poderia por em risco a elaboçao de *True Blue*

O único grande obstaculo que Madonna enfrenta na realização de seus projetos é sua enorme fama. Quem pode render bem, imagine, com tietes postadas nos seus calcanhares, acompanhando cada passo seu, de casa à academia de ginástica, do almoço ao studio de gravaçao? Madonna passa por isto. E também precisa enfrentar batalhao adicional de fãs, fotógrafos e repórteres. Como se não bastasse é o alvo predileto de tablóides sensacionalistas que registram cada piscar de olhos mais enviezado Seu casamento com o enfezado Sean Penn — dado a sopapear fotografos mais afoitos — quintuplicou a frequencia de Maddona nas paginas de fofoca Houve o caso do londrino *The Sun*, poucos meses atras, que detonou uma manchete garrafal, proclamando Sean "O Moleque Mimado que Domina Madonna "

Esta presença constante no furacão da fama atingiu seu pico à epoca Live Aid Haviam chegado as bancas, naquela época, as edições de *Penthouse* e *Playboy* que mostravam Madonna nua em pelo, em fotos antigas de 1978, mas, mesmo assim sensuais e cobiçadissimas. Quase simultaneamente, fora desenterrado filmete meio pornô do qual Madonna participara, *A Certain Sacrifi* hoje disputadissimo no mercado de *home video*. Ela, entretanto, fez de rogada e, diante da platéia de 90 mil pessoas que preenchia o estádio JFK, na Filadelfia, multiplicou-se mais vestida do que de costume em seu shows Sequer tirou a jaqueta, apesar do tórrido calor de quase 40 graus E Ele quebra, ainda bronqueou: "Hoje eu não tiro porra nenhuma! Pode ser que vocês me sacaneiem daqui a uns 10 anos

Daí não ser tão inesperado para Madonna encontrar um reporter encostado em cada porta de quarto de hotel, ou, entao, passear pelas ruas de Xangai com verdadeiras procissões de pessoas a segui-la. Mas não há argumento que faça Sean relaxar sua guarda em relação ao assédio da imprensa. Toda vez que vê um fotógrafo, senta a porrada "Ele luta por sua privacidade", contemporizou Madonna numa entrevista, "e mesmo que eles consigam fotografá-lo com uma camisa cobrindo o rosto, não conseguiram grande coisa, porque ele não facilitou Vai chegar uma hora em que eles se cansarão de nos perseguir. Sean está apenas tentando nos proteger"

O caso de amor cultivado por Madonna e Sean tem sido interpretado por muita gente como a criação de um pequeno 'esquema mafioso' — ela impulsionando a carreira de Sean, que, por sua vez, facilita a entrada de Madonna no mundo do cinema Comenta-se, inclusive, a existencia de uma cláusula contratual segundo a qual Madonna se recusa a participar de qualquer filme sem Sean no elenco. E Penn, enquanto isso, prepara-se para mergulhar no mercado de clips Ele dirigirá o próximo video de Madonna

Nova Madonna? Será que há muita diferença entre a Garota Maternal arrogante e provocadora e a pretensamente recatada Madonna versão 86, mestra na manipulação da mídia! Nao haverá um ponto comum de controle de imagem e atrevimento que se mantem intacto até os dias de hoje? O lay-out pode ter mudado, a música de trabalho pode ter fugido da batida habitual. Mas, no básico, Madonna continua sendo Madonna Sem tirar nem por.

JESUS & MARY CHAIN

O quarteto escocês atinge o definitivo píncaro da glória: uma entrevista com *Pepe Escobar*, sob o sol da Califórnia

KROQ, 106.7 FM, Pasadena, Los Angeles. Pronuncia-se "Kay Rock". É a rádio da moçada, ultra high tech, em um suburbio de luxo de L.A. Jesus and Mary Chain, com o *basic black* de praxe, incluindo as imitações de ray ban compradas em lojinhas de segunda mão, passeia pelo estúdio. Ou melhor, prostra-se ao lado de dois microfones. Mary Chain prepara-se para conquistar a Califórnia, eldorado da afluência, dinheiro, sexo, plástico e rock'n'roll. Mary Chain, como se sabe, é o Velvet *Overground* dos anos 80.

Daqui a pouco tocam em Santa Mônica, *point* de surfistas, windsurfistas, naturalistas e yuppies variados. William Reid, escocês *on the rocks*, de Glasgow, porém viciados em cerveja, é claro, está meio assustado com a Califórnia. 'Aqui é legal. Mas é estranho. Não tem inverno. Como é que essas pessoas conseguem viver sem inverno? Será que neva na Califórnia?" Digo que no Brasil também não neva. "Então é igual à Canfornia?" Não, meu filho, há algumas *pequenas* diferenças.

Reid é o homem por trás do *white noise* do Mary Chain. No palco, fica de costas para a platéia durante os 25 ou 35 minutos de show — nunca é mais do que isso —, agachado e curvado sobre sua guitarra, tirando um elegantissimo ruido incessante de serra elétrica e melodias cristalinas, puras pérolas pop. Quando fala, seu sotaque é de morte. Escocês, ainda com algumas cervejas enrolando a língua, é fogo. "Aqui eu sempre pergunto para as pessoas se elas estão me entendendo. Parece, mas não é a mesma lingua."

E então, depois de provocar tumulto na lúgubre Manchester, depois de virar darling da midia londrina — mesmo a mais metida — Mary Chain chega para desconcertar os EUA, como quatro garotinhos *dark* do apocalipse? "Não. Acho difícil. Dificilmente seremos um grande grupo na América. As rádios não tocam o nosso álbum. Só as *college radios* (Nota: radios das universidades, não comerciais, onde toca Mary Chain, Smiths e similares). "Os disc-jockeys acham que não é um disco comercial". Mas onde toca, causa emoção. Mary Chain será então um *cult group*, como o Velvet? "Temos tocado em lugares não muito grandes, no maximo para mil pessoas, duas mil. É um pouco diferente de Duran Duran. A América é OK, mas não estamos pensando em virar um supergrupo. É muito difícil entrar nesse mercado. Não é como a Inglaterra, que é uma ilha, é só Londres quase. Aqui são cinquenta países diferentes."

"Os jornais de música na Inglaterra são muito provincianos. Nós somos apenas uma banda que quer fazer boas canções pop"

Vários ouvintes ligam para a rádio e perguntam a mesma coisa. ' Por que vocês se chamam Jesus and Mary Chain?" Reid já deveria ter as respostas gravadas. "Ora, é um bom nome. Soa bem. É original." Direto, como são os escoceses, não há por baixo de tudo nenhum conceito sobre a Sagrada Família ou uma provável subversão do rock'n'roll pelo catolicismo. Cada ouvinte faz do nome — e da postura — o que quiser.

A decantada pose — ou falta de — do Mary Chain no palco também não tem mistério. "Fazemos shows curtos porque as musicas são curtas e, mais do que isso, a platéia se enche. E não vejo nenhum motivo para ficar pulando no palco. As pessoas pagam para ouvir música. E o que nos fazemos."

Velvet. Um tema inevitável. "É um dos meus grupos favoritos. Tenho ouvido muito 'Some Kind of Love', ou 'What Goes On'. Outra influência foram os Doors. Dos grupos novos, gosto dos Cocteau Twins." Quando menciono Beach Boys, Reid generaliza. "O que me pega são mais melodias da época do que um determinado grupo."

Reid vai tomando cerveja, a língua enrola mais, o sotaque fica mais de morte e os ouvintes da rádio ainda querem saber o porquê desse nome esotérico. Uma gatinha liga desesperada porque não vai poder ir ao show. Diz que eles são a melhor banda do mundo. Reid permanece imperturbável. Será que esses escoceses têm *soul*? Puxo a conversa para James Brown, Sam Cooke, que, na sua época de gospel, cantava uma musica linda chamada "Jesus, Wash My Troubles" (Jesus, lave de mim meus problemas). Reid não parece muito interessado em música negra, mas acorda com Brown e Cooke: "É fantástico. Mas

ao cabe na nossa coisa. Nós estamos mais preocupados com o controle, em chegar a uma canção perfeita, curta, simples."

O DJ pede para Reid escolher um ... de Mary Chain. Sugere "Never Understand". Reid diz que é óbvio. Prefere "Inside Me". Perfeito: é uma ânsia, uma raiva — ou um monstrinho como o de *Alien* — que ... ve dentro do personagem. O ritmo ... quase primal, tambor da África, ... oz psicodélica de fundo de poço, e ... do descamba para uma distorção ... ree de entortar a espinha.

Como Reid vê todo esse carnaval dos ingleses em cima de Mary Chain? "A salvação do pop e coisas do gênero?" "Os jornais de música na Inglaterra são muito provincianos. Nós somos apenas uma banda que quer fazer boas canções pop. É muito simples. Não tem mistério."

Não tem mesmo. O show em Santa Mônica dura no máximo meia hora. Platéia superafluente. Todo mundo chegou pela *freeway*, de carro, parou no estacionamento gigante e foi embora, bem comportado, ao final.

Atmosfera de culto. Palco negro ... m nenhum adereço. Os Mary Chain ... negro, sem movimento. É aquela ... distorção das esferas. Vai na veia. ... tes do show tocou Specimen, um ... nanescente psico-góuco londrino, ... inha *glitter*, agora radicado em São ... rancisco. Muita esbórnia por nada. Um contraste brutal com a simplicidade de Mary Chain. Evoluiram barbaramente. Eu os vi pela primeira vez há um ano, em Manchester. Era um caos. Seu *set*, agora, é uma aula de pureza pop. No meio do lixo atômico musical, é para dar graças à Virgem Maria.

Foto Cláudio Edinger

Celso Blues Boy

SOLDADO DA TRADIÇÃO

BIZZ — *O que você diz do marketing do "marginal"?*

B B. — Antes do rock explodir por aqui, todo mundo era marginal. Quem estava dentro do sistema não era. Não partiu de mim promover o "marginal", e sim deles. Acho uma vitória. Estamos desmarginalizando o marginal. Acho que esse rótulo vai ser banido, que terá outra conotação. Hoje em dia, o padrão de maldito está acabado, por isso acho *Marginal Blues* um nome perfeito. Luís Melodia sempre teve esse rótulo, mas era respeitado pelo público.

BIZZ — *Sempre comparam você ao Eric Clapton. É válida a comparação?*

B B. — Ele é um cara que deixou um marco na história. Não tenho tantas pretensões nem talento para isso. Eu me influenciei por ele. Quem diz que eu copio não entende ...da de música. Um cara que copia ...to não está com nada.

BIZZ — *É verdade que você man... uma cópia deste LP para ele?*

B B. — Se disser que não ou que ...m estarei me promovendo em cima ...ance. Só diz respeito a mim.

BIZZ — *Para você, o que é rock? O diferencia um roqueiro de um roqueiro?*

...B. — Esse papo não tem nada a ... Existe muito folclore em cima ...so. Roqueiro é um cara que se de... a vida toda ao rock. Eu poderia ...ar aqui vestido de couro, mas não ...nada disso. O pessoal do Paralamas ...Sucesso se disse veterano do rock ...ntão eu sou o quê? Fóssil? Você vi...e a coisa ou não vive. Faço rock tra...cional, r&b, blues, luto por essas ...ásicas. Se um dia fugir disso, esta...rei fugindo de mim, ou louco.

BIZZ — *Como foi aquela história de você certa vez ter ido em cana por tocar o Hino Nacional?*

B B. — Fazem muito folclore em cima disso. Foi em 72. Na realidade não houve coisa alguma. Era um festival com diversas pessoas, eu não estava nem escalado. Na época eu tomava drogas e estava bem ligadão, quando uns amigos me deram uma guitarra e me pediram para participar de uma *jam-session*. Só que eu fui para o palco e vi que estava sozinho. Me deu na cabeça e toquei o Hino. Não fui preso, não houve tumulto. Muita gente gosta de se vangloriar — ah, fui agredido pela repressão". Não sou de direita, nem esquerda, nem centro, quero mais é que se explodam. O lance de tocar o Hino é uma coisa que sempre fiz. Quando estava irritado, fazia isso, como se dissesse "isso é Brasil". Acho o Hino melodicamente bonito.

BIZZ — *No seu disco, além de uma versão de uma música de Eric Clapton há uma homenagem a Duane Allman. Por quê?*

B B. — Pouco conheci o Duane, mas acho que devia ser um cara extremamente parecido comigo, só que ele foi consumido antes. Quando ele morreu eu usava drogas e, pelo que li, ele tinha uma vida bem parecida com a minha.

BIZZ — *Por duas vezes na conversa você usa a frase "quando eu usava drogas". Não usa mais?*

B B. — Nem maconha eu fumo. Eu já tive até problemas de alcoolismo. São águas passadas. Vi muito amigo meu morrer. Nada tenho contra quem usa por diversão. Sou contra quando começa a consumir a vida da pessoa. Prender por fumar maconha acho hipocrisia. Acho que não liberando, põem a segurança do jovem em risco. Nunca se sabe que tipo de policial pode se aproveitar disso. Atualmente não dispenso uma boa cerveja com limão (na parte da tarde) e sal (às vezes).

BIZZ — *Você tem ouvido alguma coisa do novo rock americano que está voltando às guitarras, tipo Jason & the Scorchers, Del Fuegos?*

B B. — O mais novo que ouvi e gostei foi o Mark Knopfler. Não conheço nenhum dos que você citou. Prefiro ouvir os tradicionais, que têm um universo tão grande que nem dá para sacar tudo.

BIZZ — *E o novo dos Stones?*

B B. — Estou louco pra comprar. Já fui em duas lojas e não tinha. Os Stones fizeram dois dos melhores discos de todos os tempos: *Sticky Fingers* e *Exile on Main Street*. Ali, naquela época, havia sentimento, verdade, honestidade e classe. Não tinha armação. Você diz que está havendo um *revival* daquela época, mas acho que a tendência não é voltar, e sim confessar na mesma Bíblia.

BIZZ — *E sobre seu novo disco?*

B B. — Este poderia ter sido meu quinto disco ao invés do segundo, mas as coisas sempre estão longe do seu domínio. O primeiro foi julgado pela crítica pessoal e esse segundo é a confirmação de todo o trabalho que a gente vem desenvolvendo.

Foto: Dantas

A DINASTIA

LENNON

Julian e Yoko têm realmente algo a dizer, ou não passam de aproveitadores? Uma pergunta para *José Emilio Rondeau*

É como se o dia 9 de dezembro de 1980 jamais tivesse existido. Ou, por outra, é como se aquela data representasse o marco a partir do qual a vida e a obra de John Lennon adquiriram nova dimensão — maior do que seus anos como beatle, maior do que sua carreira solo, maior do que tudo isso junto — e se transformaram numa bola de neve que cresce com o tempo.

A morte de Lennon amplificou o alcance dele para muito além de fronteiras musicais e, em termos artísticos, provocou um irônico renascimento. Aguçado o interesse público por tudo que sobrara de inédito, se iniciou uma série de lançamentos póstumos. Os mais recentes são duas dobradinhas álbum/vídeo, *Live in New York City* e *Imagine*. Deste último, apenas a parte visual era desconhecida em sua íntegra, já que diversos trechos haviam sido enxertados em clips promocionais de Lennon antes e depois de sua morte.

Mas não é só isso. Além do fortalecimento de seu catálogo, Lennon permanece uma figura influente no rock, ainda que através de refrações que nem sempre correspondem ao que ele, provavelmente, estaria fazendo hoje se continuasse vivo.

A DINASTIA LENNON

O filho, Julian Lennon, surgiu praticamente do nada, em meados de 84, para gravar todo um álbum — *Valotte* — com músicas que pouca gente sequer suspeitava ele pudesse compor, cantar e gravar. Antes do lançamento de *Valotte*, Julian era conhecido apenas por ser o filho de Lennon para quem Paul McCartney compusera "Hey Jude", numa demonstração de carinho para com um garoto recém-atingido pela separação dos pais. A vida de Julian — sempre sobrevoada pela imensa e inexorável sombra do pai — servia, então, de recheio para as colunas de fofoca dos jornais, jamais chegava às publicações de música. Ao invés de ser mencionado por alguma incursão artística, Julian aparecia nas folhas como um moleque mimado e farrista, dado a entregar-se a longas noites de bebedeira. Só que, aos 17 anos, ele confessou uma paixão por engenharia de som, passou a compor e caiu nas graças de um jovem contador, Dean Gordon, que logo conseguiu um contrato de gravação para Julian e deu início a uma ascensão artística meteórica e estonteante.

Foto Syndication International/ Keystone

Férias na Escócia, em 69: John e Julian com Yoko e sua filha Kyoko

A mídia sucumbiu — Julian e seu sobrenome aterrissaram sobre a saudade cultivada pelo mito Lennon com uma voz e um rosto bastante assemelhados aos do pai. O que Julian cantava, contudo, pouco ou nada tinha a ver com John. Enquanto o pai afiava suas letras com comentários sócio-políticos corrosivos, provocantes, Julian optou por canções simples de amor ou que celebravam o escapismo. Não é à toa que seu novo álbum leva o título de *The Secret Value of Daydreaming* (O Valor Secreto de Sonhar Acordado). Seria difícil culpá-lo. Afinal trata-se de um dos dois filhos mais famosos de toda a história do rock. O outro é seu irmão, Sean. Por outro lado, conforme observou o crítico Anthony De Curtis na revista *Rolling Stone*, "seria injusto esperar de Julian não apenas brilhantismo como também significância".

Julian de mãos dadas com Paul, que compôs para ele a clássica "Hey Jude"

Se Julian é um astro de rock tão famoso, o mérito não cabe apenas a seu inegável talento para costurar melodias pop extremamente corretas, bem resolvidas e longe das prefabricações que jorram aos borbotões por aí, mas também ao sobrenome que, além de trunfo, é sua mais pesada cruz. Seria mais acertado, portanto, esperar de Julian um rendimento condizente apenas com o tamanho de sua carreira e de sua real capacidade. Colocá-lo lado a lado com o pai é, no mínimo, irreal.

E quem garante que, sem o sobrenome Lennon, Julian teria a mesma projeção que obteve? E quem garante que, livre das enormes expectativas que foram depositadas em seus ombros, Julian não arriscaria vôos mais atrevidos, estaria liberado para *não ser* um descendente de uma das maiores personalidades rock de todos os tempos?

A ousadia sempre foi o mote e principal artífice da perpetuação da obra de Lennon, a verdadeira guardiã do que se poderia chamar Dinastia Lennon: Yoko Ono. É ela quem vem coordenando os lançamentos póstumos de Lennon e, por assim dizer, é quem mais dedicadamente eterniza a ideologia Lennon, seja lá o que isso for.

Quem detesta Yoko — e essa cor-

Foto Keystone

Julian em mais deste ano: sob efeito das pressões do show-biz

Yoko flagrada em sua excursão transcontinental, a Starpeace Tour

Foto Frank Stronach/ Stills

rente de detratores só diminuiu quando John morreu, numa atitude mais de piedade humana do que qualquer outra coisa — acha que, artisticamente, ela é nula. Seu único mérito seria o de saber fazer dinheiro. E, na maior parte dos casos, às custas da obra do ex-marido.

Mas os que conseguem enxergar Yoko fora da ótica da "viúva aproveitadora" talvez descubram uma artista de méritos próprios que, da mesma forma que Julian, teve a sorte e o azar de ter se associado, num determinado período de sua vida, justamente com John Lennon.

Ela, no entanto, faz pouco ou nada para se dissociar de Lennon. O que, provavelmente, seria impossível. Em fevereiro, por exemplo, Yoko iniciou sua primeira turnê solo com um show em Bruxelas. Esta Starpeace Tour inicialmente havia sido planejada como apenas um show no Lincoln Center, um teatro a poucas quadras do Dakota, em Nova Iorque. Mas Yoko — antes aterrorizada pela idéia de subir num palco, abrir mão de sua vida ultraprotegida e, pela primeira vez desde que Lennon morreu, se expor — preferiu investir numa turnê de verdade, que a levasse pela Europa, Estados Unidos e Japão. Acontece, porém, que a turnê padeceu de vendas minguadas — embora as pequenas platéias tivessem sido bastante entusiásticas — e críticas arrasadoras.

A fúria da crítica — que não é nenhuma novidade para Yoko — originou-se no fato de ela cantar, nos shows, duas gemas de Lennon, "Imagine" e "Give Peace a Chance". Mas, encaixadas no contexto geral dos shows, estas músicas caem como luva e dificilmente poderiam ficar de fora.

Os shows da Starpeace Tour, conforme explicou o jornalista David Fricke, da *Rolling Stone*, é uma "peça moralista baseada na vida dela após a morte de Lennon. ela representa, em público, todos os choques, toda a dor e todo o lento processo de cura através de canções autobiográficas, como 'Goodbye Sadness' ". E ela mesma, ao anunciar "Imagine" toda vez que vai cantá-la, diz ao público que "(esta música) é a razão por que estou aqui", mais uma vez evocando a utopia de paz universal engendrada por ela e Lennon. Provavelmente essa associação Lennon/Ono já se tornou um elemento fora do controle de Yoko. Qual é o limite, por exemplo, que divide a artista Yoko do artista Lennon. Será que, durante sua longa convivência, as duas coisas se misturaram a tal ponto que tornou-se quase impossível distingui-las? A crítica, no entanto, mostra-se cada vez mais impiedosa nesse ponto. Houve o caso do diário londrino *Daily Mail* que apelidou a turnê Starpeace de o "ego-show de Yoko".

Por outro lado, é bem provável que a crítica fosse inclemente caso John e Yoko tivessem realizado a tour que planejaram para o lançamento de *Double Fantasy*. Nela, John iria cantar "I Wanna Hold Your Hand", um dos primeiros monumentais hits dos Beatles. Quer apostar como ia ter muita gente reclamando?

No Rock'n'Roll Circus, os Lennon com Bill Wyman, Brian Jones, Keith Moon e Eric Clapton

Foto Stills

LOBÃO

Foto Luis Ludmer/ Abril

- ☐ GÊNIO?
- ☐ LOUCO?
- ☐ BABACA?
- ☐ NENHUMA DAS ANTERIORES?

LOBÃO

Foram duas horas de entrevista e seis de bate-papo. O resultado está nas páginas seguintes. Antes, porém, um pouco de história, já que Lobão está nesta vida de rock'n'roll há onze anos.

Foto Luizinho Corrêa Abril

Programa Barros de Alencar, novembro de 82: surge a Blitz com Lobão nas baquetas

João Luis Woenderbarg (seu verdadeiro nome) tem 28 anos, é de Libra, ascendente em Sagitário, com a Lua em Touro. No horóscopo chinês é Galo — "cara de cocorocó bravo", como ele disse. Em 1975 foi tirado de sua doce vida com a musica clássica, para tocar bateria no grupo Vimana. Segundo a crítica da época, uma boa banda de rock que não durou muito. Depois disso passou a ensaiar, durante nove meses, com o ex-tecladista do grupo Yes, Patrick Moraz. Daí sairia o segundo casamento de Lobão — desta vez com a ex-mulher de Moraz, Liane, doze anos mais velha que ele.

Em 1980, incentivado por Marina, deixou a toca. Esbarrou em Evandro Mesquita, então do grupo de teatro Asdrúbal Trouxe o Trombone e, juntos, fundaram a Blitz, com Lobão ainda na bateria. A proposta inicial da banda era fazer uma caricatura dos grupelhos de rock e showbiz em geral. Porém, na hora de gravar o disco, a produção veio com aquelas velhas histórias: "Essa música não pode ser assim, esta outra também não..." A banda topou e Lobão pulou fora.

Trabalhou com Lulu Santos, Gang 90, até gravar seu primeiro LP solo em 82, intitulado *Cena de Cinema*. E mais elogios da crítica.

Um terceiro casamento e o encontro com os Ronaldos — quase todos amigos de infância — viriam fazer dele uma pessoa novamente gregária. No amor, com Alice — a Pink Punk da Gang 90. Na música, com Baster, Odeid, Guto e a própria Alice (Lobão nos vocais e guitarra base). Lançaram o LP *Ronaldo Foi para a Guerra*, em 84, desprezado pela gravadora mas respeitado pelos roqueiros. Alice pulou fora — inclusive do enlace — e Lobão continuou com os outros membros do grupo. Até que, como todos sabem, se separaram. E veio o quarto casamento, com Daniele Daumerie, 17 anos. De novo em carreira solo ele gravou o LP *O Rock Errou*.

Lobão tem a língua solta — fala de tudo e de todos, sem xilocaína. Uns dizem que ele se aproveita disso para ganhar ibope, outros que ele não passa de um babaca. Já alguns à sua volta o cultuam como gênio. Será?! Confira você mesmo. ***Sônia Maia***

Três embriões da new wave tupi em berço hippie. Da esquerda, o grupo Vimana: Luiz Paulo, Lulu Santos, Fernando Gama, Lobão e Ritchie

Quem sou eu?

Eu sou kamikaze, cara. Faço o que gosto — se não der, não deu. Agora, pior que a morte é você viver no formol. Não adianta ter sucesso, não faço essa coisa de dar grana.

Sou pedante, pernóstico, assoberbado. Uso isso caricaturalmente, para mim mesmo. Tem algumas polêmicas que eu, óbvio, lanço, pergunto e me questiono. Tem outras que eu jogo, como em um jogo de pôquer.

O Rock Errou?

Isso é um álibi. "O rock errou" é uma frase-chave que, para mim, é sensacional. É um disco de entressafra — fiquei quatro meses enclausurado meditando, namorando, meditando... Quando pensei "O rock errou" foi: "Pô, tem tantas músicas que estão iguais aos outros períodos... Então, já que *errou*, eu posso chegar e colocar isso como conceito. Posso colocar ele em ritmo de jazz, tocar samba, fazer uma homenagem a James Brown, dá até para fazer rock, de maneira errada ou certa.

Antes de mais nada, é um álibi para eu poder fazer o que eu acho que estou afins de fazer. O rock errou? Telefona para a Sunab. Eu não tenho nada a ver com isso.

Hooked on Classics

Bach era pop. Agora, tem coisas do clássico que eu acho um saco. John Cage, para mim, é um saco. A música tem de entrar pelo meu ouvido e sair boa... ou sair dor. Não gosto de ver concerto em máquina de escrever — muito bonito conceitualmente. Acho até válido, como Debussy e Ravel que jogavam o piano do quarto andar — PAAN! — porque achavam que eram as últimas possibilidades deles. Bacana. Mas não vou ser eu que vou comprar um disco desse piano caindo, cara. Eu não estou maluco, está entendendo?

LOBÃO

Foto Luis Gonsa Estudio Abril

Com a atual musa Danielle Daumerie

Foto Cristina Granato Abril

Festa da Rede Globo em homenagem a Fellini, novembro de 84 faltaram dois porquinhos

Foto Cristina Granato Abril

Carnaval de 85 com Monique Evans fonte inspiradora de "Décadence avec Elégance

Foto Alexandre Lanetzki Abril

Kamikaze assoberbado na fase entre a Blitz e os Ronaldos

LOBÃO

Chico e Caetano

Quando falei mal de Chico e Caetano, eu quis criar a polêmica. Nunca fui inimigo do Caetano e só falo mal de quem eu gosto. Além disso, usei este questionamento para ver como o próprio metiê brasileiro está usando sua própria palavra. Se é abusiva, se não é. Se é bem colocada ou não. Se é excessivamente ética. Se é absolutamente hospitalar

Certas pessoas chegaram para mim. "Como você faz isso? Falar mal de baluartes?" Você acha que o homem das cavernas achou fogo como? O atrito gera fogo. Basta lidar com o atrito para que ele seja criativo. Não é o caso, como dizem, de eu querer ganhar Ibope em cima do cara

Caetano e Chico de crachá[1] Por mais bem-humorada que seja aquela abertura do programa, é sintomática. Crachá, cara. Para receber um grande salário. Estou cansado de falar mal deles... pô, *Tenda dos Milagres* do Caetano é linda.

Eu até tinha me proposto a trabalhar junto (no especial da Globo). Mas aí pensei: vou esperar para ver. E vi, porque — poxa — quero ter um embasamento para falar. No começo, achei um barato Ao vivo. Agora, a conduta que o programa tomou... achei, primeiro, uma puxação de sardinha incomensurável. Tudo bem, é uma sardinha que precisa ser queimada, afinal de contas. Agora, achei que foi a maior perda de oportunidade para que houvesse uma troca de informações maior. Ninguém pode se achar com o rei na barriga Nem nós, nem eu, nem eles●

●
●
●
●
●
●
●
●
●
●

Pai Nosso que Estais no Céu

Eu sou um cara místico, no fim das contas. A religião é ritualística e o misticismo abstrato. Ultimamente tenho orado muito por Deus, acho que ele não é onisciente. Acho uma irresponsabilidade, uma covardia colocá-lo numa posição de onipotência. Se Ele fosse onipotente e onisciente, não brincaria de erro com a humanidade. Mas, como a humanidade erra, estamos sofrendo — errando e acertando — em prol de uma coisa maior, de um inconsciente coletivo

Então, acho que Deus merece ser levado por nós. Em vez de pedirmos benefícios para nós, seria melhor pedir benefícios para Ele próprio; que se resolva logo e pare de brincar de autorama com a gente, por exemplo●

●
●
●
●
●

Rock in Brazil

Eu acho que o rock brasileiro está vigoroso. Pô, eu fui para Nova York e neguinho se amarrou. O rock é uma coisa internacional, uma linguagem realmente universal

Agora, é preciso um método, uma vontade. Atitude e coragem, como diria Glauber Rocha, arte é coragem Isso não acontece porque neguinho tem síndrome de macaquito. Aquele grupo, por exemplo, que é a cara do U2. O que vai acontecer? Neguinho vai ouvir e dizer é U2 O outro é a cara do Police

Acho que um mínimo de originalidade você tem de levar. Antropofagia digerida, destilada●

●
●
●
●
●
●
●
●

Ronaldos

Tenho o *mix* deles. Achei do cacete. Poderia ter sido melhor produzido — não há falhas, mas por causa de falta de tempo no estúdio, precariedade de verba, essas coisas. Mas se existe uma coisa genuína que eu conheço são os Ronaldos. Músicas do cacete e super bem tocado.

Eu saí e fui saído do grupo, porque não há nada unilateral. Primeiro, houve problemas de stress de estrada e ingenuidade generalizada. Depois de 150 shows, ainda não tínhamos descoberto a ORTN. Enquanto as pessoas estavam ganhando trinta, quarenta milhões para fazer um show, nós fazíamos por dois e meio porque eram sempre marcados com muita antecedência E o Guto tem família. Isso tudo foi uma das causas

A outra é que eu tenho uma personalidade difícil. No começo tinha também a Alice, mas ela deixou bem claro: era um ano e depois ela sai. Eram três compositores. Saiu ela, ficamos eu e o Guto. Quando estávamos elaborando o segundo LP, tinha um problema com a mulher dele, que saco! Onde ele vai, ela vai atrás.

Eu era a única pessoa que dizia "eu não agüento mais!" Eu gravei "Decadence..." já tocando guitarra, só eu. "Mal Nenhum" gravei com o Guto ainda, relutante, ele já estava insatisfeito mas não dizia Ficava querendo me retratar: "Você está andando com más companhias, está se destruindo!" Pô, eu tenho meu metabolismo

Não foram os Ronaldos que saíram amotinados, foi uma coisa gradual. Eu estava num pique de tomar muita heroína e eles ficavam com medo: "Go junkie, sai dessa" "Eu sei, eu sei... *Sou autosuficiente*", falava. Aí fui ficando cada vez pior. Fiquei morrendo de raiva deles e eles de mim. Falei mal deles, eles de mim. Hoje sinto a maior saudade●

●
●
●
●

Foto Luis Gomes Estudio Abril

Bastidores do show em São Paulo, maio de 86

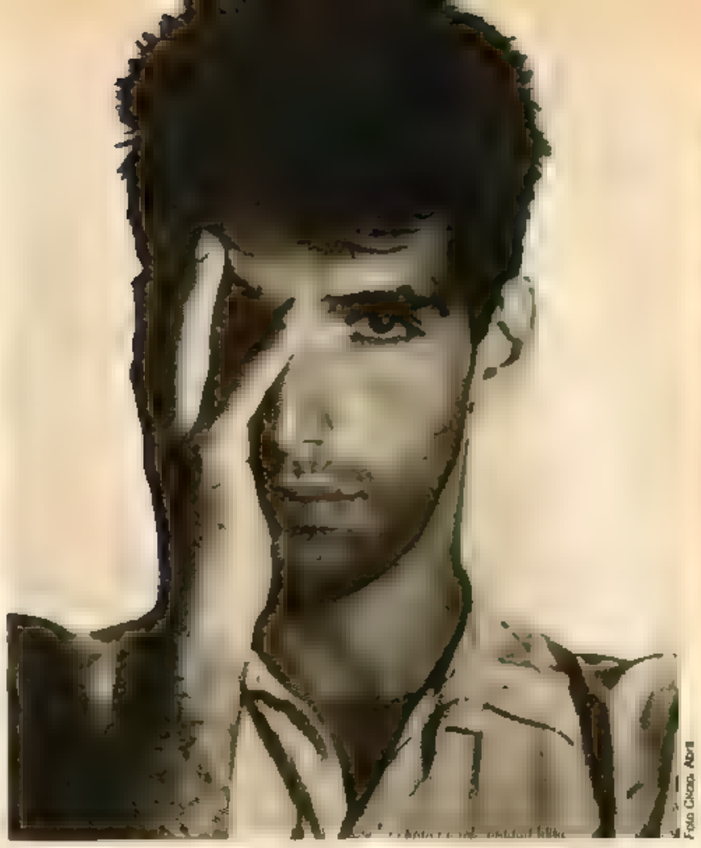


Foto Chicão Abril

Em dezembro de 82, saindo do Blitz para lançar Ceia de Cinema, *o primeiro solo*

Foto Fernando Seixas Abril

Um lobo solitário, "mas só intelectualmente como ele mesmo frisa

Foto Cristina Granato Abril

Com Cazuza, parceiro de poucas e boas

LOBÃO

Rock Europeu, Rock Americano

Lá está tudo seco. São darks e eu não agüento isso. O Echo & the Bunnymen, por exemplo. O Ian MaCulloch é um puta poeta mas, musicalmente, não posso achar bacana. Tem coisas do cacete. Prince é do cacete. Mas são coisas esporádicas, não é um movimento. É tanta merda. Não é que vou ficar com o dedinho para cima, não. Sou sério! Agora, não sou entediado, sou raivoso. Já que não morri até agora, entediado é que não vou ficar. Uma coisa passiva, escrota, babaca. Reclama, mas não fica impondo tédio a ninguém. Tédio já existe nas ruas do mundo.

João Luis, o Lobão

O apelido vem do colégio. É porque eu como muito. E detesto aquelas coisas de "me dá um teco", "me dá um pedaço", quando estou comendo alguma coisa. Não é por sovinice, não, é porque é a minha dose. Então eu comprava a minha dose, todo mundo pensava que eu comia à pampa, punha aqui um queijo quente, um cachorro quente, um milk shake, um banana split e dois sucos, isso só para mim. E comprava um hambúrguer, botava tudo espalhado na mesa de pingue-pongue e dizia: "Quem quiser toma, come esse aqui, mas não me encham o saco". Aí começaram a ver aquela coisa toda, eu comendo alucinado, e como eu sempre usava macacão, sempre uso, o pessoal ficava assim: "Oh, lobo mau, lobo mau..." E daí veio Lobão.

Punk, Heavy Metal, Silêncio

Sem silêncio a coisa não vinga. O punk, por exemplo, não tem silêncio. É tipo trígono na testa. Acho legal como manifestação política. O heavy metal já é outra coisa, um onanismo musical, masturbação, puberdade.

Agora, o silêncio é importante para se criar alguma coisa. E a mesma coisa que você perguntar para um desenhista se ele prefere criar uma página em branco. Tem de ter basicamente o branco, o silêncio, e daí você parte para qualquer coisa. Mas tem de ter o cuidado de não invadir muito esta paralisação, para que aquilo se torne uma coisa audível.

Um lobo solitário?

O rock'n'roll é uma coisa gregária. Aí eu fui transar com outras pessoas — neste disco *(O Rock Errou)* o Torquato foi um produtor de estúdio que tocou guitarra, o João e o Junim, todos me ajudaram. Me senti agregado a eles ao fazer um trabalho solo, tanto é que na contra-capa estão todos canonizados. "Lobão" era o nome da empresa... Eu acho que eu sou um cara solitário, independentemente de ser gregário ou não.

Mas eu tenho uma coisa de grupo muito forte — eu era baterista, e baterista tem que ser gregário. *Ceia de Cinema*, poxa, quem participou foi o Lulu Santos, a Marina, a Blitz antes de ser Blitz — o Antonio Pedro, o Barreto... Não sou uma pessoa despótica em estúdio. Se alguém tem uma sugestão melhor que a minha, vou acatar. Quero um resultado final legal. Num disco solo eu tocaria bateria, baixo — que eu sei tocar melhor que guitarra — e guitarra também. Poderia fazer, e ainda vou acabar fazendo, por curiosidade.

Mas, por querer ser gregário, para provar para mim mesmo e para os Ronaldos, "viu, não sou tão egocêntrico assim!", fiz questão de não tocar nenhum instrumento neste disco. Muita gente tinha falado que eu estava em uma *egotrip*, e eu senti que precisava provar a eles que eu estava sendo injustiçado, que não era bem aquele o ponto da ferida, eu querer tocar todos os instrumentos.

Fragmentos de vários discursos

"Música tem de ter uma dose mínima de entretenimento — simpatia, empatia perante as coisas."

"Quando digo 'barulho basta eu que faço', quero dizer 'destas dez ao luar, basta eu a tocar! Mas para ouvir prefiro Bach'."

"Me sinto genuíno musicalmente. Pode ser ruim, pode ser mal. Mas é a minha cara."

"Acho que Hitler leu Nietzsche e pirou. E ficou achando que o super-homem era o homem ariano. Hitler era um pintor equivocado, que comia as fezes de Eva Braun."

CABRA CEGA

O QUE PENSAM OS RONALDOS?

LOBÃO

Esse é aquele jogo em que tocamos algumas faixas não-identificadas. Lobão comenta e tenta dizer de quem é o som...

"Outside Tokyo", Stranglers — Parece uma valsinha. Bem gravado. Não agüento este tipo de música. Não agüento mais gente desafinada. Não, não, pára! Eu juro, eu confesso, quem é essa pessoa cantando? Não agüento mais esse tédio. Tédio europeu na veia.

"As Minas do Rei Salomão", Raul Seixas — Tem cara de *demo tape* Raul Sexless. Ele já foi legal, quando gravou isso. Podia ter maior qualidade de som naquela época. Merece respeito. O rock'n'roll é uma besteira. Rock, basta eu tocando.

"Cross Your Legs", Arto Lindsay — Interessante. A princípio, muito interessante. Gostei do baixo e bateria. Se demorar mais cinco compassos assim, vou achar chato. Ah! Obrigado. Não, não... criativos os garotos, mas insuportável de se ouvir. Se eu parei é porque não gosto. Afoxé isso aí? É uma falta de imaginação. Muita tecnologia. Pelo menos o cara do surdo toca bem. Rock ainda ouço alguns nacionais, mas de lá de fora? É árido, muito árido. Um James Brown frustrado.

"Streets of Laredo", John Cale — Isso é americano. O que é isso? Excesso de tédio, horrível... não... cacofonia, cara! Isso é tortura musical. Engodo.

"Mediocridade Afinal", Smack — Parece que é a melhorzinha. Demora muito. Introdução enorme. Só para causar irritação na gente? É instrumental esta música? É português. Grupo de língua portuguesa pelo menos. Pô, eu não queria ficar falando mal de ninguém assim. É o mais legal. Não me emociona nem mais, nem menos. O tédio não me convence nem me fascina mais. Já foi muito ousado. Raiva sim. Senão adorava ficar olhando as amebas. Pelo menos são mais punks.

Foto Fernando Pimentel Abril

Os Ronaldos, da esquerda, Alice Pink Punk, o Lobo, Odeid, Baster e Guto

Guto *(guitarrista e criador do termo Ronaldo)*

"Não quero falar sobre isso. Já foi há tanto tempo, já se passaram tantas coisas. Não sei o que dizer sobre isso. Não concordei com o que tava acontecendo em volta dele, na casa dele. A gente não conseguia produzir mais nada. Eram milhões de piradas. Neguinho muito louco. Todo mundo é um indivíduo. Quando não há espaço, pula-se fora".

Baster *(baterista, irmão de Guto, amigo de infância de Lobão).*

"Me desentendi com Lobão no estúdio no começo da gravação do novo LP. Mas na verdade tudo foi fruto de desgaste. Muitas viagens juntos, aquela coisa de banda, quarto de hotel. Ele é muito cabeça-dura. Não o critico por isso. Só não queria ser vítima de coisas que ele fazia. Nossa amizade gelou na época, mas tudo passou e agora somos amigos de novo. Gosto muito dele, freqüento sua casa. Foi só isso".

Odeid *(baixista)*

Cada um de nós teve um desentendimento diferente com ele. O lance do Guto foi mais desentendimento pessoal, já que eles se conhecem desde infância. Eu só fui conhecê-lo com os Ronaldos. Meu lance ligou-se mais à saída do Baster. Guto já tinha saído e o clima ficou esquisito. A gente já não ensaiava mais, a coisa tava mecânica. A separação deu-se há exatamente um ano. A gente ia tocar em Juiz de Fora e o Lobão não apareceu. Eu não dou razão a mim ou ao Lobão, mas senti que tava na hora, não tava rolando mais camaradagem. Eu não briguei com Lobão, mas não dava razão a certas coisas que ele fazia".

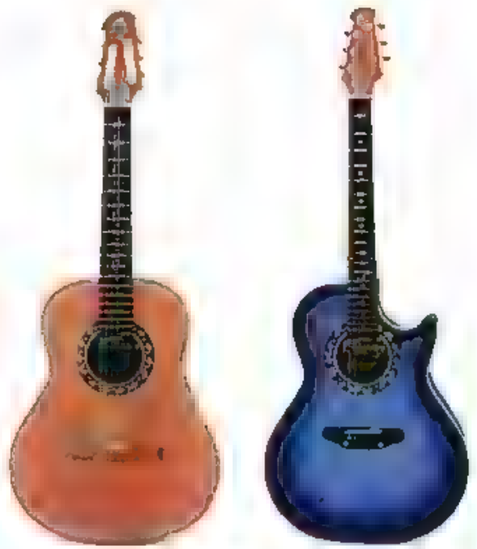
Alice *(cantora, tecladista, ex-companheira de Lobão)*

Eu não queria tocar teclados, eu queria cantar, entende? Foi por isso que saí do grupo. Não foi bem uma briga de egos. Além do mais, eu tinha uma relação emocional com ele e alguém tinha que sair da banda para não ferir o outro. Saí eu. Na verdade, foi tudo um acúmulo de coisas.

Tom Leão

FIBER Newline

FIQUE POR DENTRO DESTE SOM



A Giannini está lançando uma nova linha de violões que você não pode deixar de conhecer. Fiber New Line. Eles possuem características técnicas que permitem um resultado final muito superior a maioria de seus concorrentes. Os Fiber New Line podem ser tocados tanto acusticamente como amplificados pois foram desenvolvidos de maneira a realizar bem as duas funções. E, com certeza, depois que você conhecê-los por inteiro não vai tocar em mais nenhum. Fiber New Line – A fibra do som.

Você encontra a linha Fiber New Line nas versões Fiber Tone, Cutaway e Slim nas cores: caixa preta com tampo Red Cedar, caixa café com tampo sunburst e caixa cinza com tampo moonburst. A versão Fiber Tone só é fabricada em caixa preta com tampo Red Cedar.

Giannini
O SOM MAIOR

• Pois é, mais um vocalista se vai do **Black Sabbath** quase sem esquentar o banco. Assim fica difícil, não acham? Depois de tanto tempo parado, procurando vocalista para gravar o LP *Seventh Star*, **Tony Iommi** descobriu que o ex-Purple **Glenn Hughes** estava sem pique de palco e com enormes dificuldades para decorar o repertório tradicional do conjunto e o dispensou. Isso foi em março, logo após a estréia de Glenn em Cleveland, EUA, no início de uma excursão que teve de ser cancelada, pois o fato originou a pouca procura de ingressos, e havia a necessidade de ensaiar o novo vocalista, o desconhecido novaiorquino **Ray Gillen**, amigo do baixista atual do Sabs, **Dave Spitz**. Quanto a Glenn, seu futuro é incerto, pois dizem que ele também terá que se livrar rápido do uso de drogas pesadas e tratar de uma perna ferida num acidente de moto tempos atrás. Segundo Iommi, "Estávamos dando uma chance para Glenn voltar, porém, apesar de colocarmos até um segurança para vigiá-lo, o tempo todo ele estava *chapado*". Com o novo vocalista, a turnê inglesa do Sabbath deve ter acontecido em junho se nada impedir. E cuidado Tony, o próximo vocalista deverá ter o número sete.

Foto Steve Rapport LFI

O Maiden, indo para trás da Cortina.

Foto Sadder Sipa Press

Dio, mal com os barões e com Campbell.

Foto Abril

O Black Sabbath dos bons e velhos tempos, ainda com Ozzy Osbourne.

• O **Iron Maiden** dá as caras. O quinteto estava em maio gravando novo LP com o produtor Martin Birch no Compass Point Studios, em Nassau. Depois cumprirá 22 datas pelo Reino Unido, entre outubro e novembro. Está também prevista outra maratona mundial passando pela Escandinávia, Holanda, Bélgica, França, Itália, Portugal, Alemanha, Suíça, Áustria, EUA, Japão, Canadá, Nova Zelândia e... se der, Polônia, Hungria e Tchecoslováquia. Será a Donzela de Ferro atrás da Cortina, também de ferro. É preciso mais?

• **Ronnie James Dio**, the Little Big Man, ainda chateado com algumas mancadas nas gravações e no show de seu beneficente Hear'n'Aid (principalmente **Scorpions** e **Ratt**, que deram o cano), andou explicando para quem quisesse ouvir que o guitarrista **Vivian Campbell** deixou seu grupo porque disse não querer saber mais de ser um herói da guitarra. "Já pensaram numa banda heavy sem um *guitar hero*?", lamentou Ronnie.

Foto Paul Cox LFI

O Samson, embrião de uma Donzela.

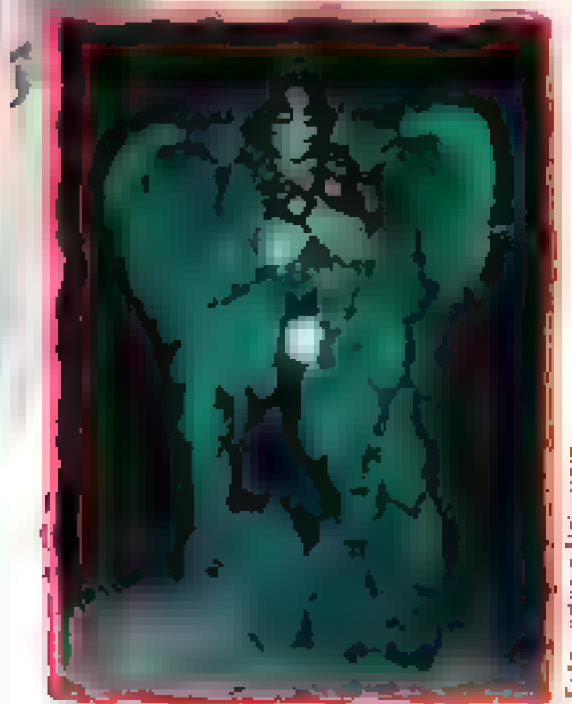


Foto cortesia PolyGram

• Já o **Kiss** não deve ter gostado muito de ter sido escalado no mesmo dia que **Ozzy Osbourne** no Castle Donington Festival, e cancelou tudo, até as apresentações que faria depois de agosto, em Estocolmo, Frankfurt e Nuremberg. A essa altura deve estar se apresentando pelos EUA mesmo. Por sua vez, o primeiro batera do Kiss, **Peter Criss**, está tocando agora na banda só de novatos **Balls of Fire**.

Pela minha cabeça passa a seguinte perguntinha: por que não escalaram, no lugar do Kiss, nesse Castle Donington, o **Stryper**? Assim no mesmo dia teríamos um concerto contra e um pró-demon.

• O power-trio **Mama's Boys**, comandado pelos irmãos irlandeses **Pat** e **Tommy McMannus**, está preparando novo disco e nova ofensiva artística ainda para este ano. Um dos motivos da pouca atividade do trio no ano passado foi a hospitalização do jovem batera Tommy (19 anos), que contraíra leucemia na última excursão americana deles. Como se sabe, essa é uma doença incurável e Tommy já havia tido os primeiros sintomas dela há três anos atrás, quando foi até desenganado. Porém a tecnologia médica atual faz milagres e Tommy foi recuperado, contando também com o rock em sua luta contra o câncer. Com o LP pronto, pretendem tocar em casa, Irlanda, França e Japão, lugares onde em muito publico. Mas o batera **Jim Delgrosso**, do **Waysted**, seu regata res... de sobreaviso.

• Depois de lançar a coletânea *Head Tones*, do grupo **Samson**, com **Bruce Dickinson** no vocal, o guitarrista **Paul Samson** lançou *Joint Forces*, seu primeiro solo. Com ele estão **Nicky Moore**, **John McCoy**, **Colin Towns** e **Edgar Patrick** (ex-Sweet). As meninas do **Rock Goddess** estão nos backing vocals. Por falar em meninas, as do **Girlschool** gravaram um compacto com **Gary Glitter**, aquele. Em maio, Samson se apresentou com seu novo grupo, **Empire**, pela Inglaterra. Nele, o baixista **Kevin Riddles**, ex-Angelwitch.

Leopoldo Rey

Ilustração Cleber V. Gattini

LANÇAMENTO

DS1000

PROGRAMMABLE POLYPHONIC SYNTHESIZER

Digitone

BARÃO VERMELHO

AC/DC

Quer dizer, antes e depois de Cazuza. O *durante* agora faz parte do passado e o iceberg fica mais embaixo

O Barão foi fundado em 1981 pelo tecladista Maurício Barros e pelo baterista Guto Goffi, no colegio Imaculada Conceiçao, em Botafogo. Eles convidaram o baixista Dé e o guitarrista Frejat, mas ainda faltava um vocalista. Um amigo sugeriu Léo Jaime, mas como o Barão seria a quarta banda da qual Léo iria participar (simultaneamente) a melhor opção acabou sendo um garoto sem experiencia, mais metido com teatro do que com rock. O Barão encontrou Cazuza cantando "Edelweiss" numa montagem teatral. Convidado para um ensaio, "ele já chegou berrando e a gente viu que tinha que ser ele", conclui Frejat.

Com Cazuza dominando o proscênio, o Barão Vermelho arremeteu-se para uma carreira tão memorável quanto bem-sucedida, alimentada a hits do quilate de "Beth Balanço" e "Pro Dia Nascer Feliz". Quando estava à beira de gravar seu quarto álbum a banda começou a arquitetar uma democratização que redistribuiria entre os cinco integrantes o poder de compor e o poder de vetar as composições. Inicialmente, a parceria padrão envolvia Frejat e Cazuza. E o destino de cada canção — se ela, eventualmente, se transformaria em peça de disco ou show — dependia da disposição de Cazuza cantá-la. "Você não pode exigir que uma pessoa cante uma musica com a qual ela não se identifica", argumenta Frejat, "mas, por outro lado, a gente não podia ficar na dependência do Cazuza querer ou nao cantar uma musica para grava-la".

Há tempos Cazuza já desejava um trabalho individual. Frejat sabia disto e incentivava Cazuza, mas sempre argumentando que havia espaço para trabalhos solos sem ser preciso sair da banda. Cazuza, no entanto, saiu do Barão durante os ensaios para a gravação do quarto álbum da banda. Levou com ele metade do repertório — músicas como "Rock da Celebração", "Só as Mães São Felizes", "Balada do Vagabundo" e "Exagerado", que acabaria sendo a faixa título de seu primeiro álbum solo, que caiu, igualmente, nas graças de público e crítica. Restaria alguma vida para o Barão sem o seu vocalista e letrista?

A resposta veio em setembro do ano passado, sob a forma de "Torre de Babel", canção composta para um especial infantil de TV; a primeira música do Barao sem a assinatura de Cazuza e o primeiro hit da banda desde que o leme passou a ser manejado por quatro. "Se esta música não tivesse sido lançada naquela época", recorda Guto, "acho que teria subido muito mais poeira e fuligem nessa história toda".

Quando reuniu o repertório para *Declare Guerra* — o primeiro álbum pós-reestruturação —, o Barão incluiu material de compositores extra-banda, como Antonio Cícero, Arnaldo Antunes e Renato Russo. E descobriu, nos ensaios, dois vocalistas ocultos — Frejat e Maurício. Este álbum acabou sendo muito melhor do que seria o nosso quarto disco com Cazuza", afirma Frejat. E a receptividade do publico em relaçao às novas musicas, a se avaliar por um recente show no Circo Voador, no Rio, reforça a ideia de que, conforme brinca Guto, com Cazuza o trabalho do Barão era "apenas a ponta do iceberg".

J.E.R.

BIQUINI CAVADÃO

Foto: Marcelo Valadão

CONTRA O SAMBA DO CRIOULO DOIDO

Bem-humorados e despretensiosos, dividem o rock brasileiro em duas categorias: *de estante* e *distante* (!?). *Sônia Maia* arranca esta e outras abóboras do grupo eleito "revelação" pelos leitores de BIZZ

"Será que vamos conseguir?" Esta foi a primeira pergunta que os então iniciantes caras-de-pau do Biquini Cavadão se fizeram ao ver o Paralamas do Sucesso no palco. Conseguir o quê? Segurar um show, corresponder às expectativas criadas pela mídia, gravadoras, crítica e público, que simplesmente adoraram a música "Tédio" desde o primeiro momento em que começou a tocar na Fluminense FM do Rio de Janeiro. "Mas dissemos: deixa o barco correr", fala Sheik (baixo).

Sem mais nem menos, a primeira notícia na imprensa veio de *Sao Paulo* e, imaginem só, da boca do "morcego" Pepe Escobar. Em uma matéria intitulada *Zona Fantasma da MPB*, na *Folha de S. Paulo*, ele dizia: "Não sei quem são, nem a formação. Mas têm uma música tocando no rádio, e é muito boa". Esta música tinha sido feita entre um trabalho de faculdade e um chope na esquina. Sem pretensões. Afinal, todos os integrantes do Biquini tem, em média, 19 anos e, embora precoces estrelas (foram eleitos "revelação" pelos leitores da BIZZ), mantêm o espírito despretensioso até hoje. Por isso, tanto a música "Tédio" como o trabalho geral do grupo foi bem aceito. Não há armação, eles são super à vontade e fazem o que querem, *mesmo*. O Biquini lembra mais um bando de amigos se divertindo numa partida de ping-pong.

Depois de todo este estrondo, a [illegible] os procurou. Aí a coisa começou a ficar mais séria. Mas nem tanto. A respeito, fala Miguel, ex-estudante de Medicina: "Até queremos viver o sucesso, mas sem perder a identidade". O difícil é compor. "Faz sete meses que não fazemos nada e só fazemos quando temos algo a dizer", explica Sheik. Isto, traduzindo, significa que eles só trabalham sob pressão. No instante X em que a coisa tem de acontecer, acontece. "No Mundo da Lua", música que estava do outro lado da *demo* "Tédio", tinha, inicialmente, uma versão meio caribenha. "Mas não gostamos muito. Fomos melhorando e acabou ficando como queríamos, a nossa cara", conta o vocalista Bruno.

Esta segunda versão seria marcada por uma série de experiências de arranjos que definiria o trabalho do LP, gravado em outubro/novembro do ano passado. Fizeram um *sampling* de tímpano, violino, trumpete. Criaram uma concepção musical e levaram para o estúdio. Lá, preferiram usar corda de verdade, metal de verdade, ajudados, ainda, pela percussão de Marçal. O resultado você ouve no disco. No mínimo, original.

Carlos Coelho, o guitarrista, é o único considerado músico *mesmo* pelo grupo. Os outros estudaram um pouco e aprenderam tocando... Tanto é que quem chama à razão para as coisas "erradas" é Coelho. Sheik explica: "Pô, eu penso uma frase no baixo e o Carlos vem e diz: 'Não pode fazer isso, cara'. E eu digo: 'Como não? Eu fiz, imagine assim'".

Apesar de novos e até meio inexperientes, os garotões têm muito a dizer. Sobre o rock'n'roll fala Bruno: "Está havendo tanta mistura de estilos! Não dá para enquadrar nada. Só os estilos específicos, como o heavy metal e afins". Sobre o *novo* som, a nova música, inicia Álvaro (bateria). "As mudanças não acontecem de uma hora para outra, o novo novo mesmo". Sheik pega o barco e continua. "Você pode fazer o original. O *novo* é muito chato. Tipo compasso 200 X 400, escala semitonática de fá, caindo no contra-tempo". Enfim, samba do crioulo doido". E Álvaro quer completar: "Você faz algo novo e neguinho picha. Como Villa-Lobos, pichado na época e hoje é o máximo".

Foto: Luiz Gomes, Estúdio Abril

Bruno: crooner entediado e no mundo da lua

A história de que não há espaço para todos, que um estilo está tomando o lugar do outro é "balé". A expressão vem de Miguel. Sheik ainda quer falar: "O povo não compra o que não quer comprar. Se não chegam a ele produtos de qualidade é por pressão do mercado". E das gravadoras ele mesmo completa: "Estão atirando para tudo quanto é lado. Não sabem direito o que fazer". E sobre o novo/velho rock nacional, Bruno é quem classifica: "Está dividido em dois tipos de trabalho: o *de estante*, tipo RPM, Legião, que você mais tarde vai tirar de lá e ouvir, e os *distantes*, que com o tempo vão aparecer".

Já que vocês são tão novos, será que vai dar para seguir carreira *ad infinitum*? Bruno: "Uma coisa é viver de música, outra é viver de Biquini Cavadão. Só tem uma banda que está aí há vinte anos". No meio da discussão, Miguel repete pela quarta vez que *quer* falar sobre religião. Então fala, Miguel: "A Bíblia diz que Deus criou o Homem à sua imagem e semelhança. Eu já acho que foi o homem quem criou Deus à sua imagem e semelhança, para ter alguém em quem jogar as responsabilidades e as coisas que ele mesmo não sabe explicar".

JAMES BROWN

Peçam a bênção e [illegible] Mr. Dynamite [illegible]

Trinta anos quentes

Wembley Arena (Londres) — 19/04

"I got *sooooul. And I'm super bad*." O grito reverbera pela arena. Quinze mil pessoas, fora de si, concordam com seus corpos suados. Sim, soul ele tem. É como. É o *godfather of soul*. O *soul brother number one*. É é *bad* até a medula ("bad", na gíria de preto americano, é o máximo, o super-cool, o mais macho e o mais sábio). James Brown ensandece Wembley em sua miniexcursão européia. E até parece que não saímos de 1956.

Há três décadas, o *Mr. Dynamite* sacudiu o torpor da época com "Please, Please, Please", um blues-balada de entortar pescoços. E, com uma mistura jamais ouvida de gospel, jazz e rhythm'n'blues, inventava o que depois seria chamado de soul music (e depois funk, rap etc.). Já era uma pantera negra no palco, dançando como um feiticeiro possesso, uma mescla de êxtase religioso e fervor libidinal.

Em três décadas, o mundo inteiro descobriu que James Brown foi e é tão ou mais importante para a história do rock n'roll (um neguinho de berço, não custa lembrar) quanto Elvis (de quem era amigo íntimo) ou Chuck Berry. Brown fez de tudo nesse tempo. Gritou em palcos do mundo inteiro como um demente atormentado. Dançou em todas as posições — celebrações sexuais em estado puro —, como um falo rijo. Negro e provocante. Regeu guitarristas com os ombros, seções de metais com os joelhos e bateristas com acenos. Suou mil e uma noites. Carregou milhares de malas entupidas de dólares — quando fazia 350 shows por ano. Vendeu quase duzentos milhões de discos. Fez um dos mais impressionantes álbuns ao vivo de todos os tempos, *Live at the Apollo*, Vol. I. No palco, foi coroado milhares de vezes como o monarca supremo do soul. Comprou jatos, diamantes, carros, terras, estações de rádio, castelos, chegou a ser o negro mais poderoso dos EUA. Virou orgulho da raça. Acalmou distúrbios raciais em 68. Botou a garotada para dançar em pleno Vietnã. Ficou paranóico. Entrou em baixo astral. E terminou voltando para botar as coisas no lugar.

Este show na Wembley Arena, em Londres, capitalizou o sucesso de "Living in America", o superfunk *high tech* do godfather anos 80. Ele se adaptou ao gosto conformista da época, mas não perdeu o rebolado. Seu show de palco continua fazendo mais estrago do que aquelas "bombas inteligentes" de Ronnie e Rambo (de quem James se diz amigo...). Apareceu de terno vermelho, banda afiadíssima — liderada pelo sax virtuoso Maceo Parker — e uma cantora linha gospel, *killer* como sempre. Fez o *greatest hits* que entorta a moçada. De "I Feel Good" a "Sex Machine" (delírio de chamar os bombeiros), passando pelos blues lentos e suas homenagens aos grandes mestres negros, como Otis Redding, Ray Charles e Aretha Franklin. Dança menos, mas quando dança deixa qualquer performer com vergonha, incluindo seus discípulos Jagger e Michael Jackson. 86 é o ano dele. Roubou *Rocky 4*, vários compactos estão sendo relançados, vem aí sua biografia e nos EUA e Inglaterra o reverenciam como o pai da música moderna. *I feel good*, diria o godfather. Peçam a bênção, e suem o soul até desmaiar.

Pepe Escobar

Dizzy [illegible]

DIZZY GILLESPIE

Jazz e tolices

Palácio das Convenções do Anhembi — 23/05

Aos 68 anos, Dizzy poderia tranqüilamente pendurar seu trompete e descansar suas bochechas, que inflam como balões quando assopra seu instrumento. Afinal, ele já teria lugar garantido na história da música deste século como um dos inventores e principais propagadores de um novo gênero musical. O *bebop*, uma forma inventiva e ágil de se fazer jazz, e que se alastrou como uma epidemia depois da II Guerra.

Dizzy, porém, mostrou estar longe do cansaço quando resolveu, este ano, trazer mais uma vez para cá seu trompete torto — resultado de um desastrado pisão em uma festa de aniversário, em 1954, e instrumento de uma sonoridade ímpar. Ficou apenas uma noite em um palco em Sampa, o que deixou de fora os desavisados e, do lado de dentro, um tanto decepcionados, seus fãs de mais longa data.

Com uma formação com a qual circula há apenas dois anos (Walter Davis Jr., piano; John Lee, baixo; Sayyd Abdul Al Khabyrr, sax, e Nasyr Al-Khabyrr, baterista e filho do saxofonista), Dizzy mostrou a firmeza natural a quem tem tantos anos de janela, vividos em palcos onde, ao lado dele, figuraram monstros como Charlie Parker, Thelonious Monk e Quincy Jones. Esta cintura, no entanto, não bastou. Com uma série de tiradas irreverentes, anedotas e pequenos casos, quase todos dispensáveis para quem se abalou a locomover-se e pagou caro para ver uma lenda, o mestre acabou deixando um pouco de lado os improvisos que marcaram sua carreira e fazendo um espetáculo abaixo do que se poderia esperar.

Na apresentação dos músicos, uns cumprimentavam os outros, trocando nomes e funções, num *sketch* que melhor caberia em um episódio dos Trapalhões. Alguns temas, já por si leves, como "See You in September", extensamente citado dentro de um dos números, receberam um tratamento que ficaria melhor adequado ao comercialismo, ainda que competente, de um Lalo Schiffrin.

Os pontos altos ficaram por conta de três grandes clássicos: a notável "Night in Tunisia" (uma daquelas músicas que todo mundo conhece, mesmo que não saiba nem título nem autor), "Con Alma" e "Manteca". Esta última é uma homenagem de Dizzy ao percussionista Chano Pozo. Com ele, [illegible] da década de 40, Dizzy introduziu um percussionista latino em uma big band. O destaque numa banda que apenas acompanhou o mestre, e onde não se consegue encontrar músicos de grande peso, ficou com o baterista Al-Khabyrr, seguro, mais técnico que improvisador, brindou-nos com uma [illegible] utilização dos pratos.

[illegible]

VIOLENT FEMMES

Cultura e garra

Orpheum Theatre (Boston) — 21/3

A princípio, parece um fantasma dos Byrds, com baixo acústico e eventual violino. De repente, pode ser Lou Reed levantando do túmulo, em uma balada nostálgica. Logo depois, uma country band de rodeio ou bar de estrada no Texas. Opa, o que é isso? "Children of the Revolution", de Marc Bolan, o cintilante e genial Bolan do T. Rex? Não é um mix. Ou é, via Violent Femmes, uma das mais criativas bandas da América paranóica de Kadafi.

Em Boston, os Femmes encontraram a platéia ideal para seus experimentos e brincadeiras country-folk-rhythm'n'blues. O QI monstruoso da moçada universitária de Harvard, MIT e da Berklee School of Music, esquecendo os abacaxis e botando o recado no pé em uma sexta à noite com farta cerveja. Os Femmes são uma das bandas preferidas do circuito *college* americano. Fazem todas as referências que contam ao passado do rock'n'roll — como as citadas. Sem intelectualismo.

No palco tocam com tesão de punks de garagem.

Os Femmes estão com um LP muito acima da média, *The Blind Leading the Naked* (Slash/WEA: poderia ser lançado no Brasil). A produção é de Jerry "Talking Head" Harrison, que acrescenta uns backing vocals negros e umas muralhas sonoras remanescentes dos Heads. Ao vivo é muito melhor. Gordon Gano solta-se na guitarra rítmica, Brian Ritchie multiplica-se entre baixo, guitarra solo e rítmica e gaita, e Victor de Lorenzo bate fundo na percussão. O clima fica perfeito para ondulações rhythm'n'blues como "Faith" e popices como "Heartache" e "Special". É uma banda de raízes — uma espécie de contraponto anos 80 a Byrds e Jefferson Airplane. E, quando entram no "protesto" — ou o que resta dele nessa época de absoluto conformismo musical — até que se dão bem, como em "Old Mother Reagan": "A mãezona Reagan é tão tola/ Tão perigosa/ Como é que pode/ A mãezona Reagan foi para o céu/ E foi barrada/ Na frente do portão". Os Harvard e MIT — futura elite cultural *made in USA* — urraram de prazer. Daqui a alguns anos muitos estarão trabalhando para *old mother Reagan* e seus solícitos tubarões.

P. E.

MILTON NASCIMENTO & WAYNE SHORTER

Fusão e admiração

Projeto SP (São Paulo) — 27/04

[illegible]

Quarenta toneladas de equipamento. Quarenta e cinco mil watts de som. Mais de trinta operadores lidando com som e luz. Um show que, parece incrível, começou pontualmente, deixando grande parte do público procurando seus lugares no escuro. E, no palco, duas pessoas de longa convivência e forte identidade musical.

Credenciais sem dúvida impressionantes. Ainda mais se lembrarmos da presença de Milton no [illegible] e [illegible] *Native Dancer*, de Wayne Shorter, [illegible] belos fraseados de Shorter em *Raça* [illegible] das Gerais. A banda também prometia. Do lado americano, ela se compunha de Russel Ferrante (teclados), Gary Willis (baixo), Edwin Brechtlein (bateria, ex-aliado de Chick Corea) e a sacudida Vicke Rand (percussão). No escrete brasileiro figuravam Luiz Avellar (teclados), Ricardo Silveira (guitarra), Nico Assumpção (baixo) e o pequeno notável Robertinho Silva (bateria).

Foram três *sets* num show de quase três horas. No primeiro, Wayne. No segundo, Milton, e no terceiro, as duas feras juntas. Wayne, alternando tenor e soprano, foi muito aplaudido logo de saída, ao tocar "Diana", de *Native Dancer*. Mas seu sopro e o timbrado acabou prejudicado pelo [illegible] econômico de [illegible] numa mixagem que ainda empastelou o baixo de Willis. Entre a fusion e as pitadas de funk de seu disco solo *Atlantis*, Wayne passeou a virtuose de quem, nos muitos anos de Weather Report, reinou nos rankings de publicações especializadas em todo o mundo.

O set de Milton foi [illegible] apesar de um [illegible] forte contraste com a postura corporal tímida de outros tempos.

A fusão dos dois no palco foi marcada por uma precária sintonia, mostrando que a falta de ensaios mais demorados nem sempre consegue superar mais de uma década de mútua admiração.

J. E. M.

AO VIVO

PARALAMAS DO SUCESSO

Foto Geraldo Leal/Divulgação

Os Paralamas incendiando o repertório novo

Futuro negro

Projeto SP (São Paulo) — 17/05

As cifras que faziam a Odeon babar quatro dias após o lançamento do terceiro LP dos Paralamas do Sucesso (100 mil cópias vendidas) não mentiam. Quem esteve neste show de lançamento no Projeto SP sabe disso. Tanto na sexta como no sábado, mais de 3 500 pessoas lotaram o local. Todavia, o que mais impressionou foi o publico ter cantado pelo menos tres faixas do novo disco junto com Herbert Vianna. Um fenômeno!

Os Paralamas abriram o show com "Alagados". Herbert deslizou o dedo pela guitarra com garra e competencia, como só se consegue depois de muita estrada. Barone, como sempre, esteve eficientíssimo. E mais criativo — ele ainda não esqueceu o ídolo-mor, Stewart Copeland (Police), apesar da maciça força reggae-samba que o Paralamas resolveu acatar e atacar. O bigodudo Bi ficou sempre quietinho, tipo menino assustado no palco, mas cumprindo brilhantemente sua função. Só espero que o modelito não cole a ponto de choverem homens de bigode (argh!).

O bis ficou por conta dos antigos sucessos "Óculos" (claro!), "Patrulha Noturna" e "Vital e Sua Moto". Mas isso não foi o suficiente para contentar a platéia — repetiram Alagados", "Óculos", "Melô do Marinheiro"... Herbert largou a guitarra, foi para a bateria. Bi tocava um apito e Barone o acompanhou nos vocais. Acabaram atirando à platéia o chapeu de marinheiro de Herbert.

Não há mais o que dizer. O publico estava extasiado e o sucesso foi absolutíssimo. Ah! Só uma coisa. Lá pelo final do show, um ato falho de Herbert. Ele perguntou à platéia: "Quem já conhece o novo disco?" Brincadeira, ou será que ele não tinha ouvido o publico com o qual falava? Como já profetizava Tom Leão em sua matéria sobre a banda Obina Shock na BIZZ 7: 'O futuro do rock é negro". E tome Bob Marley! E tome Marinheiro só! O povo aprova e os Paralamas embarcam.

Sônia Maia

BAHIA Salvador — CEARA Fortaleza — DISTRITO FEDERAL Brasília — ESPIRITO SANTO Vila Velha — GOIAS Goiânia — MATO GROSSO Cuiabá — MATO GROSSO DO SUL Campo Grande — MINAS GERAIS Belo Horizonte — PARÁ Belém — PARAIBA João Pessoa — PARANA Curitiba — PERNAMBUCO Recife — PIAUI Teresina — RIO DE JANEIRO Capital — RIO GRANDE DO NORTE Natal — RIO

Onde comprar sua Vespa

GRANDE DO SUL Porto Alegre — SANTA CATARINA — SÃO PAULO Capital

vespa
A evolução

YOUNG URBAN PROFESSIONAL PERSON RIDES VESPA.

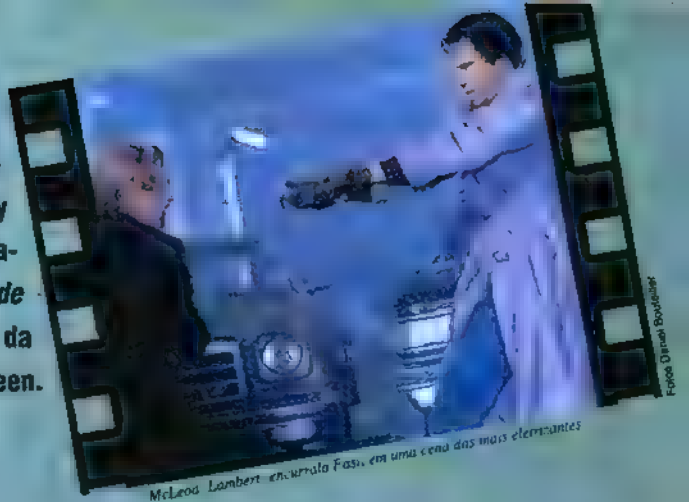
YUPPIE

vespa
A evolução

Produzida na Zona Franca de Manaus - AM

HIGHLANDER

A esfuziante fantasia do *clipeiro* Russell Mulcahy agora em formato de longa-metragem. *Marco Antonio de Menezes* fala do filme e da trilha, composta pelo Queen.



MacLeod Lambert encurrala Fasil, em uma cena das mais eletrizantes

Foto Divulgação

Mulcahy, o diretor de *Highlander*, é uma espécie de Cristóvão Colombo dos videoclips. Dia 1.º de agosto de 1981, quando a MTV americana foi para o ar pela primeira vez, iniciando a Era do Rock Visual, o clip que a inaugurou tinha direção de Mulcahy — os Buggles em "Video Killed the Music Star".

Highlander não é o primeiro longa-metragem do diretor. Mas é o mais ambicioso, com música do Queen, o ex-007 Sean Connery e Christophe Lambert *(Subway, Greystoke)* nos papéis principais e efeitos especiais de milhões de dólares.

Nem dá para falar muito nas mil coisas novas que Mulcahy trouxe para o mundo dos clips. Dirigiu o Duran Duran em clips como "Hungry Like the Wolf", além de Rod Stewart, The Motels, Kim Carnes (quem se esquece de "Bette Davis Eyes"?). E continua: "Flame", para o Arcadia, os Rolling Stones em "One Hit to the Body" e o Queen em "Some Kind of Magic" uma das faixas de *Highlander*, são seus trabalhos mais recentes.

Não que Mulcahy esteja querendo ficar só dirigindo clips. Com 33 anos, este australiano tem mesmo é a ambição de fazer filmes longos. O caso é que não tem dado, no cinema, a sorte monumental que dá nos clips. Seu primeiro filme, *Razorback*, era de terror, sobre um porco assassino. A crítica adorou, o público ficou de longe. Agora, com *Highlander*, surgiu outro problema: logo depois do lançamento do filme nos Estados Unidos, os produtores recolheram as cópias, mandaram mudar tudo. Queriam mais concessões ao público jovem.

E tinha sido exatamente por isso Mulcahy o escolhido para fazer a direção — a história, escrita por Gregory Widen, podia ficar séria e chata nas mãos de um diretor mais velho. Ela conta a lenda escocesa de dois imortais, entre 1536 e 1986, batalhando por uma vitória definitiva do bem sobre o mal. Ou vice-versa. Widen, um garoto mal saído da escola de cinema, parece ter sua própria magia, depois que escreveu a história, descobriu que existia mesmo uma lenda escocesa sobre uma raça de imortais.

A ação começa em Nova York, em 1986. Uma série de assassinatos misteriosos; os cientistas descobrem que as armas dos crimes datam de muitos séculos atrás. Connor MacLeod (Lambert), dono de uma loja de antigüidades, sabe da verdade: os crimes são obra de seu inimigo, igualmente imortal, Kurgan (Clancy Brown). Está chegando o momento de seu combate final. E o filme volta para 1536, quando MacLeod é exilado de seu clã: acham que é um feiticeiro, porque sarou misteriosamente dos ferimentos, recebidos em batalha, do mesmo Kurgan. Ele se casa, vive tranqüilo noutra aldeia, até que Sean Connery, no papel de Ramirez, lhe conta que ele é um imortal.

Depois de jurar amor eterno à mulher, que vê envelhecer e morrer, ele cumpre seu destino. Em Nova York, 86, encontra o amor novamente, numa especialista em armas antigas chamada Brenda Wyatt (Roxanne Hart). A história tem de tudo: romance, ficção científica, religião, filosofia, mistério — e o rock do Queen, bem mais avançado que as músicas compostas pelo grupo para filmes como *Flash Gordon* e *Iron Eagle*. Os fãs do Queen vão vibrar. O som da banda é perfeito para estes temas grandiosos — vida eterna, combates do bem contra o mal, seres imortais em lutas terminais.

Ao compasso de 16 milhões de dólares, Mulcahy construiu cenários chocantes, inclusive uma "aldeia escocesa" que o pessoal da Escócia achou que era real. Há lutas pelos telhados dos arranha-céus de Nova York e efeitos incríveis. No momento em que MacLeod mata outro imortal, Fasil (decapitando-o, a única maneira), o poder de Fasil se transfere para ele. Ao redor de MacLeod, seu carro explode em todas as direções, por causa da espetacular transferência de energia.

Sean Connery, como o amigo que ensina tudo a MacLeod, recebeu um milhão de dólares por apenas uma semana de trabalho. Connery ficou entusiasmado quando soube que Mulcahy ia dirigir: "Com toda sua experiência com filmes de rock, vi que ele era exatamente do que o filme precisava".

Mulcahy, por sua vez, ficou seduzido quando leu o roteiro: "É uma das melhores histórias que li nos últimos tempos, e olha que eu tenho lido mil roteiros. Este é um verdadeiro milagre de imaginação". Mesmo que você não seja fã de aventuras deste tipo, vai adorar o filme. Nem que seja apenas pela música de Michael Kamen e as canções do Queen, em momentos inesquecíveis como "Some Kind of Magic", "Princes of the Universe" e uma delirante versão *heavy metal* de "New York, New York".

O ANO DO DRAGÃO

O Ano do Dragão, segundo o horóscopo chinês, é ano de mudanças. Para melhor ou para pior; por bem ou por mal. Chinatown o bairro oriental de Nova Iorque, 1984 o clima anda tenso. As gangues juvenis estão fugindo ao controle dos velhos patriarcas chineses — pelo menos é o que parece. Stanley White, o oficial mais condecorado do Departamento de Polícia da cidade, veterano do Vietnã, é transferido para o bairro. E resolve romper o "acordo de cavalheiros" com os clãs, declarando guerra aberta à máfia amarela. Que, por sinal, está invadindo a área dos italianos.

Stanley quer manipular uma repórter (de origem chinesa!) da TV, pondo a imprensa a seu serviço. Acaba apaixonado por ela. A esposa o abandona. Seus superiores o desautorizam. Seu racismo latente se manifesta, a pretexto de seus traumas de ▶

Fotos: Cortesia Fox Filmes

Foto Alvorada

guerra e de seu orgulho polonês. Bela confusão.

O Ano do Dragão, o filme, tinha tudo para dar errado. Um tema racial delicado demais para um diretor — Michael Cimino — que já tinha sido acusado de preconceituoso, graças ao seu filme de estréia, *O Franco Atirador*. Um enredo complexo, com excesso de personagens e locações, para quem já tinha criado a maior confusão com os produtores em seu trabalho anterior (*O Portal do Paraíso*), que foi lançado, recolhido, remontado, relançado. E fracasso de bilheteria.

E, no entanto, o filme é ótimo. Mickey Rourke, revelado como o Motorcycle Boy do *Rumble Fish* de Coppola, é um Stanley perfeito, durão porém vulnerável. Rourke carrega a revelia, a pecha de "Brando dos anos 80". Merece a comparação, não o rótulo. O ator de teatro chinês John Lone, um tipo à Ryuichi Sakamoto, é o venal Joey Tai, um gângster perigoso, o cérebro de todo o mal. Tracy Tzu, a repórter (gatíssima), é interpretada pela modelo Ariane, das páginas da *Vogue* internacional para as telas. Bom elenco, com o ótimo Rourke à frente.

Mas os méritos são mesmo do polêmico Cimino. As histórias pessoais, do tira honesto em luta contra a corrupção, da jornalista entre a ética, o oportunismo e o amor; da esposa de policial esgotada, e do bandidão tentando introduzir métodos violentíssimos em uma quadrilha patriarcal são magnificamente combinadas com o flagrante das instituições decaídas, o gueto chinês com sua moral particular, a polícia desmoralizada; a conexão da heroína das selvas tailandesas ao submundo nova-iorquino. Tudo isso embalado em um ritmo certeiro de *thriller*, com poucas (e desculpáveis) quedas e uma bela fotografia. *O Ano do Dragão* é um digno herdeiro (ao lado de *Blade Runner*) da tradição do bom filme policial. *A.A.*

COMANDO DELTA

Foto Cinco de Laurentis Productions

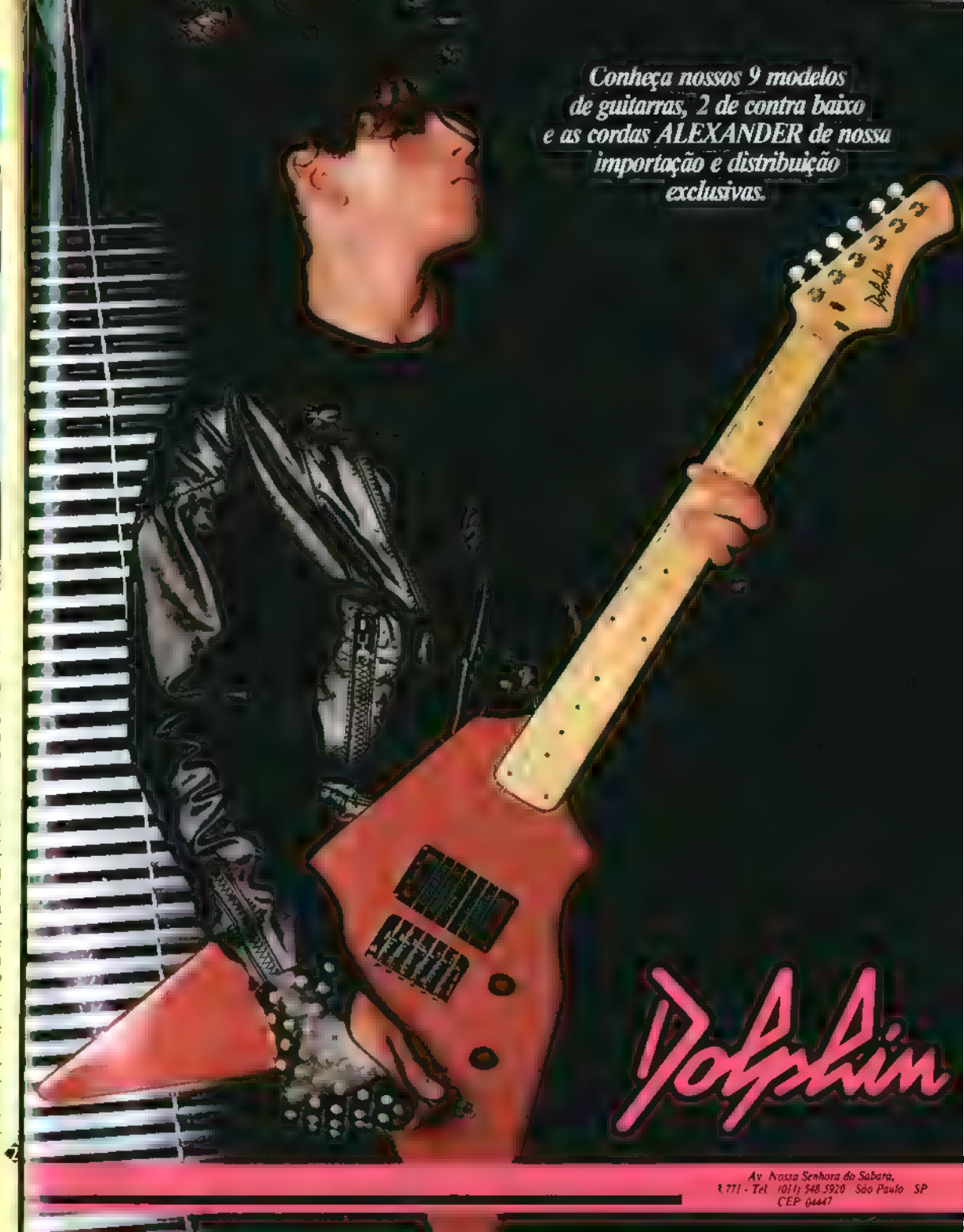
Os durões Chuck McCoy, Norris e Lee Marvin

Golan e Globus, os sócios da emergente produtora americana Cannon, andaram causando sensação no Festival de Cannes. Fizeram contatos e fecharam contratos com diretores de renome mundial, em um momento em que a grana para produção de filmes de arte anda curta... O russo Andrei Konchalovsky (diretor de *Os Amantes de Maria*) teve exibido no próprio festival o seu *Runaway Train*, uma produção Cannon. Hector Babenco é o próximo: vai filmar *Vernonia* com Golan/Globus. *Comando Delta* é a outra face da moeda, o "lado sujo" da Cannon. É daí que vem o dinheiro. Menahem Golan faz economia como dublê de produtor e diretor...

Comando Delta é uma espécie de refilmagem, em boa parte, do famigerado *Resgate em Entebbe*, do próprio Golan. E tão escancaradamente racista quanto aquele. Dois palestinos, retratados — de uma maneira absolutamente parcial — como verdadeiros animais, sequestram um voo americano sobre o Mediterrâneo. Tocam para Beirute. Não dá para ir em paz: no caminho, torturam os fuzileiros americanos de folga e os judeus que estão a bordo. Só fora um russo que fugiu para a América e um padre irlandês.

Essa mirabolante gesta propagandística política não é tudo. Ruim mesmo é o inexpressivo Chuck Norris, um Rambo (mais) mal-acabado. Ele é McCoy, o herói do Comando Delta (uma força especial de combate ao terrorismo). McCoy faz questão de arrebentar, com as próprias mãos, os seus desafetos palestinos, antes de explodi-los com os foguetes que a sua moto negra dispara... Lamentável é arrastar bons atores como Lee Marvin em tal empreitada. Entre as inúmeras farpas políticas — contra Khomeini, contra o governo libanês, representado por um ministro estúpido e trapalhão, e até contra o ex-presidente Carter (em cujo governo, menos agressivo que o de Reagan, "tudo dava errado") — não sobra espaço nem para se fazer uma boa aventura. "Você acha que não temos amigos na América? Ficaria surpreso. Um dia eu mesmo chegarei à Casa Branca dirigindo um caminhão-bomba...", ameaça um terrorista. Te cuida, América. Terrorista é esse filme. Sorte que Golan é incompetente. *A.A.*

A cópia tem vídeo de Comando Delta foi gentilmente cedida pela distribuidora Jan



LANÇAMENTOS

Star Licks Master Series Guitar Instruction Tapes — *Vários* Star Licks

Esta coleção de 10 fitas (50 minutos de duração, cada) oferece um dos mais eficazes cursos de guitarra. São aulas ilustradas com sessões especialmente gravadas por astros do calibre de Brian May (do Queen), Carlos Cavazzo (do Quiet Riot) e Tony Iommi (do Black Sabbath) mais trechos explicando as técnicas de gigantes como Hendrix.

Imagine — *John Lennon e Yoko Ono*, 56 minutos, estéreo hi-fi. Sony

Trata-se da íntegra do documentário que Lennon e Yoko fizeram durante a gravação do álbum homônimo, e inclui sequências filmadas no Japão, na Inglaterra e em Nova Iorque, todas do verão de 1971. Visualmente, é datado — a maioria dos programas da MTV dão de 10 a 0 na tecnologia rudimentar dos anos 70. Por outro lado, são a cara daquela década; ou, por outra, a cara do romance mais fartamente documentado do rock. É importante saber que muito do material aqui incluído já apareceu em trechos dos clips póstumos de Lennon.

The Killer Performance — *Jerry Lee Lewis*. 50 minutos, estéreo hi-fi, Passport Music

Trinta anos atrás o blues teve um bebê com o country e western (a música caipira do sul norte-americano). O nome escolhido para o rebento foi rock'n'roll. Um dos artistas ativos nesta fertilização musical foi o pianista Jerry Lee Lewis, apelidado O Matador. Saio dele clássicos como "Great Balls of Fire" e "Whole Lotta Shakin' Going on". Aqui, num especial de 1984, Jerry Lee recria estes e outros sucessos. Simplesmente imperdível.

PARADA

1	JOHN LENNON LIVE IN NEW YORK CITY — John Lennon
2	THE VIRGIN TOUR-MADONNA LIVE — Madonna
3	LIVE AFTER DEATH — Iron Maiden
4	NO JACKET REQUIRED — Phil Collins
5	PORTRAIT OF AN ALBUM — Frank Sinatra
6	MOTOWN 25: YESTERDAY, TODAY, FOREVER — Vários
7	THIS IS VIDEO CLASH — The Clash
8	SO EXCITED — Pointer Sisters
9	THE BEATLES LIVE-READY STEADY GO! — The Beatles
10	ALABAMA'S GREATEST V DEO HITS — Alabama

Fonte: revista Billboard, publicada em 31 de maio

Peter Gabriel

"SLEDGEHAMMER"

Dirigido por Stephen Johnson

Verrano dos cins. Gabriel é um dos artistas de rock que primeiro — melhor — exploraram as possibilidades da expressão visual de idéias musicais. Ainda com o Genesis, no palco, ele usava roupas e máscaras inéditas em sua riqueza de significado e em sua função: dar ênfase às imagens evocadas pelas músicas. Solo, inaugurou uma sucessão de antológicos com "Mas... — ele, mascarado, ...ve"; cantando e d... escada rolante... de "Shock the... prêmio de melhor... cido pelo público... adultos *Heavy*... — "Sledgehammer" bem-humorada que pouco... existir em Gabriel. "Esta música fala de sexo", explicou Peter numa entrevista. Nada mais justo, portanto, do que iniciar o clip com um espermatozóide fecundando um óvulo. Gabriel, daí em diante, utiliza técnicas de stop-motion não apenas para "movimentar" objetos de cena (como frutas, peixes, móveis e trens), mas para fazê-los mexer os lábios em sincronia com a música.

J.E.B.

Fotos: Hasty A. Studio

NOTAS

Foto: Rui Mendes

■ O **RPM** está perto de se tornar o primeiro conjunto brasileiro com um vídeo de longa duração à venda nas lojas. O empresário do grupo, Manoel Poladian, planeja gravar em vídeo-tape um show do grupo para lançá-lo junto com um disco ao vivo.

■ Este longa do **RPM** poderá ser uma das primeiras inserções brasileiras no novo programa mensal da **MTV** norte-americana, *International Hour*. Cada mês a rede de cabo apresentará uma hora de clips produzidos fora do eixão Europa-Estados Unidos. Já na fila do programa está um clip do brasiliense **Plebe Rude**.

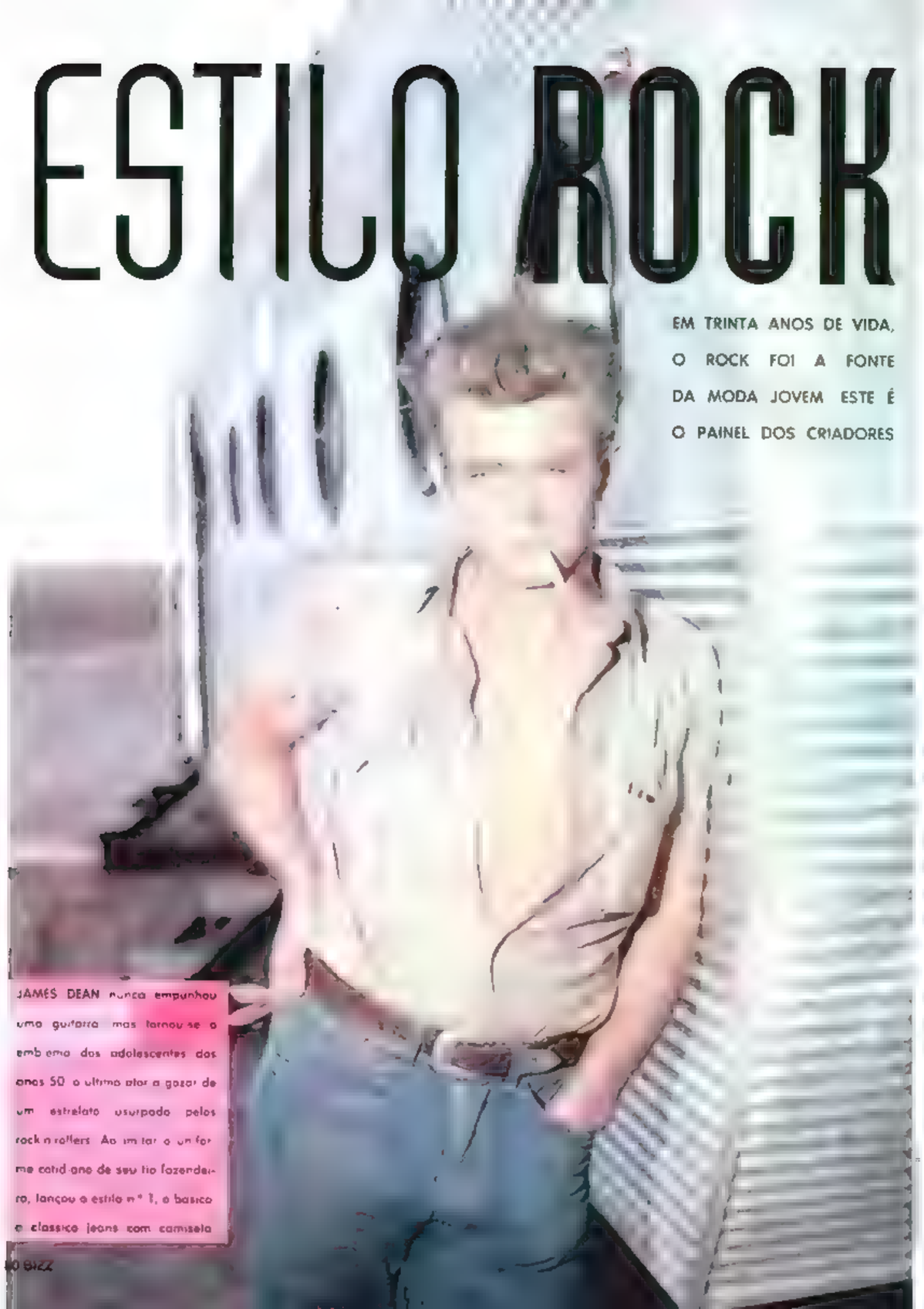
■ E por falar em MTV, quem andou cantarolando junto com os Dire Straits o refrão de "Money for Nothing" ("I Want My MTV") pode começar a escrever cartas iradas para **Rede Manchete**. É que a rede retrocedeu nas negociações que vinha mantendo para incluir oito horas diárias de MTV em sua programação nacional. Aparentemente, a posição da Manchete não mudará.

■ Do departamento "Quando os Titãs Se Encontram": o diretor do novo clip dos **Rolling Stones** — "One Hit (To The Body)" — é o *enfant terrible* **Russel Mulcahy**, conhecido por sua longa associação com artistas como Duran Duran, Queen e Elton John.

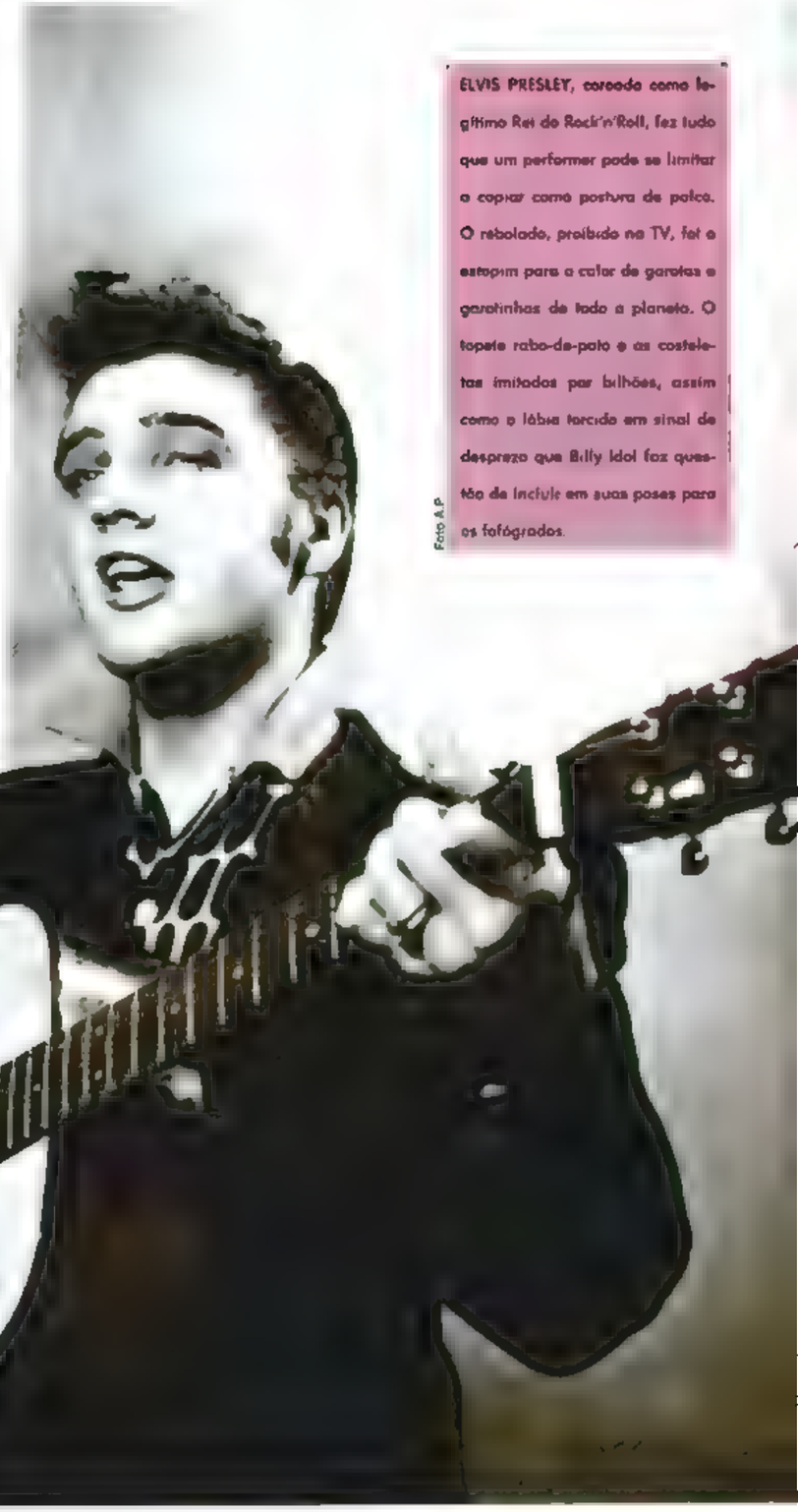
■ Já pintou a primeira TV pirata da Inglaterra, a **Network 21**, que transmite para o sudeste do país todas as sextas após a meia-noite. No cardápio, entrevistas exclusivas — há pouco tempo, convidaram Kenny Morris, o superenrustido ex-baterista do Siouxsie and the Banshees — clips medidos dos Stones e dos Sex Pistols.

ESTILO ROCK

EM TRINTA ANOS DE VIDA, O ROCK FOI A FONTE DA MODA JOVEM ESTE É O PAINEL DOS CRIADORES



JAMES DEAN nunca empunhou uma guitarra mas tornou se o emblema dos adolescentes dos anos 50 o ultimo ator a gozar de um estrelato usurpado pelos rock n rollers Ao imitar o uniforme cotidiano de seu tio fazendeiro, lançou o estilo nº 1, o basico o classico jeans com camisola



ELVIS PRESLEY, coroado como legítimo Rei do Rock'n'Roll, fez tudo que um performer pode se limitar a copiar como postura de palco. O rebolado, proibido na TV, foi o estopim para o calor de garotas e garotinhas de todo o planeta. O topete rabo-de-pato e as costeletas imitados por bilhões, assim como o lábio torcido em sinal de desprezo que Billy Idol faz questão de incluir em suas poses para os fotógrafos.

Foto A.P

J M HENDRIX personificou o personagem batizado como guitar hero (herói da guitarra) simulando cenas de sexo explícito com sua Fender Stratocaster que tocava também de costas e com os dentes. E quando chegou da América em Londres adotou o mais selvagem estilo psicodélico: chapéus com plumas multicoloridas, jaquetas de franja ou casacos de pele, camisa de seda e botinhas. Fazer de tudo na guitarra era um adendo

Os topetinhos e penteados dos BEATLES em início de carreira foram obra do empresário Brian Epstein, para transmitir um ar mais bem-comportado. O modelito adotado depois por Roberto Carlos na Jovem Guarda não durou muito. O quarteto foi se soltando na direção do psicodelismo, até chegar ao gênero Jesus Hippie

LITTLE RICHARD foi o primeiro roqueiro gritter, abusando de maquiagem, plumas e paetês, com o cabelo armado de laquê. Qualquer semelhança com Prince não é mera coincidência.

JAMES BROWN, o ídolo, foi o modelo para a juventude negra, ao soltar o grito: "Sou negro e tenho orgulho disso". Incapaz de parar quieto no palco, faz o gênero super herói muito macho. Get up

Enquanto os Beatles cantavam "quero pegar na sua mão", os ROLLING STONES, bebendo nos mais libidinosos blues, convidavam: "Vamos passar a noite juntos". O estilo do desleixo cool — paletós ligeiramente amassados, cabelos meio desgrenhados — era a regra, quebrada pelo dandy Brian Jones, já o WHO era o porta-voz dos mods, a tribo dos ternos e cabelos de corte impecável, os primeiros a fazer do estilo pessoal um modo de vida e uma exigência.

Foto: Fi

Diz a lenda que a primeira coisa que JIM MORRISON fez com a dinheiro do contrato assinado pelos Doors com sua gravadora foi comprar uma jaqueta e uma calça de couro preto. O mesmo traje vestiu Marlon Brando em *O Selvagem*, o primeiro personagem na linha dos "rebeldes sem causa" vividos por James Dean. Com ele, Morrison encarnava o Rei Lagarto.

JOHN CALE e Lou Reed encabeçaram o Velvet Underground, o grupo nova-iorquino que fez a crônica de um submundo povoado por drogas pesadas e sadomasoquismo. A roupa: todo preto, couro ou não, e indispensável ray-ban escuro. Na produção, uma mão de Andy Warhol, o estilo em pessoa. Não é mais preciso dizer que o Velvet é a principal influência para punks e pós-punks.

Tênis pra toda vida.

Quanto tempo dura um tênis?

Tem um tipo de tênis que as pessoas gostariam que durasse a vida inteira.

É aquele tênis que você mais gosta que quase nunca tira dos pés. É aquele tênis que está acima da modinha comum, ele tem sua própria personalidade.

Olympikus pesquisou muito tempo e desenvolveu a mais alta tecnologia para fazer exatamente este tênis.

Um tênis para você se apaixonar.

Um tênis forte, bonito, moderno, para andar com você em todas as

Base Special Line Náutico Couro Latex

da vida.

...da moda o da nova linha.

...você vai notar um cuidado

...m o acabamento, os

...Evita soft. Exclusividade ...Desenvolvida pelo Centro de ...Olympikus.

melhores materiais e um conforto como nenhum outro tênis tem.

O design e as cores acompanham as mais tendências e variações da moda. Olympikus combina com tudo, mas tem um detalhe: é exclusivo.

O solado é vulcanizado pelo sistema autoclave, o que proporciona uma incrível durabilidade e uma resistência fora do comum.

Na hora em que você pôr um Olympikus no pé, vai sentir toda a diferença. Depois, vai ser muito difícil você se separar dele.

Olympikus não foi criado para ser um tênis igual a todos os outros na sua vida.

Mesmo porque, não existe um tênis como ele.

OLYMPIKUS

Tecnologia e emoção

TEST DEPARTMENT

Minas de carvão, garagens de ônibus e um novo conceito de som. Por *Thomas Pappon*

Numa "martelação geral", em ambientes de acústica especial, melodias apenas sugeridas

Não vamos levar em conta a distância que nos separa da Inglaterra. Tentemos imaginar o rock como alternativa de lazer e realização pessoal de milhares de jovens do mundo inteiro, assim como o futebol. Agora imaginem um time de futebol de salão, com cinco integrantes que jogam juntos desde a infância, num campo sem gols e onde as regras são completamente diferentes, legisladas pelos próprios integrantes do time de acordo com as condições de cada partida. Agora concluamos juntos que tanto faz se eles são ou não os melhores do mundo, mas, se a nova "tática" deles vai de encontro às aspirações populares, se eles são capazes de chamar a atenção de torcedores do mundo inteiro, então temos aí um "time revolucionário"

O Test Department foi formado em 81 na Inglaterra. Cinco rapazes — Angus, Paul, Graham, Paul e Toby — moravam em New Cross, no sul de Londres, e se encontravam nos vastos depósitos de lixo industrial da região para fazer um som, bem ao estilo das poucas bandas que começavam a se utilizar apenas de barras de ferro, ferramentas, molas e engrenagens para fazer música, como o SPK (banda australiana) e o Einstuerzende Neubauten (banda alemã, *Porão* de Bizz 8). Suas primeiras apresentações públicas foram feitas em lugares completamente fora do circuito convencional: estações de trem e de metrô, pontes, enfim, lugares que ofereciam as condições necessárias para uma "martelação geral"

Com esse tipo de apresentações, os integrantes do grupo só sobreviviam graças a pequenas cotas de patrocinadores, até que, em 83, quando a imprensa começou a falar muito neles, o grupo assinou contrato com a Phonogram

Convenceram a gravadora de que seu primeiro disco deveria fugir aos padrões habituais, e lançaram (em 84) uma caixa de papelão com um vasto (e incrível) material impresso e dois EPs de 12 polegadas. *Beating the Retreat* é o nome deste projeto A qualidade sonora é impressionante, e a concepção de todo o projeto é única

Até então, os integrantes do grupo desenvolviam uma imagem de jovens furiosos que faziam o contrário de tudo o que fosse típico de uma banda de rock. Não usavam instrumentos convencionais (criavam os próprios), usavam cabelos quase raspados (todos eles) e se mantinham afastados da imprensa e dos meios de comunicação. A Phonogram ainda investiu num vídeo do Test Department, elaborado pelo grupo e conseqüentemente despojado de qualquer cliché comercial

Seus slogans de shows eram considerados fascistas: coisas como "Êxtase sob Dureza" e "Força pelo Movimento"

Toda a imagem do grupo mudou quando eles se aproximaram dos mineiros em greve na Inglaterra. Atraídos pela causa, o Test Department se ofereceu para fazer shows e excursões a fim de levantar fundos de greve. Se apresentaram em minas de carvão, acompanhados por corais de mineiros (nota, estes corais são tradicionais entre os mineiros ingleses) Tal experiência conjunta resultou num LP lançado em 85, *Shoulder to Shoulder*, mais uma vez um disco emocionante e completamente fora do comum. Em meio a discursos de líderes sindicais e instruções de piqueteiros, o Test Department criava uma impressionante massa de ruídos industriais (em forma de música, com ritmo e melodias sugeridas)

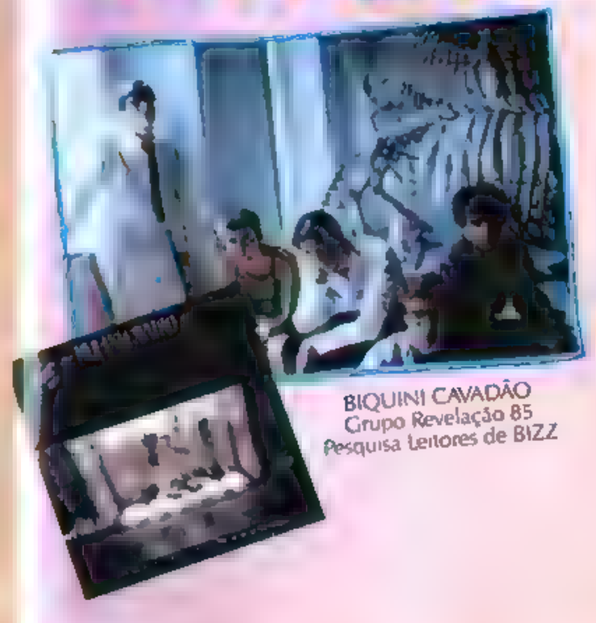
Este ano eles continuam vivendo de salários ínfimos. Saíram da Phonogram e agora estão na Some Bizzarre (selo independente) Acabaram de lançar o novo LP, *Unacceptable Face of Freedom*, e fizeram um show de lançamento que deu o que falar. Ele foi realizado numa garagem de ônibus, e dele participaram artistas plásticos, escritores, ginastas, dançarinos e cineastas, além do grupo. Acharam ainda que, com essa união de forças, deveriam usar outro nome para o show e outras eventuais atividades. O nome escolhido não poderia ser mais adequado: Ministry of Power, o Ministério da Potência (ou Poder). E o LP está indo muito bem nas paradas independentes

A média de idade do grupo é de 24 anos. Têm uma forte ligação com a comunidade que os cerca, e musicalmente estão mais poderosos do que nunca (com a utilização de teclados no novo LP)

Dizem até que as pessoas choram de emoção em suas apresentações.

BIQUINI, CAPITAL e BLUES BOY

ROCK DIGNO DE BIZZ, DE QUALQUER MANEIRA...



BIQUINI CAVADÃO
Grupo Revelação 85
Pesquisa leitores de BIZZ

EM DISCOS E FITAS
PolyGram

DE FALLA

Nove entre dez roqueiros consagrados preferem o trio gaúcho. *Marcel Plasse* explica

Carlo, Biba e Edu K — Bach e Killing Joke em uma alquimia única

Manuel de Falla é um compositor erudito espanhol. Estranho nome para um grupo de rock. Música clássica, no entanto, não é nenhuma novidade para este trio portoalegrense. Carlo, o baixista, utiliza noções de música não cromática — Bach, principalmente — para compor. O guitarrista Edu K por sua vez, empilha no toca-discos Jimi Hendrix, Who, Doors, James Brown e Echo. Enquanto a baterista Biba carrega fitas de Killing Joke e Icicle Works. Esta soma de informações tão diversas acaba produzindo um som elaborado, forte e único.

Quem os conhece pela coletânea *Rock Grande do Sul* nunca os ouviu de verdade. Carlo esclarece: "Chegamos ao Rio pra gravar duas canções em dois dias, e a primeira coisa que o produtor nos diz é que 'Instinto Sexual' tinha que mudar. O resultado é que, na pressa, acabamos tocando mais rápido do que, na verdade, a música é. A mixagem, ainda por cima, ressaltou só a caixa e o bumbo da bateria, abafando os tom-tons — o que alterou completamente o ritmo —, e deixou o baixo supergrave, de tal forma que é impossível distinguir qualquer nota. Nossas canções ficaram lineares, planas, desoladas, ainda com a voz saturada de eco: um ÚÚÚÚ só".

Ao vivo, o som é uma cacetada. São verdadeiros tarados no palco. E com a experiência de, em menos de um ano de atividades, terem tocado com alguns dos grupos importantes do país — Ira!, Capital Inicial e Legião, entre outros —, e se tornarem admirados por eles. "O Renato Russo, por exemplo, disse uma vez, pra imprensa, que só andava escutando De Falla e TNT", lembra Biba. As letras são diretas: "Nada de maturidade/ O que eu quero é trepar", diz uma delas. Vão da sodomia à necrofilia sem traumas. "Coisas da nossa idade", brinca Edu. O velho Freud teria um enfarte.

FINIS AFRICAE

De Brasília, a fornada mais recente, agora em novos sabores... Por *Alex Antunes*

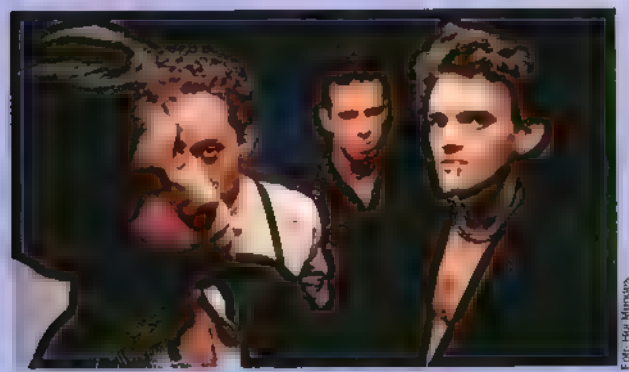


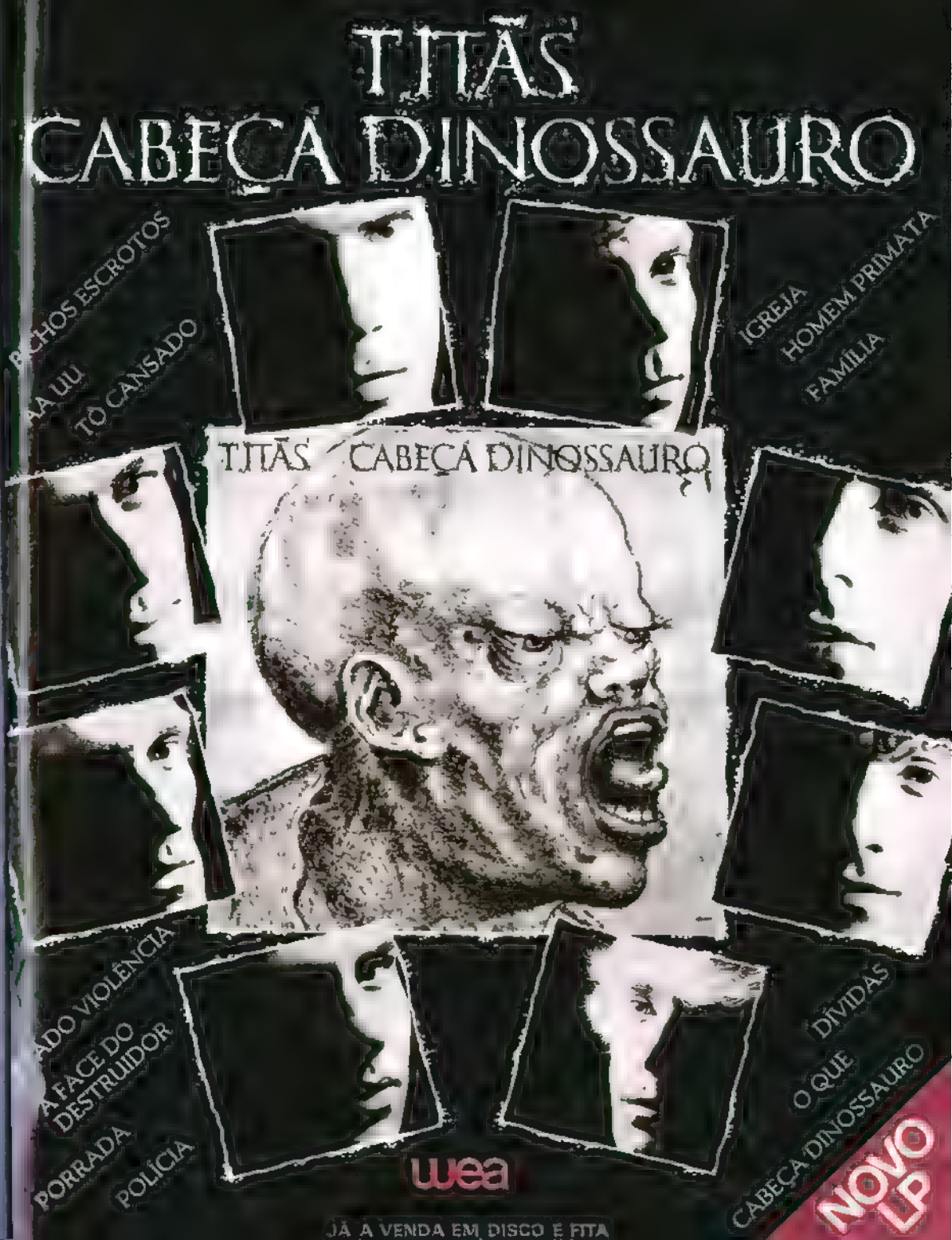
Foto: Hugo Marques

Eduardo, Zezinho, Ronaldo e Neto, do enigma ao sangue

"Good Times", funkão do Chic, abrindo o show?! É. Eduardo, Zezinho, Neto e Ronaldo — sob a esotérica alcunha de Finis Africae, o enigma do romance *O Nome da Rosa* — também são do planalto, mas rezam para outro santo. A terceira geração do rock de Brasília (a primeira, a do mítico Aborto Elétrico, escrachava no punk local, a segunda, da Legião/Plebe/Capital Inicial, invade o país com seu som possante) saiu-se bem mais eclética e suingada. Como a melhor banda na coletânea *Rumores* e com algumas *demo tapes* já emplacadas nas FMs "informadas" do Rio e São Paulo (Fluminense e Estácio; 89 e 97), o cismático Finis está lançando seu mini-LP de estréia.

Entre as seis faixas, há trabalhos mais antigos e sombrios ("Pretérito"), transição ("Mentiras") e aventuras mais recentes ("Armadilhas", "Máquinas do Prazer"). As letras continuam meio pessimistas, vazadas na inflexão *petermurphyana* de Eduardo. Mas a cozinha de Ronaldo (bateria)-Neto (baixo) vem se dobrando ao balanço crioulo, assimilado dos prediletos da Motown e adjacências (Ronaldo: "Black na alma, não na roupa". Gol!).

Zezinho (guitarra) apóia e sugere uma bossa. Mas é ao vivo que eles se resolvem. E aí sai Chic, ou a clássica do velho Aborto Elétrico, "Fátima" (gravada pelo Capital), ou Siouxsie ("Night Shift") ou Bauhaus ("Kick in the Eye")... O que der na veneta. Pique e competência na execução não faltam. O caso é sério — *shake it*.



ABSOLUTE BEGINNERS

DAVID BOWIE

I've nothing much to offer
There's nothing much to take
I'm an absolute beginner
But I'm absolutely sane

As long as we're together
The rest can go to hell
I absolutely love you
But we're absolute beginners
With eyes completely open
But nervous all the same

(refrão)
If our love song
Could fly over mountains
Could laugh at the ocean
Just like the films
There's no reason
To feel over hard times
To lay down the hard lines
It's absolutely true

Nothing much could happen
Nothing we can't shake
Though we're absolute beginners
With nothing much at stake

As long as you're still smiling
There's nothing more I need
I absolutely love you
But we're absolute beginners
Well, if my love is your love
We're certain to suceed

(repete refrão)

TOTAIS PRINCIPIANTES

Não tenho muito a oferecer
Não ha muito a ser conquistado
Sou um total principiante
Mas sou totalmente são

Desde que estejamos juntos
O resto pode ir para o inferno
Amo voce totalmente
Mas somos totais principiantes
Com olhos completamente abertos
Mas nervosos assim mesmo

(refrão)
Se a nossa canção de amor
Pudesse voar sobre montanhas
Pudesse rir do oceano
Assim como os filmes
Não ha razão
Para ficar sentido com os tempos dificeis
Para estabelecer as ordens inflexiveis
É totalmente verdadeiro

Não ha muita coisa que possa acontecer
Nada que não podemos secudir
Embora sejamos totais principiantes
Com nada demais em jogo

Desde que você continue sorrindo
Eu não preciso de mais nada
Amo voce totalmente
Mas somos totais principiantes
Bem, se o meu amor for o seu amor
Nosso sucesso é certo

PROMOÇÃO 4000 LPs

"ACERTE NO SIM OU NÃO"

Nesta edição de aniversário, a Revista BIZZ e as gravadoras RCA, CBS, EMI-Odeon e Polygram dão a você quatro sensacionais pacotes de LPs.

São 4 000 LPs e para ganhar um pacote com quatro deles, responda sim ou não à pergunta referente ao pacote que você escolher.

As primeiras respostas certas que chegarem à redação de BIZZ serão premiadas e o importante é a data de postagem de sua carta.

Siga as instruções e envie sua resposta para a BIZZ o mais rápido possivel.

Bom Som Para Você!

1 - Indique no cupom o pacote de LPs que você quer ganhar
2 - Responda sim ou não para a pergunta correspondente ao pacote e preencha ou copie os outros dados do cupom.
3 - Não esqueça de mandar seu nome e endereço completos
4 - Faça apenas um pedido por cupom.
5 - Os vencedores serão avisados por carta, com as instruções para receber os LPs

Apoio: RCA, CBS, EMI-Odeon e Polygram

A - Rádio Táxi - Matriz (CBS)
B - Culture Club - From Luxury to Heartache (RCA)
C - Zero - Passos no Escuro (EMI-Odeon)
D - Joyd Cole and the Commotions - Easy Pieces (Polygram)

PACOTE 1

"Matriz", a música que dá nome ao novo LP do Rádio-Táxi, já foi gravada anteriormente pelo grupo, num compacto que incluí também o sucesso "Garota Dourada"?

A - Pet Shop Boys - Please (EMI-Odeon)
B - Simple Minds - Once Upon a Time (RCA)
C - INXS (Polygram)
D - Bonnie Tyler - Secret Dreams and Forbidden Fire (CBS)

PACOTE 2

"West End Boys" é uma música em ascensão nas paradas de sucesso dos Estados Unidos, de autoria da dupla inglesa Pet Shop Boys, formada por Neil Tennant e Chris Lowe?

A - Jean-Michel Jarre - Rendez Vous (Polygram)
B - NOX (CBS)
C - The Cult - Love (RCA)
D - Heart (EMI-Odeon)

PACOTE 3

O compositor francês Jean-Michel Jarre, um virtuose no sintetizador, já visitou a China, gravando ao vivo o disco *The Concert In China*, lançado em 1982?

A - Julian Lennon - The Secret Value of Dreaming (RCA)
B - Paralamas do Sucesso - Selvagem? (EMI-Odeon)
C - Judas Priest - Turbo (CBS)
D - Level 42 (Polygram)

PACOTE 4

Julian Lennon teve alguma dificuldade em fazer uma carreira desvinculada da imagem do pai, o cultuado ex-beatle John. *Too Late For Goodbye* é o nome do seu primeiro LP?

Neste quadrado você coloca o número do pacote de LPs que deseja ganhar ☐ Edição N.º 12

Resposta: Sim ☐ Não ☐

Você já participou de alguma promoção da revista BIZZ? Sim ☐ Não ☐

Nome
Endereço
Cidade Estado CEP Sexo
Telefone Bairro Idade

Envie para
BIZZ
PROMOÇÃO
4 000 LPs
"ACERTE NO SIM OU NÃO"
CAIXA POSTAL 2372
CEP 01000 - São Paulo/SP

NANÁ VASCONCELOS

Naná é a origem de todos os seus sons e berimbau

Depois de deixar Naná Vasconcelos viajar por uma hora pelo seu mundo percussivo, perguntei à toa, qual seu signo no horoscopo chinês. "Macaco, como você pode notar", ele respondeu. Curiosa em *notar* ainda mais sobre este gênio brasileiro, ignorado pelo nosso mercado, fui até o *Manual do Horóscopo Chinês*.

Na resenha do capitulo macaco, liam-se frases como: "Eu sou o viajante habitual do labirinto. O feiticeiro do impossível. Meu coração está cheio de poderosa magia, que poderia lançar uma centena de encantamentos..." Melhor definição impossível!

Ele começou, *profissionalmente*, aos doze anos de idade. Ganhei até prêmio." Está agora com quarenta e dois.

Mas foi aos dezenove que teve o primeiro contato com o berimbau quando convidado a participar de uma peça de teatro musicada chamada *Memória de Dois Cantadores*. "Aí tive de aprender o berimbau. Fui autodidata. Ele se tornou o coração de tudo que faço."

Assim, Naná começou a tirar o berimbau do folclore e transferir os sons que arrancava dele para outros instrumentos e, também, sua voz. "Para cada parte ele me inspirou procurar um som com a voz que desse certo com aquela determinada parte. Não o mesmo som, o oposto. Mas os dois juntos formam o timbre. E foi isso que me levou a trabalhar com crianças com dificuldades motoras — para cada parte do meu corpo, procurei uma correspondente no berimbau."

Entretanto, a musicalidade de Naná tem alguns segredos e, para desvendá-los, bastou procurar e o silêncio? "Ah!", respondeu ele, "é a coisa mais difícil. O que está percutido, soa mais quando não toca. Isto que faz a percussão sair do ritmo e ter sua voz, sua harmonia.

A filosofia hindu (não queria acentuar isso porque sou brasileiro) diz que a música está entre uma nota e outra. A percussão está entre uma batida e outra, e todos os ritmos entre um passo e outro (balança o corpo, imitando o andar). Por exemplo, se estou numa floresta e vou para o mar, tenho de ter o cuidado de não quebrar a paisagem... Outra coisa: o que faz o som não é você tocar alto. Trato ele mais como um estado calmo, fazer dinâmica. O segredo do swingue é a simplicidade. Tocar simples exige uma técnica exatamente organica, controle da respiração, equilíbrio. Sou absolutamente livre. No palco, o roteiro muda conforme as coisas vêm. E sou muito disciplinado, uma relação religiosa, até. A técnica é necessaria. Se você não tem, não pode esperar ter a liberdade da música surgir. Mas é muito simples quando você aprende fazendo. Existem duas maneiras básicas, uma é pelos livros e outra é aprender fazendo, com o corpo, o balanço. Na primeira, embora importante, você corre o risco de esquecer. Na segunda, não. Está no teu corpo, como se você tivesse de dar cor, personalidade, torna ao som — pintar o som."

S M

FICHA TÉCNICA

TRADIÇÃO E *NANATRONICS*

Além do berimbau e dos tradicionais instrumentos brasileiros, Naná construiu toda uma miscelânea instrumental que, como ele diz, forma sua orquestra harmônica. Entre ela, o Cacho de Uva (metal), as Cascas de Nozes (madeira), a Árvore de Natal (metal), os Tamancos Sonoros (madeira) e os Gongos (metal).

Dos africanos, Naná trouxe para sua temporada no Brasil o Talking Drum (tambor falante) e o Uduh, originário de Gana (África), feito de cerâmica. A Folha de Zinco dá a idéia de "tempestade/deserto/vento". E, finalmente, o computador rítmico Oberheim DMX. "É uma nova dimensão", explicou ele. "Faz parte do mundo nanatronic, também nome do meu último trabalho, que, espero, saia do Brasil. É uma necessidade do mundo de hoje e você não pode ignorar isso. O difícil é fazer ela respirar. Procuro tocar a bateria eletrônica, e não programar. Dá mais inspiração."

ROCK ROLANDO

MPB ARRASANDO

SOM LIVRE
NAS PARADAS

AIR MAIL

Foto Lesley Gamma Sigla

Fantasmas com sede de sangue. Sessões de ópio em um castelo suíço em noites tempestuosas. Caveiras vivas. Sexo ilícito. Mulheres nuas brincando com ratos. Sim, só pode ser coisa do mesmo título Ken Russell. *Gothic* é o mais novo filme do diretor de *Tommy*. *Mulheres Apaixonadas* e outros irrestritos delírios. Base-se nos acontecimentos — segundo a interpretação russelliana — que inspiraram a criação do *Frankestein* de Mary Shelley. Russell o qualifica de *romantico black*. Depois do sensacional *Crimes de Paixão*, com o fetichaço Kathleen Turner, pode ser o grande estouro do final de 86.

Kerouac também chegou ao cinema. Já tinha chegado, em uma inexpressiva produção americana de alguns anos atrás, da qual só lembro de Nick Nolte no papel de Neal Cassady. Este *O Que Aconteceu com Kerouac?* é um documentário *sério* (colocamos aspas?). Tem entrevistas com Burroughs, Ginsberg, Neal Cassady (o verdadeiro), Ferlinghetti e a família de Kerouac. O proprio aparece, bêbado, em 68, quase antes de morrer. Ginsberg acha o filme "perfeito" (sic). Está em cartaz em Nova York desde maio. E nos trópicos?

Os anfetamínicos pós-punk **X** — a clássica banda de L.A. — também estão com filme na praça. Vi em Cannes. Trata-se de *The Unheard Music*. Uma colagem pop-punk/super 8/vídeo onde o melhor personagem é, claro, a própria Los Angeles. Fartas homenagens aos Doors, incluindo entrevistas com **Ray Manzarek**, ex-produtor do X. Provavelmente jamais passará no Brasil.

Sam Cooke e **Marvin Gaye** estão sendo *descobertos* pelos *soul boys* ingleses da safra 86. "Wonderful World" e "I Heard It Thru' the Grapevine" são temas de dois comerciais extra-cool da Levi's e foram relançados no mercado *por causa disso*. Se não fosse o marketing continuariam desconhecidos. Trágico.

Foto DPI

Kerouac não está longe do universo de **Tom Waits**: estrada, álcool, vagabundos, prostitutas, poesia, blues e um último tango, seja na Las Vegas do sonho de Coppola (*One from the Heart*), um buraco nova-iorquino, ou o *bayou* da Louisiana, pântano em *black and white*. Tom está arrasador no filme de **Jim Jarmusch**, *Down by Law*, outra sensação independente em Cannes, que obviamente não ganhou nenhum prêmio (era bom *demais*). Tom interpreta um disc-jockey desempregado que vai para a cadeia junto com **John Lurie**, o verdadeiro Lounge Lizard, e um turista italiano fascinado pela cultura pop. O resto... é uma história do balaco, um blues doce-amargo do pântano. Duas musicas do excepcional *Ram Dogs* estão na trilha sonora: "Jockey Full of Bourbon" e "Tango Till They Sore".

***She's Gotta Have It*, do neguinho Spike Lee, foi uma das grandes sensações independentes do Festival de Cannes este ano. É um filme exclusivamente *black*, com atores e produção *black*. Trata-se da história de uma garota hiper-sensual, e seus três amantes: um yuppie, uma figura "normal" e um *beat boy*, mestre do rap (o proprio diretor Spike Lee). Filmagem em branco e preto, locações no Brooklyn nova-iorquino e um tremendo senso de humor. E nos trópicos?**

É esta coluna acaba em homenagem a um cineasta: Jim Jarmusch. Porque em dois filmes, *Stranger than Paradise* e *Down by Law*, reconta uma América onde a periferia está em todos os lugares e o centro em nenhum. Porque faz uma sequência não-hollywoodiana de Nicholas Ray. Porque fala de fugas, *outsiders* e sonhadores em branco e preto. Porque acredita, como Samuel Fuller, que "a vida é em cores, mas o branco e preto é mais realista". Espero que o blues *noir* de cool Jim, encharcado de boogie e bourbon, chegue finalmente ao Brasil, mais rápido do que a velocidade dos sonhos.

Pepe Escobar

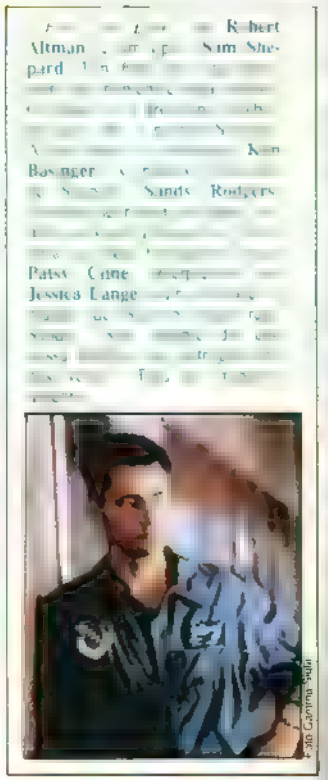


Foto Gamma Sigla

ANA CAYMMI BETO GUEDES RED HOT CHILI PEPPERS ZENO KATRINA & THE WAVES DAVI
MIE CEZAR DE MERCES STANLEY JORDAN PLEBE RUDE HEART LILLO THOMAS LADO B
ADIA KIM CARNES EGBERTO GISMONTI ESCAPE CLUB DURAN DURAN MARA HERBIE HA
XK SAXON MUZAK KATE BUSH ROBERTO RIBEIRO FREDDIE JACKSON JOHN WAITE CLIF
HARD SHEENA EASTON KING KOBRA VINICIUS CANTUARIA ARMOURY SHOW JOE COC
DULCE QUENTAL ZERO DIANA ROSS PET SHOP BOYS QUEEN THOMAS DOLBY TINA TU
F MARILLION RUBAN FRANK ZAPPA TALKING HEADS STEVIE NICKS OS PARALAMAS DO
SSO GRACE JONES IRON MAIDEN PREMEDITANDO O BREQUE COREY HART SIGUE SIGU
TNIK KIKO ZAMBIANCHI PAUL McCARTNEY WHITESNAKE LEGIAO URBANA POWER STA
14 BIS BELOUIS SOME AMERICA DEL LORDS THE J. GEILS BAND GREG KIHN BOB SEGE
EMOS BIZZ QUEREMOS BIZZ QUEREMOS BIZZ QUEREMOS BIZZ QUEREMOS BIZZ QU
RD SHEENA EASTON KING KOBRA VINICIUS CANTUARIA ARMOURY SHOW JOE COC
ULCE QUENTAL ZERO DIANA ROSS PET SHOP BOYS QUEEN THOMAS DOLBY TINA TU
MARILLION RUBAN FRANK ZAPPA TALKING HEADS STEVIE NICKS OS PARALAMAS DO
SSO GRACE JONES IRON MAIDEN PR O O BREQUE COREY HART SIGUE SIGU
TNIK KIKO ZAMBIANCHI PAUL McCAR TESNAKE LEGIAO URBANA POWER STA
14 BIS BELOUIS SOME AMERICA DEL J GEILS BAND GREG KIHN BOB SEGE
ANA CAYMMI BETO GUEDES RED HOT ERS ZENO KATRINA & THE WAVES DAVI
MIE CEZAR DE MERCES STANLEY JOR RUDE HEART LILLO THOMAS LADO B
ADIA KIM CARNES EGBERTO GISMONT CLUB DURAN DURAN MARA HERBIE HA
K SAXON MUZAK KATE BUSH ROBER FREDDIE JACKSON JOHN WAITE CLIF
HARD SHEENA EASTON KING KOBRA VINICIUS CANTUARIA ARMOURY SHOW JOE COC
EMI
ODEON

A REVISTA BIZZ APRESENTA

22 DE JULHO

ÍDOLOS DO ROCK

Esta nova edição de ÍDOLOS DO ROCK traz para você a história dos maiores nomes e das maiores bandas de rock do planeta. Nesta edição: Stevie Wonder, Michael Jackson, Led Zeppelin, Rolling Stones, Van Halen, Simple Minds, Talking Heads, Phill Colins, Sade, Rod Stewart e muito mais. Grátis: 100 adesivos.

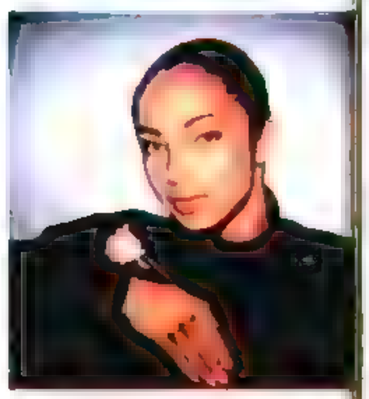
JÁ NAS BANCAS

BIZZ ESPECIAL QUEEN

É uma revista e um poster. De um lado, um superposter, de 83,2 x 109,6 cm. Do outro, a história completa do Queen, com a discografia e tudo.

15 DE JULHO

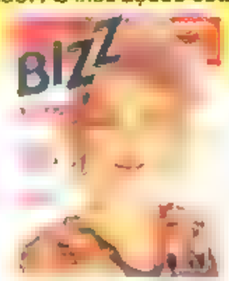
BIZZ ESPECIAL LETRAS TRADUZIDAS

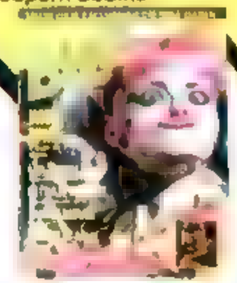


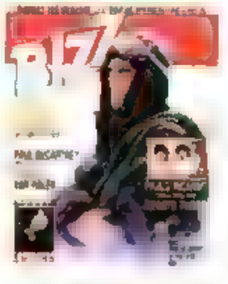
Mais sucessos pra você curtir, com as letras originais e as devidas traduções. Você vai entender o que cantam os Rolling Stones, U2, Iron Maiden, Sting, Lou Reed, Madonna, Dire Straits, Sade, Prince, só para citar algumas feras.

COMPLETE SUA COLEÇÃO DE BIZZ

Se você perdeu algum número de BIZZ ou quer começar sua coleção agora, aproveite esta oportunidade. Você pode comprar qualquer um ou todos os números atrasados de BIZZ, pagando por exemplar o preço de capa da edição que está na sua mão. As instruções estão no cupom abaixo







Desejo receber pelo reembolso postal os números atrasados, assinalados abaixo com um X, pelo preço da última edição em banca, mais despesas postais, que pagarei ao retirar no correio

EDIÇÃO Nº	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11

NOME _____

ENDEREÇO _____

CIDADE _____

CEP _____ ESTADO _____

Envie para: BIZZ Editora Abril / Números Atrasados Estrada Velha de Osasco, 132, Cep 06000 Osasco SP

BIZZ 12

CARTAS SERVIÇOS

CARTAS E SERVIÇOS

ENTRE MORTOS E FERIDOS.

Gostaria que vocês colocassem fim a uma dúvida torturante: é boato ou é verdade a informação de que Robert Wyatt teria morrido em um acidente? Se é boato e ele continua na ativa, quais seus discos gravados após o maravilhoso *Rock Bottom*? Se possível, gostaria de saber também a discografia completa da Alex Harvey Band até a morte do Alex.
Caio Nehring
(São Paulo - SP)

Robert Wyatt se notabilizou como baterista e vocalista fundador do Soft Machine (com Daevid Allen — o australiano, não o do Shriekback —, Mike Ratledge e Kevin Ayers) tendo participado dos quatro primeiros discos do grupo: The Soft Machine *(68)*, Volume 2 *(69)*, Third *(70)* e Fourth *(71)*. *Nesse meio tempo, gravou seu primeiro disco solo* End of an Ear *(70), partindo depois para um novo projeto, o Matching Mole, também na linha da fusão entre jazz e rock. Com essa banda gravou dois discos, em 72,* Matching Mole e Little Red Record. *Em junho de 1973, Robert Wyatt sofreu um acidente, uma queda de uma janela do quarto andar (!), que o deixou paraplégico e incapacitado para a bateria. Deve ser esse o fato que provocou a confusão, visto que Wyatt está vivo e produtivo até hoje. O* Rock Bottom *(74) que você cita foi composto nos seis meses de convalescença do desastre. Wyatt adotou a percussão e o piano como novos instrumentos, continuando a cantar.* Ruth is Stranger than Richard *(75),* Nothing Can Stop Us *(82)* e Old Rottenhat *(86) são seus outros LPs, além de* Animals Soundtrack *(83), trilha de um documentário ecológico contra a matança de animais. Em 84-85 andou emplacando alguns compactos nas paradas, o que o assustou bastante.. Wyatt tem dos nomes mais queridos e respeitados do rock inglês (vide a homenagem dos Tears for Fears em* Songs from the Big Chair*), registrou participações em discos de Brian Eno, Nick Mason, Phil Manzanera e outros músicos. Seu* single *mais recente,* "The Wind of Change" *é uma parceria com Jerry Dammers (ex Specials) em benefício da Swapo, uma organização proscrita, pelo fim da ditadura branca na África do Sul. Quanto à Sensational Alex Harvey Band, a discografia é a seguinte:* Framed, Next, The Impossible Dream, Sensational Alex Harvey Band Live, Tomorrow Belongs to Me, The Penthouse Tapes, Sensational Alex Harvey Band Stories e Rock Drill, *gravados entre 72 e 78. Anteriores a esses, o escocês Alex gravou* Alex Harvey's Big Soul Band, The Blues e Roman Wall Blues, *entre 64 e 76. Já sem Alex, mas antes da morte dele, em 80, a banda rebatizou-se remontou-se* Sensational Alex Harvey Band *(Without Alex) e gravou* Fourplay *(77).*

TROCAS

Gostaria de trocar material (reportagens, fitas etc.) referente a pós-punk, punk rock, new music. Tenho vasto material, desde Sex Pistols até Jesus and Mary Chain e similares. **José Luiz A. Silva, r. Índio Peri, 696, CEP 02633, São Paulo - SP.**

MÚSICOS

Atenção, guitarristas e tecladistas de Porto Alegre interessados em pós-punk e punk rock, estilo Cure, Sisters of Mercy, Cult. Somos baixista e vocalista, sem radicalismos musicais (experiência em rock progressivo, heavy metal, hard rock, punk e jazz-rock), idade 18 e 22 anos. Temos intenção de mostrar um som mais denso aos que, como nós, querem ouvir algo mais real e não as falsas ilusões e idealismos, falsos moralismos e bairrismos. Um compromisso, enfim, de romper as barreiras da padronização e do tédio — viva a anarquia, a vanguarda, a ousadia e abaixo o tédio. Quem for músico e tiver as mesmas ideias entre em contato conosco. **Marcelo Volcato, av. Cristóvão Colombo, 1390/502, CEP 90460, Porto Alegre - RS.**

Sou vocalista interessado em montar um grupo no estilo psicodélico ou new wave. Sou nisseí de 16 anos, e procuro jovens de São Paulo ou Rio. Escrevam-me, falando de si, de suas pretensões, junto com uma foto. **Rui Taró Takeuchi, r. Mariz e Barros, 59/304, CEP 24220, Niterói - RJ.**

Procuro um conjunto de rock que esteja precisando de vocalista conhecedor de todas as tendências (punk, pós-punk, new wave, ska, reggae, funk, heavy, progressivo, tecnopop, dark...). **Alexandre Gomes Pereira, tel. 70-1996, r. Manuel Moura, 65, CEP 94900, Cachoeirinha - RS.**

Estou afim de montar uma banda de rock. Faço letras e gostaria de entrar em contato com um pessoal que toque. O papo é sério. Escrevam-me. **Rogério S. O'Dowd, r. Vicente Pereira de Assunção, 118, CEP 04658, São Paulo - SP.**

FÃ-CLUBES

Ira! Fã-Clube Ira! Caixa Postal 11038, CEP 05499, São Paulo - SP.

Dire Straits Dire Straits Friends, R. São Caetano, 160, CEP 93250, Esteio - RS.

Heavy Metal Heavy Metal Club, A.C. Francisco Lopes Pereira, R. Romeu Martins, 1027, CEP 62780, Caninde - CE.

Simone Fã-Clube Simone — Jura Secreta, A.C. Marcos Vinicius S. Ferreira, R. Chita, 828/102, CEP 21860, Rio de Janeiro - RJ.

Pink Floyd Fan Club do Floyd, A.C. Roger Floyd, Caixa Postal 3034, CEP 01051, São Paulo - SP.

Asia Asia Fan Club, Av. Jardim Japão, 551/21-B, CEP 08200, São Paulo - SP.

Do Departamento "Ai Meu-Deus Que Burrada!": Muamar El Kadafi não é líder da OLP — Organização para a Libertação da Palestina, como consta em uma informação da entrevista do Duran (BIZZ 10). Ele é presidente da Líbia, como todo mundo sabe. Inclusive o Reagan.

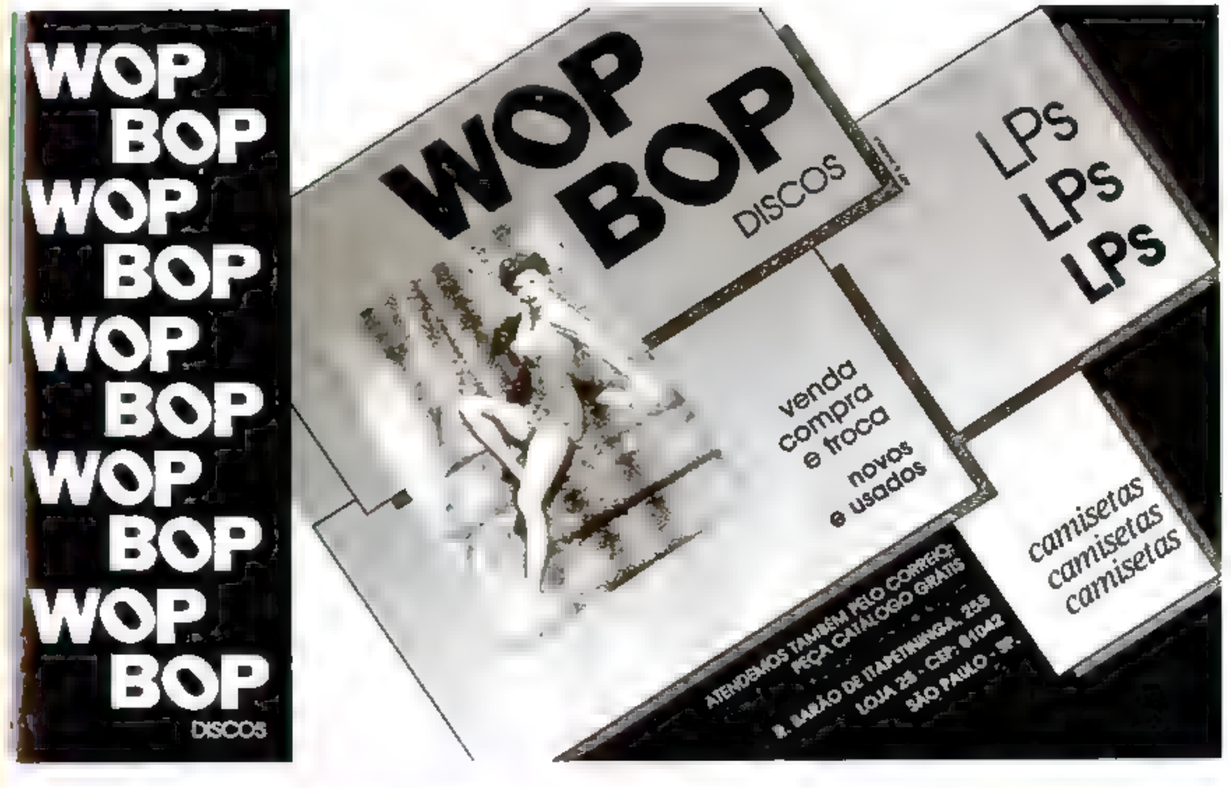


Foto Estúdio Abril

NEVER MIND THE BOLLOCKS, HERE'S THE SEX PISTOLS *(1977)*

"Esqueça os escrotos, aqui estão os Sex Pistols" (tradução aproximada) lembra aquele breve período quando o rock, a moçada britânica — e mesmo a sociedade britânica — foram forçados a cair na real.

É um documento histórico, já era no dia de seu lançamento. A trilha sonora de um golpe cultural planejado com impressionante atenção a detalhes de promoção e "imagem publica" (a cargo de Malcolm McLaren).

O som representa uma caricatura do rock. Assim como o caricaturista exagera os traços dominantes de um rosto, os Sex Pistols eliminaram todos os detalhes supérfluos de um gênero musical já por demais conhecido, projetando o que restara com uma ferocidade deslumbrante.

Um som cru e simples. A bateria (de Paul Cook) nada mais do que adequada, o baixo sólido, presente mas sem nenhum destaque (no disco é Steve Jones quem toca). O timbre da guitarra é sujo e até indistinto, com uma acumulação de *overdubs* (também de Steve Jones) batalhando por espaço — uma guitarra em cima da outra até o som atingir uma força danada mas, mesmo assim, estranhamente impessoal. Cria um clima de música completamente descartável mas que, ao mesmo tempo, pega você pelo pescoço. É um efeito esquisito, fundamental na trajetória da banda. E, acima de tudo, a voz essencial de Johnny Rotten, transmitindo ódio e desprezo levados ao extremo.

Já as letras carregam uma acusação. São difíceis de traduzir — mil imagens, uma atrás da outra, com muita gíria e trocadilhos. E eles saltam chegar na hora certa. "God Save the Queen", por exemplo, já havia sido lançada em compacto para coincidir com a celebração do Jubileu de Elizabeth II, e começa assim: "Deus salve a rainha, o regime fascista fez de você um imbecil, bomba H em potencial .. Deus salve a rainha, ela não é um ser humano, não há futuro nos sonhos da Inglaterra". (O papel de Sid Vicious na banda era exemplificar este imbecil.) Provocação máxima: durante um tempo, Johnny Rotten nem podia andar na rua sem sofrer agressões.

Criaram também a maior confusão nas negociações com as gravadoras. Estiveram sob contrato com a EMI (rescindido pouco depois) e saíram da A&M antes que as assinaturas tivessem tempo de secar. As rescisões dos contratos deram uma bela grana ao grupo. Referem-se a isso na faixa "E.M.I.": "E vocês acharam que estávamos fingindo, que nós todos só queríamos dinheiro, vocês não acreditam que somos para valer, ou perderam sua atração barata — como a E M I "

Seus alvos eram a complacência e a rigidez não só em formas musicais, como também da sociedade que as valorizava e mantinha.

Se fosse apenas uma questão de garra e raiva, o disco não representaria mais que "um novo marco no rock"; e, no fundo, ele não apresenta mais que a mesma bobagem de sempre. O que tornou a posição dos Pistols imprecedente foi que este desprezo estendia-se até o que eles próprios tocavam. A garra de Johnny Rotten era alimentada pelo ódio ao rock, o que não excluía o som dos Pistols.

O grupo estava programado para destruir e se autodestruir.

A tensão sonora vem do fato que explode e implode ao mesmo tempo. Não deixavam ninguém esquecer que, apesar de toda sua intensidade, estavam mesmo era chovendo no molhado.

Paradoxalmente, foi o que trouxe tanto sucesso. 1976 será lembrado como o ano em que o rock foi ridicularizado ao ponto de se reduzir a uma piada, na Inglaterra. O ano em que toda uma geração foi acordada e ordenada em busca de novas linguagens musicais, e também de novos meios de divulgação que não dependessem do poder das gravadoras. E esses meios ainda estão abertos.

Peter Price

Editora Abril

Editor e Diretor ...
Diretores ...

BIZZ

Diretor-Gerente ...
Diretor de Grupo ...
REDAÇÃO
Editor ...
Consultores Especiais ...
Secretária de Redação ...
Assistente de Redação ...
Chefe de Arte ... Chefe de Paginação ...
Produtor de Texto ...
Atendimento ao Leitor ...
Colaboradores ...

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press Gerente ... Escritórios ...
Departamento de Documentação Gerente ...
Serviços Fotográficos Gerente ...

Gerente Comercial ...
Gerente de Publicidade e Promoções ...
São Paulo Supervisor de Publicidade ...
Representante ...
Coordenadora de Publicidade ...
Assistente de Promoções ...
Interior de São Paulo ...
Rio Supervisor de Promoções ... Representante ...
Belo Horizonte ...
Brasília ...
Curitiba ...
Florianópolis ...
Fortaleza ...
Porto Alegre ...
Recife ...
Salvador ...
Gerente de Anúncios para Terceiros ...
Diretor de Propaganda ...
Diretor Administrativo ...

EDITORA ABRIL
Diretor Editorial Adjunto ...
Diretor de Marketing Publicitário ...
Gerente de Promoção e Venda de Espaço ...
Diretora de Pesquisa e Análise de Mercado ...
Diretor Adjunto de Circulação ...
Diretor da Sucursal Brasília ...
Diretor do Escritório Rio de Janeiro ...
Diretor de Atendimento ao Governo e Escritórios Regionais ...

Diretora Responsável ...

Bizz ... São Paulo Redação, Publicidade e Correspondência ... Administração ... Escritórios: Belo Horizonte ... Brasília ... Curitiba ... Florianópolis ... Fortaleza ... Porto Alegre ... Recife ... Rio de Janeiro ... Salvador ... Distribuição em Portugal ...

Números atrasados ...

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

RAYCES

Moda jovem para gente jovem.
Malha 100% algodão.

Entre nesta moda e conquiste quem você ama.
COMPRE PELO REEMBOLSO: CORREIO VOCÊ USA, VOCÊ CONFIA.

FAÇA JÁ
o seu pedido
por carta ou
telefone
(011) 520-0611
c/ Idalina.

GARANTIA: Você receberá sua camiseta bonita, como na revista. Caso contrário poderá devolvê-la, que restituímos seu dinheiro.

Camisetas por apenas **Cz$ 59,90** cada
Shorts por apenas **Cz$ 99,90** cada

TAMANHOS
P.M.G.

Envie o seu cupom para JR SOUSA RIBEIRO - CAIXA POSTAL 66.088 - CEP 05390 - SÃO PAULO - SP

À JR SOUSA RIBEIRO - C.P. 66.088 - CEP 05390 - São Paulo/SP
De 1 a 5 peças, apenas pelo preço à vista

CONDIÇÕES ESPECIAIS - Para pedidos de 6 ou mais peças (camisetas e/ou shorts)
☐ Anexo Cheque Nominal à JR Sousa Ribeira com 10% de desconto ☐ Anexo Vale Postal à JR Sousa Ribeiro com 10% de desconto ☐ Prefiro pagar ao retirar a mercadoria no Correio de minha cidade
Pagarei + Cz$ 25,00 de despesas com remessa

REF	QUANT	TAM		PREÇO
VALOR DO PEDIDO				
DESCONTO ESPECIAL				
VALOR A PAGAR				

Nome
End
Bairro
CEP Cid
Est

Para receber sua encomenda sem atraso, ESCREVA o CEP corretamente no cupom resposta

Preços especiais para REVENDEDORES E ATACADISTAS: fale com MIRIAM pelo tel. (011) 520-0611
Peça, também, **catálogos** com as últimas novidades

BZZ 1c

Claudette Poodle

& SUA POLAROID

Foto Carmina Viana

Dinastia por dinastia, eu ainda prefiro esta — pelo menos ninguem chega perto de um microfone além do papal Mick. Notem as gracinhas em que se converteram Karis (filha do Lábios de Borracha com a cantora Mersha Hunt), segurando o baby da madrasta no colo, e Jade, filha de Bianca.

Um grande beijo para a leitora desta revisticu a e fã desta que vos cochicha, a simpaticissima **Marcia Mira**, que me mandou uma carta emocionante "O elogio corrompe" já dizia meu mestre de cabeceira **Nelson Rodrigues**, mas mesmo assim a gente gosta. No mais, Marcia é uma garota cheia de sensibilidade e compaixão, ela se diz cheia de dó e pena do grupiculo **Tokyo**, pelo massacre que tem recebido da crítica. Pois pena eu sinto da cabecinha desprovida de neurônios que escreveu na *Folha de S. Paulo* do dia 9.5 uma matéria comparando a performance em palco do **Supla** a **Ian Curtis** e **David Bowie**. Só uma coisinha: o atestado de burrice não veio assinado. **Claudette Poodle**, à frente de um exército de admiradores do **Joy Division**, exige a identidade do responsável

Desde que **David Cassidy** e **Donny Osmond** penduraram as chuteiras, não se via ataques de histeria infanto-feminina-juvenil como os que sacudiram os ginasios do Ibirapuera (SP) e do Maracanàzinho (RJ) em maio. No palco, claro, o quarteto **RPM** encabeçado pelo galante **Paulo Ricardo**. Uma daquelas raras ocasiões em que pude tirar do bolso meu clichê favorito do jornalismo musical — "não há sequer um assento seco em todo o auditório!". Dizem que com o **Menudo** foi parecido, mas naquela epoca eu habitava regiões mais civilizadas do planeta. O grande lance da noitada carioca, porém, foi a tietagem pos-show nos bastidores. Eu vi três décadas de estrelismo em um abraço enternecedor. Ou seja: **Paulo R., Ney Matogrosso** e o cineasta **Caetano Veloso**, este embasbacado ainda com a versão de "London, London" detonada pela primeira vez sem sotaque baiano. Na saida, não foi facil escapulir do batalhão de fãs que ansiosamente aguardava uma oportunidade para gentilmente arrancar o escapo e outros possiveis souvenirs do Paulinho. Bem que eu falei para o **Carlos Arruda** botar a belezoca nua no poster, mas ele ficou da cor que caracteriza a leguminosa denominada "pimentão". Afinal, nos estamos aqui para vender revista ou para passar cultura e informação?

A história nunca se repete, apenas como farsa, escreveu o filósofo. Eis ai uma belissima premissa teórica para enquadrar todo o chamado "rock brasileiro" em um só saco de gatos. A ultima vitima parece ser o honorável desbocado **J. L. "Lobão" Woerdenberg**, como candidato a **Jim Morrison** tupinambá. Não contente em engordar algumas dezenas de quilos, o selvagem canino-da-estepe deixou sua gravadora careca em sua ultima visita a São Paulo. Que-nam falar com o artista e ninguém atende a. Onde estava? Onde estava? Eu vi esticadão na banheira, como um picles na salmoura

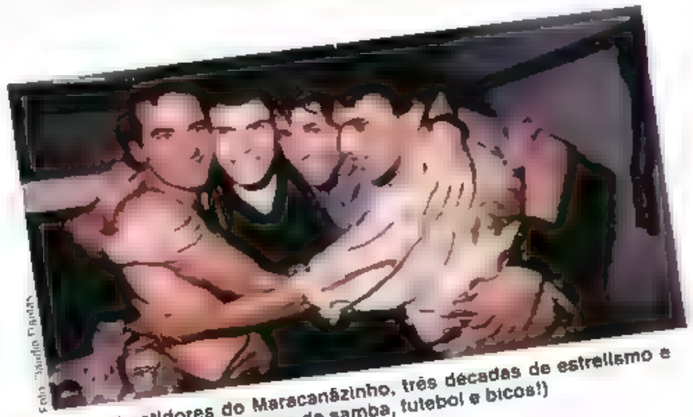


Foto Sandra Regalado

Nos bastidores do Maracanãzinho, três décadas de estrelismo e um penetra (E Brasil, terra de samba, futebol e bicos!)

MES QUE VEM NA BIZZ

TEM:

BILLY IDOL

LEGIÃO URBANA

O HISTÓRICO DOS COCTEAU TWINS

TITÃS

RECEBA JÁ EM SUA CASA

camisetas com estampas Hot adesivas importadas, super coloridas

NOVIDADE: Pode ser aplicada na frente ou nas costas da camiseta é só você escolher

CAMISETAS

Nas cores: Vermelha - Verde - Amarela Branca e Preta

Tamanhos P M G

CAMISETAS E ADESIVOS

Despachamos em 48 horas para todo o Brasil os pedidos acompanhados de cheque nominal.

O FRETE É GRÁTIS (NA COMPRA DE 5 OU MAIS CAMISETAS)

PROMOÇÃO ESPECIAL: Na compra de 3 camisetas você ganha 1 estampa com adesivos atrás à sua escolha

Camisetas 100% algodão nas cores da moda com corte e caimento perfeitos.
Passe a camiseta sempre pelo lado do avesso

CUSTOS
CAMISETAS
Normais: Cz$ 78.00
Estampadas: Cz$ 80.00
Super adesivos das estampas Cz$ 40.00
Medidas: 25x25 cm, em média

SUPER ADESIVOS
(No mesmo tamanho das estampas

Enviamos separadamente para serem aplicados em: Livros, cadernos, móveis, janelas ou onde você quiser

Sendo ao grande atraso do correio, só aceitamos cheque nominal, vale postal ou ordem de pagamento. Ou faça seu pedido por telefone (011) 61-3701

Envie pedido e cheque nominal para
HOT HITS ARTIGOS PARA O VESTUÁRIO LTDA
Av. Santo Amaro, n.º 4438 - s/ 12 - CEP 04556 - SP Capital
ou ordem de pagamento para a conta n.º 58141-0
Ag. 0120 - Bradesco - SP

ATENÇÃO Para pedir — Bizz 12
É só escolher a estampa (através da referência), assinalar se quer a estampa na frente ou nas costas da camiseta, escolher cor, tamanho e quantidade de camisetas. Mande seu pedido junto com este cupom, caso não queira estragar a revista faça o pedido em folha separada.
"MENCIONAR O NUMERO DESTA EDIÇÃO"

REF	COR	TAM	FRENTE	COSTAS

Se a Cidade fosse revista, seria BIZZ

Cidade e Bizz falam com o mesmo público.
A diferença só está na forma.
A Cidade vem com o som, com a fala, com a voz dos novos tempos.
Bizz entra com a cor, com o enfoque, com a notícia.
Com apenas 1 ano de vida, Bizz foi eleita pelo público a melhor revista musical do país. A Rede Cidade se orgulha disso, e muito, porque acreditou em Bizz quando ela ainda não passava de uma idéia.

Parabéns!

RÁDIO CIDADE FM

Casa Bevilacqua

O INSTRUMENTO CERTO PARA O MÚSICO CERTO.

INSTRUMENTOS MUSICAIS E ACESSÓRIOS •
MÉTODOS E PARTITURAS •
NACIONAIS E IMPORTADOS •

BIZZ 12

APRESENTE ESTE ANÚNCIO E TENHA 5% DE DESCONTO EM QUALQUER COMPRA.

Rua Quintino Bocaiúva, 22 - 1º Andar

Rádio 89 FM

89 FM

A ESTAÇÃO DO ROCK

RÁDIOAMADOR
APRESENTAÇÃO
RITA LEE
AO VIVO
TODO SÁBADO
ÀS 18 H.

SISTEMA JORNAL DO BRASIL

DESCONTRAÇÃO NAS ONDAS DO RÁDIO

- BEP BOP WOOGIE - Lançamentos
4.as e sábados das 22 às 24 hs.

- REINAÇÃO - Raridades
5.as das 22 às 24 hs.

- SURF REPORT - Hard Core, Rock
Anos 50 e novos nacionais.
6.as das 18 às 19 hs.

- ROCKSTROTE - Progressivo
6.as das 23 às 24 hs.

- RÁDIO MATRACA - Humorístico
sábados das 14 às 15 hs.

- SESSÃO ROCKAMBOLE - Heavy Metal
domingos das 15 às 17 hs.

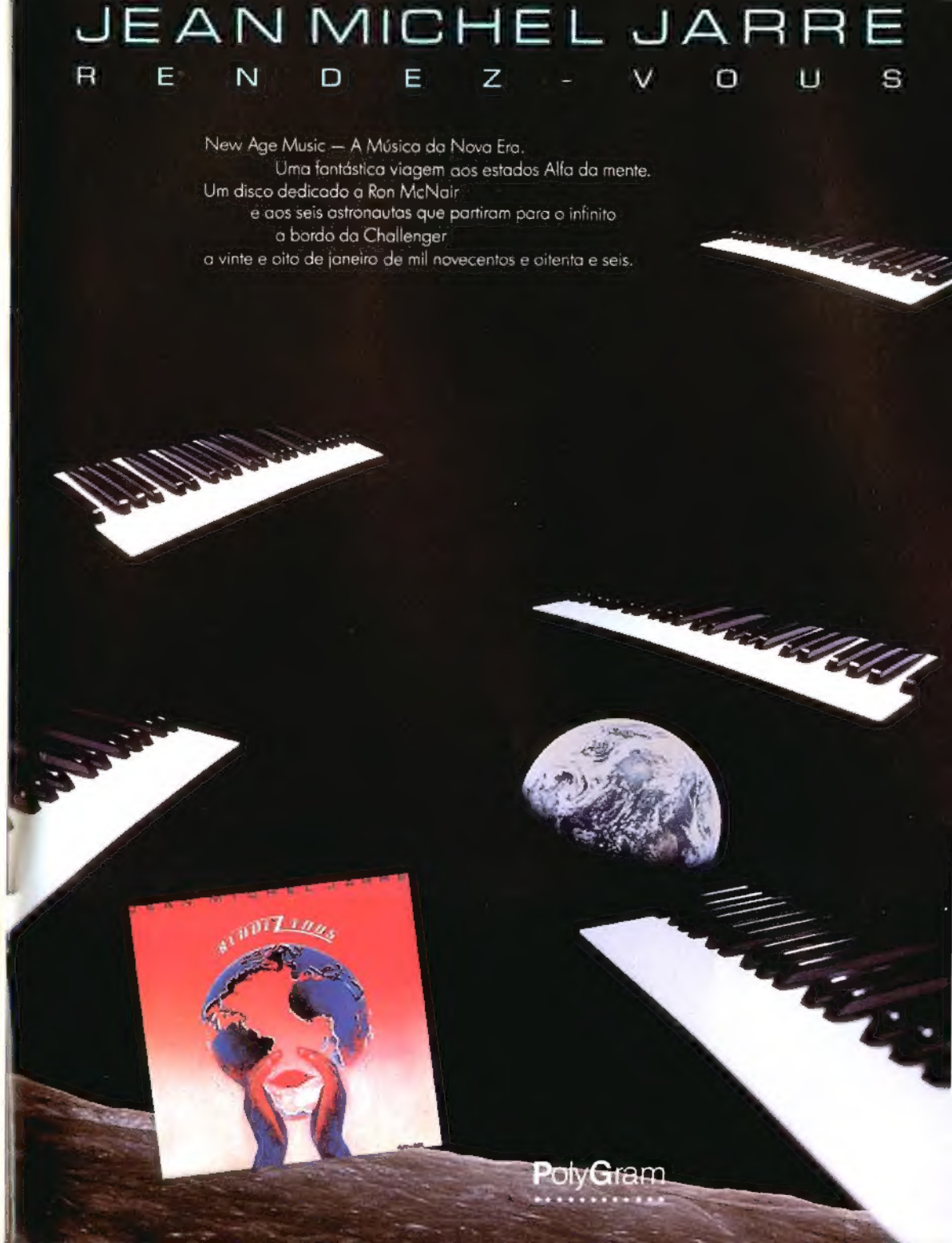
FM 97

SURF REPORT

JEAN MICHEL JARRE

R E N D E Z - V O U S

New Age Music — A Música da Nova Era.
Uma fantástica viagem aos estados Alfa da mente.
Um disco dedicado a Ron McNair
e aos seis astronautas que partiram para o infinito
a bordo da Challenger
a vinte e oito de janeiro de mil novecentos e oitenta e seis.



PolyGram

BIZZ
PAULO RICARDO

TESÃO!

OS PIRATAS PEDIRAM:

RPM AO VIVO

VEM AÍ O LP
DO MAIOR
SHOW DE ROCK
DE TODOS OS TEMPOS:

RÁDIO PIRATA O SHOW

INCLUINDO
LONDON LONDON
FLORES ASTRAIS
E OUTROS SUCESSOS

RESERVE JÁ O SEU
EM DISCOS E FITAS

CBS